



Segredos do coração

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 78



Livros Abril
Título original: **"No Time for Love"**
Copyright: © Cartland Promotions 1976
Tradução: Maria do Rosário Sobral
Copyright para a língua portuguesa: 1983 Abril S.A. Cultural e Industrial — São Paulo
Esta obra foi integralmente
composta e impressa na
Divisão Gráfica da Abril S.A.

Larina nunca pensou que coisas tão maravilhosas pudessem lhe acontecer, e justamente no momento em que o desespero e a solidão começavam a dominá-la. Primeiro, o convite inesperado para passar alguns dias naquela linda villa, em Nápoles. Depois... Winstan! Ele parecia um deus do Olimpo, belo, forte, perfeito. Desde o primeiro minuto, tinha se apaixonado, e agora sabia que era correspondida. Mas, mesmo sublime, aquele amor estava condenado. Era um sonho louco, totalmente impossível. Só Larina sabia por que não tinham direito à felicidade. E esse segredo ela guardaria para sempre, a qualquer preço!

CAPÍTULO I

1904

Subindo a Wimpole Street, Larina Milton lembrou-se de que os Barrett tinham morado ali.

Seu pensamento voou até o quarto onde Elizabeth Barrett tinha permanecido deitada ano após ano, pensando que era uma inválida incurável, até que, subitamente, Robert Browning apareceu em sua vida e tudo mudou.

“Como amo você? Deixe que lhe diga como. Meu amor é profundo, sem dimensão... Minha alma pode atingir.

Larina recordou aquelas bonitas palavras, imaginando que algum dia sentiria o mesmo por algum homem.

Supondo que um homem como Robert Browning aparecesse neste preciso momento e pedisse-me para ir embora com ele para a Itália, será que eu aceitaria?

Riu da bobagem que pensara, sabendo que nunca teria a coragem de Elizabeth Barrett.

Suspirou.

Não existe nenhum Robert Browning para mim, disse a si mesma. Tenho é que ser prática e encontrar um emprego.

Sua mãe costumava ralhar com ela freqüentemente por passar o dia sonhando, deixando que a imaginação a tirasse da rotina do dia-a-dia, levando-a até um mundo de fantasia, onde conseguia se esquecer de tudo mais.

Trabalho! Trabalho!

A palavra parecia se repetir automaticamente em sua cabeça, mas Larina sabia que não ia ser fácil.

As mulheres da sua classe social não trabalhavam: ficavam em casa, com os pais, até casarem. Então, tomavam conta da casa e do marido, tendo vários empregados para fazer o trabalho doméstico.

Mas essas eram mulheres, ou melhor, senhoras, que tinham dinheiro, pensou Larina, estremecendo com medo do futuro.

Haviam gasto o último centavo com a mãe doente. Mas o dinheiro não

foi suficiente para salvar a vida da Sra. Milton. Quando ela morreu, o mundo de Larina desmoronou.

Nunca tinha refletido sobre o que aconteceria se ficasse só, sempre animada com a esperança de que a mãe ia viver, de que suas preces seriam atendidas, e otimista em relação ao futuro.

Mais uma louca fantasia!

Distraída com seus pensamentos, Larina percebeu que já tinha passado o número 55, que estava procurando. Voltou, e mais uma vez imaginou o poeta Robert Browning andando pela Wimpole Street paia chegar à casa de Barrett.

Devia ir alegre e andando depressa, ansioso por voltar a ver Elizabeth.

“... amo você profundamente, com sorrisos, lágrimas, com toda a minha vida! E se Deus assim quiser, amarei você mais ainda depois de morrer.”

Larina pensou que Elizabeth devia ter escrito aquelas palavras porque a morte era uma constante a seu lado e em seu pensamento também.

Como tinha tanta certeza de que conseguiria sobreviver? Como podia saber que, estivesse onde estivesse, estaria pensando e amando Robert?

Não havia resposta a estas perguntas, e Larina começou a subir as escadinhas que levavam ao número 55.

Ficou ali, olhando para a feia porta verde, com um batente e uma caixa de correio.

Vou jogar dinheiro fora, vindo aqui, disse a si mesma. Com certeza custará um guinéu, ou talvez dois, e não posso gastar esse dinheiro.

Hesitou. Não seria melhor ir embora?

Sentia-se muito bem, não devia ter nada errado, mas o Dr. Heinrich tinha feito com que promettesse que, um mês depois de sair do sanatório, consultaria *sir* John Coleridge, médico da família real.

— Embora eu acredite que não há o menor perigo de você ter contraído tuberculose de sua mãe — acrescentara ele num mau inglês.

— Tomei todas as precauções que o senhor mandou — respondeu Larina. — Nunca estive com os outros doentes.

— Você foi uma acompanhante exemplar, Srta. Milton. Muito diferente de alguns parentes que só dificultam o meu trabalho com os pacientes.

— Serei eternamente grata pela gentileza que teve com mamãe.

— Se ao menos ela tivesse vindo antes — suspirou o Dr. Heinrich. — Nem calcula como fico, quando perco um doente. Mas sua mãe já tinha os pulmões muito atacados ao chegar aqui para fazer o meu tratamento ou mesmo para que o magnífico ar da Suíça pudesse ter algum resultado.

— Mamãe era muito nova, pensei que isso a ajudasse.

— Ajudaria, se ela tivesse vindo ao menos um ano antes. Nesse caso, acho que poderia salvá-la. — Fez uma pausa e acrescentou: — Vou ser franco, Srta. Milton, sua mãe não ajudou como devia. Se um paciente deseja viver, se ele se agarra à vida, isso muitas vezes é muito mais eficaz do que qualquer remédio.

— Mamãe sentia muita falta de meu pai. Eles foram muito felizes. Ela me disse que perdê-lo foi como perder parte dela própria. Não tinha mais razão para viver.

Havia um soluço de dor em sua voz, que fez com que o médico acrescentasse, num tom diferente:

— Agora temos que pensar em você. Tem idéia do que vai fazer?

— Vou voltar para Londres. Depois que papai morreu, minha mãe alugou uma pequena casa em Belgravia, que está desocupada neste momento.

— Fico satisfeito em ouvir isso. Aprendemos a gostar da senhorita e não gostaria de pensar que ficaria sozinha, sem ter para onde ir.

— Não precisa se preocupar comigo — respondeu Larina, com um otimismo que estava longe de sentir.

Nesse momento, ainda não sabia que o dinheiro deixado pelo pai já havia acabado. Só teria esse choque ao chegar de volta à Inglaterra.

— Tem que me prometer uma coisa — disse o Dr. Heinrich.

— O que é?

— Um mês depois que chegar a Londres, vai consultar meu amigo, *sir* John Coleridge, e pedir-lhe para lhe fazer um *check-up*. Já fiz todos os testes possíveis em você, mas temos que ser realistas: conviveu quase um ano com pessoas contaminadas por uma doença que praticamente ainda não tem cura.

— Será que algum dia vão encontrar a cura para essa doença devastadora?

— Há cientistas fazendo pesquisas ininterruptamente. Tenho que dizer, sem falsa modéstia, que até agora o tratamento de mais sucesso tem sido o meu. Não é visto com muito bons olhos por colegas mais conservadores, mas alguns de meus pacientes vivem aqui com uma razoável saúde.

— Todos falam muito bem do senhor.

— Mesmo assim, tenho os meus fracassos. Sua mãe, infelizmente, foi um deles. Por isso é que quero que me prometa fazer um exame não só daqui a um mês, mas novamente daqui a uns seis meses.

Reparou na expressão de Larina e acrescentou:

— Não quero assustá-la. Não há praticamente nenhum perigo de ter contraído a doença de sua mãe ou de outro paciente, mas a experiência me diz que prevenir é melhor do que curar.

— Prometo!

— Depois de examiná-la, *sir* John dirá quando deve voltar. Faça exatamente o que ele lhe disser.

Larina concordou com a cabeça.

Seria muito indelicado e ingrato argumentar com o Dr. Heinrich, depois de tudo que ele tinha feito.

Como seu pai era médico, o Dr. Heinrich fizera a ela e à mãe preços especiais em seu caro sanatório.

Mesmo pagando muito pouco, gastaram mais do que poderiam, mas, custasse o que custasse, era a única maneira de tentar salvar a Sra. Milton.

Fazendo um esforço, Larina levou a mão à campainha do lado da porta. Ao fazer isso, reparou num aviso:

“A campainha não funciona. Por favor, bata na porta. ”

Bateu duas vezes e esperou.

Por uns momentos não se ouviu ruído algum; depois, passos se aproximaram e a porta se abriu.

Esperava ver uma empregada, mas em vez disso apareceu um homem, usando uma sobrecasaca preta, colarinho engomado e uma gravata preta, impecável, com um alfinete com uma grande pérola.

— Tenho hora marcada com *sir* John Coleridge — disse nervosa.

— É a Srta. Milton? Estava esperando por você. Entre.

— O senhor é *sir* John?

— Sou.

Larina entrou e fechou a porta.

— A minha secretária saiu para almoçar — disse ele, sabendo que Larina acharia estranho que ele abrisse a porta — e as empregadas estão com gripe, uma doença muito em moda nesta época do ano!

— Sim, é claro.

Sir John atravessou o hall e entrou numa sala que dava para os fundos da casa.

Era um consultório típico e familiar para Larina. Havia uma mesa forrada de couro, imponente, e uma pesada cadeira. Encostado a uma das paredes, um diva meio escondido por um biombo e uma estante com livros de Medicina.

Numa mesa, em cima de um pano branco, estavam vários instrumentos cirúrgicos.

— Sente-se, Srta. Milton — disse *sir* John, sentando-se também e pegando numa carta do Dr. Heinrich. Colocou os óculos e leu a carta com toda atenção. — O Dr. Heinrich informa que sua mãe morreu de tuberculose. Pede-me para examinar você e me certificar que não contraiu a doença.

— O Dr. Heinrich me examinou antes de eu sair do sanatório e todos os resultados foram negativos.

— É o que ele diz na carta — falou *sir* John, com um leve tom de reprovação, como se ela tivesse antecipado o que ele ia dizer a seguir. — Lamento saber que o Dr. Heinrich não conseguiu salvar sua mãe.

— Ele fez tudo que era humanamente possível.

— E quem pediria mais, mesmo a um médico? Muito bem, senhorita. dispa-se atrás do biombo e vista uma bata que está lá. Depois, deite-se e avise-me quando estiver pronta.

Larina fez o que ele mandou. Tirou o vestido barato que comprara antes de ir para a Suíça, as anáguas e a roupa íntima, colocando tudo em cima de uma cadeira.

Assim que vestiu a bata, deitou-se, avisando que estava pronta. *Sir* John aproximou-se com seus passos pesados e afastou o biombo para ter mais claridade.

— Tem dezenove anos, não é, Srta. Milton?

— Quase vinte.

Ele já havia colocado o estetoscópio, por isso não devia ter ouvido a resposta.

Quase vinte! pensou Larina. Tenho feito tão pouco na vida e quase não tenho nenhuma qualificação. A única coisa que contava a seu favor era ter lido muito. Seu pai a estimulava a ler os livros que o interessavam e que eram quase todos sobre as civilizações antigas, o que sua mãe criticava, achando que não teriam nenhuma utilidade no mundo atual.

Em vez de ficar lendo sobre os antigos gregos e romanos, eu devia era ter estudado taquigrafia e datilografia, pensou ela.

As grandes e barulhentas máquinas de escrever que via nos escritórios e a que a secretária de seu pai usava eram um mistério total para ela.

Nesse momento, percebia como havia sido tola em não ter aproveitado a oportunidade para, ao menos, entender como funcionavam.

Quando o pai morreu, tinha dezessete anos e ainda estava estudando com os professores que iam em casa.

— Não quero uma governanta morando conosco - dizia o pai. — E não concordo com uma moça indo para a escola aprender a ter idéias independentes. O lugar de uma mulher é em casa!

Seria muito agradável, realmente, se ela tivesse uma casa onde pudesse ficar.

— Vire-se. Quero ouvir suas costas — ordenou *sir* John. Obedeceu, sentindo o estetoscópio na pele.

Imagino o que isso vai custar. É pura perda de tempo e de dinheiro! - pensou ela.

— Pode se vestir Srta. Milton.

Sir John afastou-se, colocando o biombo no lugar. Larina levantou-se e começou a se vestir.

Usava um corpete muito leve. Tinha uma cintura tão fina que não precisava se apertar.

Para os padrões de beleza, era magra demais.

— Tem que comer mais, querida — dizia-lhe a mãe na Suíça. — Acha que esses longos passeios lhe fazem bem?

— Não posso ficar sentada sem fazer nada, mamãe, e adoro andar. As montanhas são tão bonitas! Só queria que pudesse vir comigo por esses caminhos entre as árvores. São tão misteriosos... Fazem-me pensar em todos os contos de fadas que ouvi.

— Como você gostava de histórias, quando era menina! — respondeu a Sra. Milton, com um sorriso.

— Lembro que a senhora me contava uma sobre o dragão do oceano. Ainda acredito nele!

A mãe desatou a rir.

— Você pertence ao mar, por isso é que lhe dei o nome de Larina.

— Menina do mar — murmurou a moça. — Talvez eu tenha realmente alguma afinidade, não estou certa. Nunca estivemos no mar tempo suficiente para eu descobrir. Aqui acho que pertencço às montanhas.

— Até que elas se tornem muito aborrecidas para você, minha querida.

— Nunca me aborreço — respondeu Larina. com sinceridade. Colocando o chapéu, afastou o biombo e foi ter com *sir* John. Ele estava escrevendo numa folha de receita.

— Tenho que lhe dizer algo muito importante.

— O que é? — perguntou assustada.

Parecia que seu coração tinha parado de bater e que cada músculo do corpo estava tenso.

— Não contraiu a doença que matou sua mãe, mas você tem apenas três semanas de vida!

Ao voltar para a pequena casa em Eaton Terrace, Larina não conseguia acreditar nas palavras de *sir* John.

Sua mente parecia que tinha deixado de trabalhar e ela dizia a si mesma que não podia ser verdade.

No trajeto, dentro do ônibus puxado a cavalos, surpreendeu-se olhando para os outros passageiros e imaginando o que eles diriam, se ela lhes contasse que tinha acabado de receber sua sentença de morte.

Depois de ouvir *sir* John, ficara olhando para ele com os olhos muito abertos, tão chocada que a voz não lhe saía da garganta.

— Lamento, mas tenho certeza absoluta do que acabei de dizer. A senhorita sofre de uma doença cardíaca muito rara, e que por acaso estou estudando há anos. — Pigarreou e continuou: — Todos os médicos que suspeitam dela mandam seus pacientes para eu dar um diagnóstico final. Sendo assim, não adianta sugerir que ouça outra opinião.

— É... dolorosa? — Larina conseguiu murmurar.

— Na maioria dos casos, não. Não faz sentido dar-lhe os detalhes clínicos, mas o que acontece é que o coração de repente pára de bater. Pode acontecer quando estiver dormindo, andando, quando estiver sentada, ou mesmo dançando.

— E... não tem... cura? — perguntou como se estivesse em estado de choque.

— Até o momento, não. O que posso lhe dizer como autoridade no assunto, é que acontece instantaneamente. Quando chega a ser diagnosticada, o paciente normalmente tem apenas vinte e um dias de vida.

— Vinte e um dias! — repetiu, abatida.

Enquanto andava por Sloane Square, indo para Eaton Terrace, parecia-lhe que seus passos ecoavam o número pela calçada. Vinte e um! Vinte e um! Vinte e um!

Isso queria dizer que morreria a 15 de abril.

Era uma época do ano de que sempre tinha gostado, pensou inconseqüentemente. Os *daflodils* estavam desabrochando, as árvores estavam em flor e o sol vinha alegre, depois da grande ausência durante o inverno.

A 16 de abril, ela já não estaria ali para desfrutá-lo!

Tirou a chave da bolsa e abriu a porta do 68 de Eaton Terrace.

Assim que entrou no pequeno hall que dava para a sala de jantar, tomou consciência do silêncio e da solidão da casa vazia.

Se ao menos a mãe estivesse ali na sala, poderia correr para ela e contar o que acontecera!

A mãe a abraçaria e lhe daria força.

Mas não havia ninguém para ajudá-la. Tirou o chapéu e subiu a escada devagar.

Alguma parte de seu cérebro dizia que o carpete da escada estava muito gasto; não deviam ter cuidado bem dele, enquanto estiveram na Suíça. Depois afastou o pensamento, dizendo a si mesma que não tinha a menor importância.

Dali a vinte e um dias, não estaria mais na casa para reparar que o carpete estava gasto; as cortinas da sala, desbotadas; e que faltava um puxador de latão no armário de seu quarto.

Vinte e um dias!

Subiu mais um lance de escada até o quarto.

A casa tinha só dois quartos, a não ser que se contasse com o cubículo escuro e pouco arejado que havia embaixo e que era destinado a uma empregada que ela não podia pagar.

Sua mãe tinha ocupado o quarto da frente no segundo andar, e ela um quartinho pequeno que ficava atrás.

Entrou e olhou em volta. Ali estava tudo que possuía, todos os pequenos tesouros juntados desde criança. Até o urso que tanto amava e levava para a cama na infância; uma boneca que abria e fechava os olhos e, na estante, junto dos volumes comprados depois, seus primeiros livros.

Não era muito para mostrar uma vida inteira!

Foi até a janela, como se, de repente, o horror que acabara de ouvir se abatesse sobre ela como um dilúvio, e ficou olhando para os telhados cinzentos e os pátios das casas.

— O que posso fazer? O que posso fazer?

Então, lembrou-se de Elvin.

Ao pensar nele, ficou imaginando por que não se lembrara dele no momento em que *sir* John lhe dera a sentença de morte.

Devia ter entrado numa espécie de estado de choque que a impediu de pensar em outra coisa que não fossem os vinte e um dias que ainda lhe restavam.

Elvin ia entender exatamente o que estava sentindo; Elvin, com sua maneira de ser incomparável, faria com que tudo parecesse diferente.

Haviam falado da morte na primeira vez que se encontraram.

Tinha sido num dia em que a Sra. Milton passou muito mal e Larina percebeu, pela expressão do Dr. Heinrich, que ele estava preocupado.

— Você não pode fazer nada — disse o médico. — Vá até o jardim. Se sua mãe precisar, mandarei chamá-la.

Larina sabia que, se fossem chamá-la, não era porque a mãe precisava dela, mas porque o Dr. Heinrich achava que ela estava morrendo.

Como um autômato, foi para o jardim do sanatório.

Pela primeira vez, não reparou no esplendor das flores ou na beleza das montanhas cobertas de neve, que sempre faziam seu coração bater mais forte.

Afastou-se dos edifícios e foi para um lugar entre os pinheiros, onde havia bancos para os doentes que não podiam andar muito.

Era muito tranquilo. Só se ouvia o barulho de uma cascata que descia por uma vertente da montanha até o vale e o zumbido das abelhas tirando o néctar das flores que cresciam entre as pedras.

Pensando que ninguém a via, Larina cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Devia ter chorado muito, até ouvir uma voz de homem, perguntando-lhe gentilmente:

— Está chorando por causa de sua mãe?

Com lágrimas correndo pelo rosto, Larina voltou-se para ele.

O homem que se sentara a seu lado era Elvin Farren, um americano com quem nunca havia falado antes, porque ele se escondia nos jardins do sanatório e não ia fazer as refeições na sala de jantar.

— Mamãe não morreu — disse ela, rapidamente. — Mas sei que o Dr. Heinrich acha que ela pode estar morrendo!

Limpou o rosto com o lenço, envergonhada de se sentir tão desanimada.

— Você tem que continuar a ter esperança de que ela se restabeleça.

— Estou assustada, mas creio que todo mundo tem medo da morte.

— Talvez a dos outros, mas não da própria.

Larina olhou para ele e percebeu que estava muito doente. Era extremamente magro, e a transparência da pele denunciava um caso grave de tuberculose.

— Não tem medo?

Ele sorriu, e aquele sorriso pareceu transformar seu rosto.

— Não.

— Por que não?

Elvin desviou o olhar para as montanhas, onde o brilho do sol na neve que ainda restava do inverno quase cegava. Passado um pouco, disse:

— Quer a verdade, ou a resposta que se costuma dar nessas circunstâncias?

— Quero a verdade. Estou com medo da morte, talvez porque me sinta sozinha. — Pensava em si mesma, ao acrescentar: — É terrível, não só para aqueles que morrem, mas também para os que ficam.

— Para os que morrem, é uma aventura, o descanso da mente, e tudo isso é uma coisa excitante a esperar! — Olhou para ela, para ver se o entendia, e continuou: — Já pensou que o nosso corpo é um estorvo? Se ele não nos atrapalhasse, mantendo nossos pés no chão, poderíamos voar para onde quiséssemos! Para outros lugares da terra, para a lua... até para a quarta dimensão.

— Creio que... entendo o que está me dizendo.

Os olhos cinzentos de Larina estavam muito abertos. Não era o tipo de conversa que tivesse tido com alguém.

— E quanto a estar sozinha, isso então é absolutamente impossível.

— Por quê?

— Porque você faz parte de tudo que vive. Olhe para estas flores. — Elvin apontou para um tufo de gencianas azuis. — Elas estão vivas, muito mais vivas do que você e eu. Estão vivas e, mais ainda, sentem tal como nós sentimos.

— Como sabe?

— Tenho um amigo que estuda a reação das plantas já há alguns anos. Ele acredita, e eu acredito nele, que uma planta tem sentimentos porque ela contém, como nós, a força cósmica a que chamamos vida.

— Explique... explique isso para mim.

Estava fascinada pelo que aquele estranho lhe dizia e virou-se para ele, sentindo de uma maneira inexplicável que devia estar mais perto dele.

— Os budistas nunca colhem flores — contou Elvin. — Eles acreditam que, tocando-as e amando-as, compartilham de sua vida e que essa vida passa a fazer parte deles próprios. — Sorriu, ao acrescentar: — No meu país, os índios, quando precisam de energia, vão para um bosque como este. Com os braços estendidos, eles se encostam num pinheiro e se reabastecem com sua força.

— Entendo e tenho a certeza que é verdade. Quando estou passeando sozinha pelo bosque, penso muitas vezes que as árvores estão pulsando de vida e que existe uma espécie de vibração que elas emanam.

— Então, quando há tanta vida à sua volta, como é que pode estar só?

Foi fácil entender o que ele estava dizendo, sentados entre os pinheiros e olhando para as flores. Mas, entre as quatro paredes de seu quarto em Eaton Terrace, sentia que precisava desesperadamente de ajuda.

Se ao menos pudesse falar com Elvin, como tinham conversado frequentemente depois daquele primeiro encontro.

A saúde da Sra. Milton havia melhorado e o Dr. Heinrich disse que ela, naquele momento, estava fora de perigo. Larina foi ter com Elvin na varanda de seu chalé isolado, porque queria dividir com alguém a alegria que sentia.

Ele a convidou a sentar e Larina reparou que da varanda a vista do vale e das montanhas era ainda mais maravilhosa.

No princípio, tinha medo de lhe impor sua presença, mas cedo percebeu que Elvin gostava de vê-la, e então, sempre que não estava fazendo companhia à mãe, ia procurá-lo e ficavam conversando na varanda.

Falavam quase sempre de assuntos místicos. Elvin acreditava que existiam outras dimensões.

— Este é um mundo material. É simplesmente uma sombra do próximo, muito mais avançado mental e espiritualmente.

— Mas, e se alguém como eu não é suficientemente inteligente para entendê-lo? — perguntou Larina.

— Então, tem que ficar aqui aprendendo e se aperfeiçoando, até compreender.

Ele tinha tantas coisas a dizer, que Larina contava as horas que faltavam para vê-lo novamente.

Mesmo sem Elvin dizer nada, ela sabia que ele não teria muito tempo de vida.

— Estou quase desejando morrer. Há tanto para— saber, tanto que quero descobrir. Larina protestou:

— Não deve falar assim!

— Por que não?

— Porque, se você for embora, eu não terei ninguém para me explicar essas coisas. E, quando eu estiver para morrer, vou ter medo... muito medo!

— Já lhe disse que não há razão.

— Isso, porque você está seguro, tem certeza do que vai encontrar

depois que morrer. Eu não tenho certezas, só quero acreditar nas coisas que me diz. Acredito, enquanto estou com você; quando não estou, me sinto perdida.

Ele sorriu como se ela fosse uma criança.

— Quando chegar a época de você morrer, o que será daqui a muitos e muitos anos, me chame, e virei para junto de você.

Larina olhou para ele. intrigada.

— Você quer dizer...

— Onde eu estiver, seja lá o que for que esteja fazendo, se precisar de mim e me chamar, eu a ouvirei. — Pegou a mão dela. — Vamos fazer um pacto, Larina. Quando eu estiver morrendo, chamarei por você; quando for a sua vez, chamará por mim.

— Não há razão para que eu não morra antes de você. Posso cair da montanha, ou ter um acidente de trem.

— E se isso acontecer, chame e eu virei — disse Elvin sério.

— Promete?

— Prometo. — Apertou a mão dela por um momento. — Não conheço mais ninguém com quem eu gostasse tanto de estar, quando meu espírito se libertar.

Havia alguma coisa na maneira como ele disse estas palavras que fez com que Larina entendesse que não só era o maior elogio que lhe podia fazer, mas também, a seu modo, uma forma de amor.

Era completamente inexperiente em matéria de homens: mas suficientemente mulher para perceber que o rosto de Elvin se iluminava quando ela aparecia.

Se ele não estivesse tão abatido pela doença, que muitas vezes lhe provocava acessos de tosse convulsiva que o deixavam sem fôlego e exausto seria muito atraente.

Mas a tuberculose estava tirando sua vida, e Larina sabia que, embora tivesse só vinte e cinco anos, não havia esperança de ele sobreviver.

Às vezes, quando pensava em Elvin na escuridão de seu quarto, ficava imaginando se teriam se apaixonado, caso se conhecessem antes de ele adoecer.

Ela o amava tal como era, mas com um sentimento fraternal.

Queria estar com ele, adorava conversar com ele, mas, doente como estava, não conseguia vê-lo como um homem atraente, um homem a quem pudesse entregar o coração.

Apesar disso, quando Elvin lhe disse que ia voltar para os Estados

Unidos, Larina sentiu uma incrível sensação de perda.

— Mas por quê? Por quê?

— Quero ver minha mãe. Ela é doente, e, como sou o mais novo da família, talvez lhe faça mais falta do que meus irmãos.

— Quantos irmãos você tem?

— Três. São todos muito inteligentes, muito ocupados com as carreiras e as famílias. Temos uma irmã casada. Eu sou o caçula e sei que neste momento mamãe precisa de mim. Então, tenho que ir.

— A viagem não fará mal a você?

— Se fizer, importa alguma coisa? — respondeu, com um de seus sorrisos encantadores.

— Para mim importa! — gritou Larina. — Oh, Elvin, vou sentir tanto a sua falta! Será horrível ficar aqui sem você! — Fez uma pausa e acrescentou: — Era fácil antes de você aparecer, embora às vezes eu fosse a única pessoa saudável por aqui. Mas agora que o conheci, não sei como vou preencher meus dias sem ver você. sem falar com você. Será muito triste e solitário.

— Já lhe disse que nunca estamos sós. Quando você se senta no jardim ou no banco do pinhal onde nos encontramos, pense que estou lá, porque na realidade estarei mesmo. Estarei pensando em você nos Estados Unidos ou em qualquer parte deste mundo ou do outro.

— Acredita mesmo que pode entrar em contato com alguém por pensamento?

— Estou absolutamente convencido disso. O pensamento é mais forte do que tudo. O pensamento se movimenta mais rápido e muito mais eficientemente do que qualquer coisa que o homem possa inventar e pode nos trazer tudo que queremos desde que queiramos com muita força.

— Vou pensar em você — prometeu Larina.

— Acredite que estarei junto de você, e eu estarei!

Mesmo assim, logo que ele partiu e o chalé onde costumavam conversar ficou vazio, nunca mais foi a mesma coisa.

Obedientemente, Larina tinha-se sentado no jardim, pensando nele, ou tinha ido, às vezes duas vezes por dia, até o pinhal.

Duas semanas depois, sua mãe piorou e Larina não pensava em mais nada, a não ser nela.

O luto, as lágrimas que derramava todas as noites, a longa viagem de volta para casa sozinha dificultaram suas conversas em pensamento com Elvin, como tinha a intenção de fazer.

As cartas dele eram uma fonte de alegria. Esperava ansiosamente o

correio e ficava muito desapontada quando não tinha notícias.

A primeira carta ele escreveu antes mesmo de deixar o sanatório, e ela a recebeu logo depois de sua partida.

Não era uma carta muito comprida, porque ficava cansado ao escrever e Larina sabia que ele tentava reunir todas as forças para a viagem.

Elvin agradecia por tudo que ela havia significado para ele, pela felicidade que tinham compartilhado juntos e acabava com as seguintes palavras:

“Nunca se esqueça de que estarei pensando em você, Larina; que estarei perto de você e que, se precisar de mim, é só chamar. Talvez eu volte para o sanatório quando minha mãe não precisar mais de mim, e então poderemos ficar juntos novamente. Você significou para mim mais do que posso dizer. Deus a proteja e a guarde.”

A carta seguinte eram apenas umas linhas escritas no trem. Depois chegaram mais algumas, já de Nova York.

Dizia que a mãe tinha ficado emocionada por vê-lo e que estava satisfeito por estar com ela, que precisava muito dele.

As cartas de Elvin davam coragem a Larina. mesmo quando, a cada dia que passava em Londres, se sentia mais sozinha e desprotegida.

Tinha levado algum tempo para limpar a casa depois da partida dos inquilinos. Estava suja e desarrumada.

De certa forma, ficara satisfeita por a mãe não ver como tinham maltratado as coisas de que gostava; por não ver o estado desastroso das cortinas, carpetes e estofados depois de um ano.

Larina começou a pensar que uma das maneiras que teria para sobreviver seria sublocar o quarto que havia pertencido à mãe e, talvez, a sala.

Se dormisse no estúdio atrás da sala de jantar, poderia mesmo ter dois inquilinos.

Cada vez que preenchia um cheque para as despesas ou para a comida, via o pouco que restava no banco. Até que decidiu que era imprescindível fazer alguma coisa prática em relação ao futuro.

Sir John tinha cobrado dois guinéus, pela consulta. Ao pôr as moedas de ouro em sua mesa, achou que era um preço muito alto pelo que ele tinha dito. Agora, em casa, pensou que, de certa maneira, seus problemas tinham acabado. Não havia mais necessidade de procurar emprego, não precisava deixar o quarto, nem arranjar inquilinos.

O que havia no banco era suficiente para se manter durante os vinte e

um dias que lhe restavam de vida.

Esse simples pensamento fez com que estremecesse de medo.

Elvin a desprezaria por estar com medo, mas não queria morrer! Não queria descobrir o desconhecido! Queria ficar aqui, na terra!

Subitamente, pegou no chapéu. Sabia o que fazer: contar a Elvin o que tinha acontecido. Ia lhe mandar um telegrama. Custaria caro, mas será que o dinheiro importava naquele momento?

Só Elvin entenderia... só Elvin a confortaria.

Afastou-se do espelho e um pensamento lhe veio à cabeça. Elvin tinha dito que, se ela o chamasse, ele viria. Pediria para ele vir: tinha certeza de que manteria a promessa.

Larina correu escada abaixo, com um brilho novo no olhar.

— Vou pedir a Elvin para vir ter comigo — disse em voz alta.

Batendo a porta, começou a correr pela rua, até o correio, em Sloane Square.

CAPÍTULO II

O cortejo fúnebre parou em frente do edifício de pedra marrom na 5ª Avenida.

A primeira carruagem levava os três irmãos Vanderfeld.

Os cavalos tinham fita de crepe preta na cabeça, assim como o cocheiro usava uma no chapéu.

Os irmãos, encabeçados pelo mais velho, Harvey, começaram a subir a escadaria que ia dar na porta da frente.

A cada três degraus havia um criado impecavelmente fardado, com o cabelo empoado e uma tarjeta negra no braço.

Harvey Vanderfeld entrou no grande hall de mármore, onde os candelabros eram de vidro de Veneza, as tapeçarias da França, os pesados cadeirões da Itália e os tapetes da Pérsia.

Em passo rápido, passou pelos criados e foi até a sala de estar, onde mais empregados esperavam para servir as bebidas. Todos deviam se reunir ali antes do almoço, que seria servido em pratos de ouro na sala de jantar medieval.

A sala de estar era mobiliada com móveis Luís XIV, quadros italianos e holandeses e tapetes Aubusson. As paredes brancas com entalhes dourados serviam de fundo às cortinas de veludo de Gênova, decoradas com uma profusão de borlas e franjas de seda.

— Champanha ou *bourbon*, sr. Harvey? — perguntou o mordomo.

— *Bourbon* — respondeu, levando imediatamente um copo à boca.

A família começou a entrar na sala. As mulheres de luto fechado tinham levantado os véus negros.

— Foi um bonito funeral! — disse uma senhora de meia-idade.

— Fico satisfeito por achar que tudo correu bem, prima Alice.

— E o seu discurso foi magnífico! Estava mais eloqüente do que nunca. Todos os Olhos se umedeceram na capela do crematório.

Harvey sentiu-se envaidecido. Depois, quando os parentes mais velhos começaram a encher a sala, disse ao irmão Gary, que estava a seu lado: — Quero falar com você. Venha até o escritório.

Saíram da sala, atravessando vários salões até o escritório que tinha as paredes cobertas de livros encadernados. Era decorado de uma maneira

tipicamente masculina, com os móveis em couro e gravuras de cavalos.

— Correu tudo muito bem, Gary!

— Muito bem, Harvey. Nunca o ouvi falar tão bem!

— Espero que a imprensa tenha apanhado tudo.

— Certamente que sim. Em todo caso, havia cópias do discurso para quem quisesse.

— Ótimo! Pensei que a bandeira sobre o caixão seria simpático, e a cruz de lilases de mamãe estava emocionante!

— Você tem que lhe dizer isso — sugeriu Gary.

— Tenho certeza de que Wynstan foi lá em cima dizer. Tive pena de ela não poder estar presente.

— Teria sido um esforço muito grande para ela, embora já se sinta melhor.

— Sei disso, mas o desgosto de uma mãe é sempre punjente.

— Creio que o país inteiro vai ficar de luto com você amanhã, Harvey, assim que lerem os jornais.

— Se Elvin tinha que morrer, não poderia ter sido em melhor momento, no auge de uma eleição, quando muita gente não quer ver Theodore Roosevelt reeleito para a Casa Branca.

— Contudo, ainda há muitos que admiram sua mão de ferro nos assuntos dos países das Caraíbas. Sua política de expansão do poder americano é bastante popular.

— O imperialismo ianque! — ironizou Harvey. — Se eu for eleito presidente, vou parar com esse disparate! O que devemos fazer é tomar conta da nossa casa, em vez de ficar metendo o nariz nos países que não nos interessam.

— Não precisa fazer discursos para mim, Harvey, já ouvi você muitas vezes nos comícios — respondeu Gary, sorrindo.

— Claro, claro.

Era um homem atraente, mas magro, e andava como um velho, tendo no entanto um sorriso perfeito para angariar votos.

Gary, de trinta e três anos, começava a engordar, com a vida de luxo que levava. Também tinha um encanto especial, característico de todos os irmãos Vanderfeld, a ponto de serem chamados pela imprensa de “os príncipes encantados”.

Harvey era o mais ambicioso e o mais implacável. Dirigiu toda sua vida para o poder, e sua extraordinária fortuna era utilizada no momento na campanha eleitoral mais extravagante e cara da história dos Estados Unidos.

Tinha certeza absoluta de que derrotaria Theodore Roosevelt e todo o clã Vanderfeld o seguia, ansioso por também entrar na Casa Branca.

Os Vanderfeld eram de origem holandesa. O primeiro membro da família tinha vindo para os Estados Unidos no século XVII, para viver em Nova Amsterdã, como era conhecida Nova York na época.

A fortuna da família foi aumentando a cada geração, até que a Casa Vanderfeld passou a ser encarada praticamente como a realeza.

A magnífica mansão da 5ª Avenida era apenas uma das propriedades. Tinham uma casa em Hyde Park, no rio Hudson, e Gary recentemente mandara construir um palácio de mármore em Newport, além dos ranchos, plantações e fazendas espalhadas por toda a América.

A mãe, Sra. Sally Chigwell Vanderfeld, vivia na mansão da 5ª Avenida desde que enviuvara, e a esposa de Harvey, uma mulher apagada e calma, não tentara tomar-lhe o lugar.

Era a Sra. Vanderfeld quem decidia o que os filhos deviam ou não fazer e quem zelava pela aparência e ambição da família.

Era uma Hamilton e seus ancestrais tinham vindo da Inglaterra, mas não no superlotado *Mayflower*. O navio que trouxe seu trisavô da Escócia pertencia a ele mesmo e vinha tão cheio que não havia lugar para mais ninguém, além da família e seus partidários.

A Sra. Vanderfeld tinha muito orgulho de sua ascendência escocesa e mais ainda do fato de ter nascido na Virgínia e ter sido criada na terra dos pêssegos, entre as montanhas.

Tal como os Vanderfeld, os Hamilton haviam feito fortuna mas depois quiseram se desfazer dos contratos das estradas de ferro e das minas de ouro, para poderem aproveitar a vida.

O pai da Sra. Vanderfeld nunca trabalhou. Durante toda a vida desfrutou as delícias de homem do campo, administrando a fazenda e a enorme casa em estilo inglês.

Quando a filha lhe disse que queria casar com Chigwell Vanderfeld, não ficou muito satisfeito. Esperava que ela encontrasse um marido entre os cavalheiros da Virgínia. Mas não contrariou a filha. Sally Hamilton era teimosa e tinha personalidade suficiente para não deixar que o pai se intrometesse em seus assuntos de coração. E realmente foi muito feliz com o multimilionário marido, que nunca parava de trabalhar.

No entanto, não era dinheiro que ela queria para os filhos: queria poder. E decidiu, com uma determinação de aço, que Harvey seria o próximo presidente dos Estados Unidos.

Foi uma decisão que teve a total adesão do filho.

— Como acabei de dizer — comentava ele com o irmão —, este funeral não podia ter acontecido em melhor hora. Claro que Elvin era praticamente desconhecido do público ou da imprensa, mas creio que ficará na memória das pessoas, como uma pessoa extraordinária, um irmão que qualquer homem se orgulharia de ter.

Gary não respondeu. Já tinha ouvido Harvey dizer as mesmas palavras na carruagem, quando voltavam do cemitério.

Foi pegar outro drinque, e, nesse momento, o mordomo entrou trazendo uma salva de prata.

— Acaba de chegar um telegrama endereçado ao Sr. Elvin. Pensei que era melhor entregar ao senhor, Sr. Harvey. A Sra. Vanderfeld podia ficar entristecida se o visse.

— Claro. Evite incomodá-la. Já pedi a um secretário para fazer uma lista de todas as pessoas que mandaram pêsames. Depois responderei agradecendo. Seria um trabalho penoso para a Sra. Vanderfeld.

— Muito mesmo, Sr. Harvey! — concordou o mordomo. Harvey pegou o telegrama e, passado um pouco, comentou:

— Sr. Elvin Farren?

— Era o nome que Elvin usava quando estive no exterior — explicou Gary, do outro lado da sala. — Você sabe que decidimos que ele não usaria o nome de família, porque você não queria que a imprensa soubesse que ele estava num sanatório.

— Sim, sim, agora me lembro. E nunca descobriram quem ele era.

— Elvin também não estava nada interessado em contar.

Não havia sarcasmo em suas palavras. Gary era uma pessoa amável e bem-humorada demais para ser sarcástica.

Harvey abriu o telegrama assim que o mordomo saiu da sala.

— Vem da Inglaterra. Pensei que Elvin tivesse estado na Suíça.

— E esteve.

Ficaram em silêncio. De repente, Harvey exclamou:

— Meu Deus! Não pode ser verdade! Deve haver algum engano!

— O que é?

— Ouça isto, Gary. — E começou a ler em voz alta:

“Aconteceu comigo. Estou assustada. Por favor, mantenha sua promessa e venha para junto de mim. Suas cartas são meu único consolo.”

Harvey calou-se e continuou olhando para o papel, como se não acreditasse no que seus olhos viam.

Gary aproximou-se e olhou para o telegrama.

— O que isso quer dizer?

— O que quer dizer? — gritou Harvey. — Você é louco? Será que não entendeu o que acabei de ler? Para mim, é bem claro!

— O quê?

Harvey começou a andar pela sala, como se não conseguisse ficar parado.

— Isto tinha que acontecer neste momento! Precisamente agora! Seria mau em qualquer época, mas no auge da campanha!

— Não sei do que está falando. Quem é essa mulher? Nunca ouvi falar nela.

— E interessa se ouvimos ou não? Ela sabia a respeito de Elvin e suspeito de que a meu respeito também. É chantagem, rapaz! Chantagem, e vamos ter que pagar!

— Pagar para quê?

— Pelo seu silêncio a respeito dessas cartas. Não seja tonto, Gary! É óbvio que Elvin a engravidou e ela está esperando uma criança.

— Elvin? Ele estava doente, muito doente há anos!

— Com tuberculose. Gary! E todos nós sabemos como os tuberculosos se comportam sexualmente, embora eu achasse que Elvin era diferente. Como é que ele pôde fazer uma coisa dessas comigo agora? Gary abaixou-se para apanhar o envelope.

— Seja lá o que for que Elvin tenha feito, parece-me que ela não sabe quem ele é. Do contrário, por que mandaria o telegrama em nome de Farren, em vez de Vanderfeld?

Harvey refletiu por um momento.

— Há uma certa lógica nisso. Se ela não sabe, ainda resta uma esperança.

Atravessou a sala e tocou a campainha.

— Sim, Sr. Harvey? — perguntou o mordomo.

— Peça ao Sr. Wynstan para vir aqui imediatamente! Se ele não estiver no salão, deve estar com a Sra. Vanderfeld.

— Vou avisá-lo, senhor.

O mordomo fechou a porta e Harvey recomeçou a andar nervosamente de um lado para o outro.

— Não posso acreditar! Não posso acreditar que meu irmão, meu próprio irmão, pudesse me tratar desta maneira!

— Elvin certamente não tinha intenção de envolvê-lo pessoalmente

nisto — disse Gary, com um leve sorriso.

— Mas estou envolvido! Sabe tão bem como eu! Pode imaginar o que é que os jornais vão dizer? Será um escândalo de primeira página, e como os republicanos adoram! Posso imaginar Theodore Roosevelt saboreando cada palavra e fazendo uso de todas em sua campanha.

— Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

Como se buscasse inspiração, Harvey acabou o drinque de uma só vez e foi se servir de outro.

Os dois irmãos ficaram em silêncio por alguns momentos, até que a porta se abriu e Wynstan Vanderfeld entrou.

Aos vinte e oito anos, Wynstan era tão bonito que a irmã. Tracy costumava dizer muitas vezes que “tanta beleza era deslealdade para com as mulheres”.

Alto, ombros largos, rosto quadrado, era o cosmopolita da família. Nos últimos sete anos, passara mais tempo fora do que nos Estados Unidos.

Certa vez, alguém havia dito que ele era tradicionalmente americano, revestido de inglês e cruzado com francês! Mas Tracy tinha definido melhor:

— Wynstan é uma criação exclusiva de mamãe, sem nenhuma participação de papai!

Era totalmente diferente dos irmãos Harvey e Gary. Tinha um corpo esbelto e parecia um atleta. Era um ótimo jogador de pólo, ganhara muitas corridas de cavalo e, no colégio, era craque em beisebol.

Ao entrar no escritório, era evidente o desdém no olhar, como se não conseguisse levar a sério nem os irmãos nem o resto da família.

— Hudson me disse que você precisava de mim urgentemente. O que foi que aconteceu?

Em resposta, Harvey mostrou-lhe o telegrama. Wynstan pegou, reparando que a mão do irmão tremia.

Leu cuidadosamente e, com um ar ainda mais zombeteiro, disse:

— Se é o que estou pensando, bom para Elvin! Fico feliz por ele ter se divertido um pouco antes de morrer.

Harvey emitiu um som que mais parecia o rugido de um leão.

— E tudo que você tem a dizer? Não entende o que isto significa para mim? Isto é dinamite, Wynstan! Dinamite para a minha causa e para a minha candidatura! — A voz dele parecia ecoar por toda a sala. — Sabe que toda a minha campanha tem sido baseada no lema: “Limpem a América! Fiquemos fora dos negócios dos outros! Fortifiquem e amparem a vida familiar, que é o sustentáculo da nossa grande nação”.

Entusiasmado, Harvey ia declamando, até que Wynstan deu uma gargalhada.

— Pare com isso, Harvey! Vamos falar sério!

— É exatamente o que estou tentando fazer.

— Não me parece que essa moça, seja lá quem for, esteja tentando tirar partido da sua posição. Escreveu a Elvin e pediu para ele ir ter com ela.

— Bom, mas ele não pode fazer isso! E o que pensa que ela quer, a não ser dinheiro?

Wynstan voltou a ler o telegrama.

— Talvez você não tenha prestado atenção na frase sobre as cartas - insinuou Harvey. — “Meu único consolo são suas cartas”. Isso quer dizer que ela pensa pedir um bom preço por elas!

— Pode ser que sim — admitiu Wynstan. — Mas, por outro lado, ela diz: “Por favor, mantenha sua promessa”. Que promessa Elvin pode ter feito?

— Creio que casar com ela, se tivesse uma criança — interrompeu Gary.

— Ele também não pode cumprir! — cortou Harvey.

— Correto! — concordou Wynstan. — Mas, se ela está esperando uma criança de Elvin, pode reclamar a herança dele.

— Meu Deus! Não pensei nisso! Você sabe quanto tinha Elvin?

— Tenho uma vaga idéia — respondeu Wynstan. — Papai deixou a fortuna, que nós todos sabemos que era considerável, dividida por nós quatro, depois de Tracy ter herdado.

— O dinheiro não interessa — disse Harvey, rapidamente. — O que é absolutamente indispensável é que não haja escândalo, o que acontecerá se o filho ilegítimo de Elvin aparecer não se sabe de onde, pedindo para ser admitido na família!

— Será uma complicação — disse Wynstan tranquilamente!

— Então, se concorda, faça alguma coisa! — gritou Harvey. Wynstan olhou para ele, surpreso.

— Por que eu?

— Porque essa detestável mulher é inglesa e você está sempre misturado com essa gente. Deve saber como mantê-la calada. É isso! E exatamente isso! Você deve mantê-la calada até as eleições. Depois, poderemos lutar com ela.

— Um sentimento muito nobre — comentou Wynstan.

— Não me venha bancar o cavalheiro! Nessa ocasião, temos que tirar as luvas e lutar contra uma chantagista.

— Quem disse que ela é uma chantagista?

— Eu disse, Wynstan, e é o que ela é!

— Reparei que ela mandou o telegrama para o sr. Farren — disse Gary. — Se soubesse o nome verdadeiro de Elvin, não acha que teria usado?

— Tem razão, Gary.

— Não interessa como ela o chama — disse Harvey, impaciente. — Se está esperando uma criança de Elvin, ou finge estar, porque particularmente eu não acho que ele pudesse engravidar alguém, ela vai tentar nos extorquir até o último centavo. Podem ter certeza!

— Acho que você está menosprezando um pormenor — disse Wynstan, suavemente.

— O quê?

— Conhecendo Elvin como conheci, e talvez melhor do que qualquer um de vocês, não acredito que ele se interessasse por esse tipo de mulher que você está descrevendo.

Fez-se silêncio. Depois, Harvey disse:

— Muito bem. Você sabe como são as mulheres, quando apanham um homem rico. Elvin era infantil em muitos sentidos. Ele não teria a menor chance contra uma mulher que quisesse agarrá-lo.

— Talvez tenha razão — concordou Wynstan, relutante. — O que quer que eu faça?

— Quero que você vá para a Inglaterra o mais depressa possível e cale a boca dessa mulher! Estrangule-a, sufoque-a, rapte-a e mantenha-a calada até ao fim das eleições. Faça qualquer coisa, desde que ela não se aproxime de um repórter ou perceba o quanto pode me prejudicar.

Wynstan parecia divertido, quando se virou para tocar a campainha.

— O que está fazendo? Por quem está chamando? — perguntou Harvey.

— Tenho que descobrir alguma coisa sobre Larina, ou seja lá que nome for. Ela só assinou o nome e não mandou endereço.

— Ninguém pode saber disto — disse Harvey, rapidamente. — Se os repórteres farejam o assunto, estou perdido!

— Vou falar com Prudence. Ela esteve com Elvin desde que ele voltou da Europa; também está conosco desde que éramos crianças. Acho que podemos confiar nela depois de todos estes anos.

— Sim, é claro.

O mordomo abriu a porta.

— Peça a Prudence para descer por um momento, Hudson. Creio que

ela já voltou do funeral.

— Sim, sr. Wynstan,. ela está lá em cima.

— Gostaríamos de falar com ela.

— Certamente, senhor.

Wynstan sentou-se em frente da lareira.

— Pare com essa agitação, Harvey! — disse, passado um pouco. — Você está suando, e qualquer um que o conheça saberia que está assustado!

— Eu estou, mesmo! Não me importo de lhe dizer que isto é uma punhalada nas costas, que eu não esperava; muito menos, de um de meus próprios irmãos!

— Acho que está se assustando sem necessidade. Mas como gosto de você, Harvey, e Elvin significava muito para mim, vou tentar ver se consigo resolver o problema.

— Pague o que for preciso... o que for preciso, mas faça com que ela fique calada, é tudo que lhe peço. Mantenha-a calada!

Quando Prudence entrou, ficou surpresa ao ver os três irmãos juntos no escritório, enquanto o salão estava cheio com os parentes e amigos.

Era uma mulher idosa, com um rosto aberto e simpático, o que fazia com que adultos e crianças confiassem nela imediatamente. Tinha os olhos vermelhos e um pouco inchados de chorar.

Como sempre, usava um vestido de algodão cinza com gola e punhos brancos engomados.

Com o passar dos anos, havia engordado. Fora isto, mudara muito pouco, pensou Wynstan, desde o tempo em que rezava as primeiras orações nos joelhos dela e Prudence lhe ensinava o alfabeto.

— Precisamos de sua ajuda, Prudence, o que não é nada fora do comum!

— O que aconteceu? — perguntou a velha, olhando de um para os outros.

— Queremos que nos conte o que sabe a respeito de uma mulher chamada Larina — disse Wynstan.

Prudence não hesitou.

— Era uma amiga do sr. Elvin.

— Que tipo de amiga?

— Creio que ela o encontrou enquanto esteve na Suíça. Tinha várias cartas dela e sei que ele também lhe escrevia.

— Onde estão? Onde estão as cartas? Vá já buscá-las.

— Não posso, sr. Harvey.

— Porquê?

— Por que o sr. Elvin as queimou.

— Queimou?

— Sim. Poucos dias antes de morrer, ele me disse: “Prudence, acho melhor arrumar o que me pertence. Traga-me a minha caixa especial”.

— Que caixa era essa? Prudence olhou para Wynstan.

— O senhor lembra-se, sr. Wynstan.

— Sim, fui eu que dei a ele, quando tinha uns quinze anos. Lembro-me de ter dito que todo homem devia ter um lugar onde pudesse fechar os papéis que não queria que os outros lessem. — Wynstan fez uma pausa e acrescentou, sorrindo: — Isso aconteceu depois que descobri mamãe lendo cartas de uma namorada minha que ela não aprovava.

— Ela ficaria ocupada para o resto da vida, se lesse todas as suas cartas de amor! — brincou Gary.

— Continue, Prudence — pediu Wynstan, calmamente.

— Levei a caixa para a cama e o sr. Elvin tirou alguns poemas que escrevia de tempos em tempos. Às vezes, ele lia para mim; outras, não. Olhou para os poemas e disse: “Queime isso, Prudence!” Protestei, pois achava os poemas lindos, e pedi para guardá-los. Talvez, um dia, alguém os publicasse. O sr. Elvin disse que era disso que tinha medo. — Prudence fez um pequeno gesto impotente com as mãos. — Então, eu queimeei.

— E que mais? — perguntou Wynstan.

— As cartas que tinha guardado durante anos, uma ou duas suas, Sr. Wynstan, algumas de sua mãe e as que recebeu da senhorita.

— Como sabe que eram dela?

— Foram as únicas cartas que ele recebeu depois que voltou e parecia feliz quando as recebia. Também me disse: “Não acha que Larina é um bonito nome, Prudence? Eu o acho encantador!”

O olhar de Harvey encontrou o de Gary.

— Qual era o sobrenome dela, Prudence?

— Não sei, sr. Harvey!

— Mas você deve ter uma idéia.

— Não. O Sr. Elvin nunca me contou nada sobre ela.

Ficaram todos calados. Vendo que os três irmãos estavam preocupados, Prudence acrescentou:

— Mas o Sr. Renour deve saber.

— Renour? Mas a que propósito? — perguntou Harvey.

— Porque o Sr. Elvin escreveu a ela, e deve estar anotado no livro de

correspondência.

— Claro! — exclamou Wynstan. — Esqueci que mantemos um registro de correspondência aqui em casa! Ele também deve ter o endereço.

— É provável, senhor.

— Então, será que pode fazer o grande favor de pedir a ele para trazer aqui o livro? E muito obrigado pela ajuda, Prudence.

— Espero que tenha servido para alguma coisa — disse ela, olhando para os três. Esperou um segundo, e falou, emocionada: — Obrigada, Sr. Harvey, pelas coisas bonitas que disse. Tenho certeza de que o Sr. Elvin teria gostado.

As lágrimas começaram a correr por seu rosto, e ela saiu rapidamente da sala.

— Coisas bonitas! — repetiu Harvey, sarcástico. — Imagino o que Prudence diria, se soubesse a verdade.

— Não há dúvida de que você fez de Elvin uma mistura do arcanjo Gabriel e São Sebastião — comentou Wynstan.

— Mais uma razão para ele não ser derrubado do pedestal.

— Agora pare, sossegue! — pediu Gary. — Wynstan disse que ia ajudar, e ele é muito eficiente, quando quer.

— Obrigado, caro irmão!

A porta se abriu e Hudson entrou.

— Prudence disse que queria o livro de registro de correspondência, sr. Harvey, mas o sr. Renour ainda não voltou do funeral. Então, eu mesmo resolvi trazê-lo.

— Muito obrigado, Hudson.

Harvey pegou no livro e folheou rapidamente.

— Não fazia idéia de que mandávamos tantas cartas. Com o que contribuímos, o correio devia pagar dividendos!

Nenhum dos irmãos disse nada, impacientes para ver se ele descobria alguma coisa.

— Aqui está! Sita. Larina Milton — 68, Eaton Terrace, Londres, Inglaterra.

— Bem, ao menos sabemos onde ela está! — disse Gary.

— Creio que vocês querem que eu vá o mais depressa possível falou Wynstan, resignado. — Eu vou, mas devo dizer que acho extremamente inconveniente. Vão me entregar um carro novo amanhã e tenho dois pôneis de pólo que quero treinar antes que os jogos comecem, em maio.

— Pôneis de pólo! — grunhiu Harvey.

— Tenho uma idéia! — disse Gary, de repente. Os dois irmãos olharam para ele.

— O que é? — perguntou Wynstan.

— Imagino que as eleições são comentadas nos jornais ingleses. Mesmo se essa garota não tivesse idéia de quem era Elvin na Suíça, ela vai ler sobre Harvey e, certamente, vão mencionar a morte de Elvin. Então, ela saberá...

— Quanto dinheiro vai nos extorquir! Ela vai subir o preço a cada novo dia da campanha! — gemeu Harvey. — Gary tem razão. Claro que tem razão! Não adianta você estar com ela em Londres e tentar mantê-la calada. Tem que tirá-la de lá. Leve-a para a França, a Itália, a Espanha, seja lá onde for, mas longe, onde os jornais não sejam entregues diariamente.

— Não temos motivos para suspeitar de que ela já não sabe que Elvin era um Vanderfeld — disse Wynstan.

— Também não temos motivo para ter certeza do contrário! Seria um erro correr esse risco. Além do mais, embora Elvin estivesse muito abatido e magro somos todos muito parecidos. Mamãe sempre comentou isso.

— E acrescentou que Wynstan é, de longe, o mais bonito! — Gary brincou.

— Não fique com ciúme! — comentou Wynstan. — Muitas vezes, é uma responsabilidade!

— Você não vai querer que a gente acredite nisso! Sabe tão bem como eu que as garotas caem apaixonadas como peças de boliche, cada vez que você aparece.

— Garanto-lhe que às vezes só me atrapalha! — insistiu Wynstan.

— Ora, voltemos ao assunto — disse Harvey, irritado. — Gary teve uma boa idéia. Temos que levá-la em consideração. Aonde pode levar essa mulher, Wynstan?

— Partindo do princípio que ela quer ir comigo, é claro. Presumo também que você quer que eu lhe diga que Elvin morreu.

— Não, tive uma idéia melhor — disse Harvey.

— Qual?

— Neste telegrama, ela pede para Elvin ir ter com ela, e é óbvio que ele prometeu que iria. Muito bem: ele tem que manter a promessa.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Wynstan.

Harvey fechou um pouco os olhos, e todos que negociavam com ele em Wall Street sabiam que isso acontecia quando planejava alguma coisa.

— Vamos mandar um telegrama como se fosse Elvin, dizendo que eles

se encontrarão na *villa*. Isso a afastará de Londres.

— A *villa* em Sorrento? — perguntou Wynstan. — Deus do céu! Não vou lá há anos!

— Grace e eu passamos uns tempos lá, em 1900 — disse Gary. — Está do mesmo jeito de quando vovô a construiu, ou melhor, restaurou, dando-lhe novamente todo o esplendor romano. E gastando uma fortuna nessa obra!

— Para dizer a verdade, eu gostaria muito de voltar lá — Wynstan confessou. — Lembro-me de que, quando era criança, achava aquilo o lugar mais bonito do mundo.

— Então, está combinado — falou Harvey, brusco, para forçá-lo a voltar ao assunto. — Vamos lhe mandar um telegrama em nome de Elvin.

— É melhor ir diretamente ao correio. Não pode ser. mandado daqui, porque Renour não deve saber o que está acontecendo.

— E se ela se recusar a ir? — perguntou Gary. — Não podemos esperar que uma mulher faça uma viagem tão longa sozinha.

— Não, evidente que não — disse Harvey, impaciente. — Para que mantemos aquele escritório enorme em Londres, a não ser para fazer o que mandamos, numa ocasião como esta? Pensando melhor, vamos mandar um telegrama a Donaldson para ir visitar essa mulher e convencê-la a partir para a Itália. — Fez uma pausa e continuou: — É melhor que ela não receba nada assinado por Elvin: poderia ser mais uma arma contra nós.

— Realmente — comentou Gary.

— Então, diremos a Donaldson para mandar preparar a *villa* para a chegada de Wynstan e para procurar Larina, ou seja lá como se chama, o mais depressa possível. Se ele mesmo não puder ir, que mande alguém competente com ela. É tudo uma questão de organização.

Olhou para os irmãos, esperando aprovação.

— Talvez seja uma idéia. — disse Wynstan.

— Tem outra melhor?

— Não, e prefiro tratar desse assunto em Sorrento, em vez de ser em Londres.

— Ainda bem que alguém fica satisfeito! — comentou Harvey, num tom exasperado. — Não terei um momento de paz, nem uma noite de sono, até saber que você resolveu o assunto, Wynstan. Confio em você para salvar as pessoas que tiveram fé e confiança em mim.

Ao terminar, havia um soluço em sua voz. O irmão deu uma gargalhada.

— Não me venha com dramas, Harvey! Vou fazer o possível, apesar

de achar que é um tremendo disparate ter que ir correndo para a Europa, justamente quando quero ficar em casa.

— E o que é que vamos dizer a mamãe?

— Oh, meu Deus! — exclamou Harvey, acrescentando, rapidamente: — Temos que fingir que você recebeu um chamado urgente de uma de suas amigas.

— Ela não vai gostar nada! Deve querer que eu fique aqui, porque está tão triste por causa do Elvin.

— Mamãe sempre achou que os assuntos do coração, especialmente os seus, vêm primeiro! — disse Harvey, com um pouco de inveja. — E penso que, no fundo, ela tem muito orgulho do seu sucesso. Acha que é parecido com os antigos Hamilton, que, segundo conta, se comportavam muito mal com as mocinhas nos matos, antes de serem mandados embora da Escócia!

— Vou pensar em alguma desculpa para dar, mas devo lhe dizer, Harvey, que, se você continuar me amolando ou me dizendo coisas desagradáveis como costuma, juro que conto a verdade a mamãe.

— Prometo que estarei do seu lado em qualquer circunstância. Outra razão para você não ir para Londres é que Tracy poderia fazer perguntas. Não queremos que esse convencido do duque, marido dela, sempre com o nariz levantado, comece a dizer que os ingleses não se metem nesse tipo de marmelada!

— Gosto de Osmund — disse Wynstan. — Comigo, ele não é arrogante. Mas concordo que Tracy não fique sabendo do que está acontecendo, se é que está acontecendo alguma coisa. Pessoalmente, acho que esse drama todo é só um produto da sua imaginação fértil, Harvey — acrescentou Wynstan, encaminhando-se para a porta.

— Aonde vai? Temos que redigir o telegrama.

— Você pode fazer isso sem mim. Se tenho que atravessar o Atlântico, o que, deixe que lhe diga, é a última coisa que me apetece no momento, quero ir com todo o conforto. O *Kaiser Wilhelm der Grosse* parte amanhã de manhã. Pretendo ir nele.

Saiu do escritório, fechando a porta. Gary e Harvey olharam um para o outro.

— Parabéns, Harvey! Nunca pensei que Wynstan aceitasse fazer o que você pediu.

Wynstan embarcou um pouco, antes de o *Kaiser Wilhelm der Grosse* zarpar do cais de Nova York.

O navio, construído com todo o conforto, proporcionava aos

passageiros todas as diversões possíveis durante a viagem.

Wynstan, no entanto, estava muito mais interessado em ver a lista de passageiros que arranjava com o comissário.

Embora a reserva tivesse sido feita na última hora, o nome mágico dos Vanderfeld fez com que lhe fosse dada a melhor cabine, e só o comissário sabia o problema que tinha sido remanejar os outros passageiros sem criar nenhum conflito.

Viajante experimentado, Wynstan aprovou o camarote, deu gorjeta aos camareiros, o que sempre fazia no início das viagens, e deixou seu criado arrumando a bagagem.

Sentou-se no bar, pediu uma bebida e estudou a lista de passageiros.

Não havia ninguém no cais para lhe dizer adeus. Detestava despedidas. Além disso, Harvey insistira para que ele embarcasse o mais rápido possível, sem que ninguém, a não ser os parentes mais chegados, soubesse da partida.

— Pelo amor de Deus, Wynstan, não se envolva com a imprensa. Sabe como eles são, se suspeitam que alguma coisa anormal está acontecendo!

Wynstan, no entanto, preocupava-se mais com a mãe do que com a imprensa.

— Pensei que ia ficar comigo, querido — disse a sra. Vanderfeld, chorosa, quando ele contou que precisava partir imediatamente para a Europa.

— Eu sei, mamãe, e também queria ficar com você agora. Infelizmente, prometi ajudar esse amigo, se tivesse algum problema, e ele está me cobrando a promessa.

— Ele? — perguntou a sra. Vanderfeld, duvidosa. — Não espera que eu acredite, Wynstan, que não há uma mulher por trás de tudo.

— A sua cabeça funciona sempre na mesma direção, mamãe — respondeu, sorrindo. — Deve ter sangue francês, porque o seu lema é sempre *Cherchez la femme!*

— Com razão! Pensei que tivesse acabado o romance com aquela atriz francesa. Como era mesmo o nome dela?

— Gaby Dealys. Como é que sabe?

— Sempre sei de tudo. E, mesmo que você não queria me contar a verdade sobre essa viagem, pode ter certeza de que, mais cedo ou mais tarde, saberei de todos os detalhes!

— Estou certo disso.

A mãe olhou para ele, sentado aos pés da enorme cama, imitação da

usada pelo rei Ludwig da Bavária.

As cortinas, o tampo do toucador, as almofadas e a dobra dos lençóis tinham rendas venezianas, e havia uma balaustrada separando a cama do resto do quarto, tal como em todos os quartos reais da França e Bavária.

— Sabe, Wynstan? Acho que você é a réplica de um dos meus antepassados que era um pirata e um desordeiro, no tempo da rainha Elizabeth. Sabia lidar com as mulheres. Pena a rainha não saber apreciá-lo como devia.

— Por isso é que ela ficou virgem.

— Sempre tive minhas dúvidas a esse respeito — comentou a Sra. Vanderfeld, e o filho deu uma risada.

— Se você falar assim em frente de Harvey, mamãe, ele tem um ataque! Está dirigindo toda a campanha eleitoral no sentido do puritanismo e insiste que todos devemos ser puros!

— Era a última coisa que eu queria ser — cortou a Sra. Vanderfeld.

— Harvey pensa como uma velha puritana, sempre pensou! Mesmo assim, gostaria de vê-lo na Casa Branca.

— Eu também. Ele ficaria tão feliz. E, afinal de contas, é muito melhor do que Theodore Roosevelt!

— Também, não é difícil! Mas não tenho certeza se você não daria um presidente melhor!

Wynstan levantou as mãos, horrorizado.

— Está se esquecendo de que eu sou o *playboy* da família?

— Não será tempo de começar a pensar em sossegar? Tem se divertido muito nos últimos anos e não o recrimino. Mas gostaria de conhecer um filho seu antes de morrer.

Wynstan deu uma risada.

— É muito bonito, mamãe, mas você não está pensando realmente em morrer, embora de vez em quando nos pregue uns sustos, como no mês passado. Sabe que é como toda a sua família: vai chegar tranquilamente aos cem anos!

— Talvez faça isso só para ficar de olho em vocês! Enquanto eu estiver viva, posso manter a família sob controle. Pelo menos, a maioria.

— Sou uma exceção?

— Você sempre foi um menino teimoso e obstinado, mas desde pequeno soube encantar até um passarinho, se tivesse vontade.

— Fui sempre assim em relação a você, mamãe, e acho que não casei porque nunca encontrei ninguém tão divertida, tão espirituosa e tão atraente.

— Lá vem você! Agora tenho certeza de que está me escondendo alguma coisa; senão, não me faria tantos elogios.

Olhou para o filho, e o olhar dos dois era igual.

— Faça o que tem para fazer e depois volte para me contar tudo. Fico excitadíssima com seus casos de amor.

— Você se realiza em mim, não é, mamãe?

Ela começou a rir. Beijou-o, cheia de ternura, quando se despediu.

— Cuide-se, meu querido. Agora que Elvin se foi, você é o meu neném e vou ficar pensando e rezando para que volte em segurança.

— Vou voltar. E o mais depressa que puder.

— E lembre-se do que eu lhe disse sobre o seu filho! — falou a Sra. Vanderfeld, quando ele já ia saindo.

— Já tem homens de sobra para adorar você — respondeu Wynstan, e os dois desataram a rir.

Agora, examinando a lista dos trezentos e trinta e dois passageiros da primeira classe, Wynstan descobriu um nome que chamou sua atenção: o conde e a condessa de Glencairn estavam no convés B.

Conhecera o conde há alguns anos. Havia sido um ótimo cavaleiro e caçador, mas quebrara a perna quando já tinha mais de setenta anos e agora andava numa cadeira de rodas.

Mesmo assim, casara pela segunda vez com uma francesa muito bonita, de olhos negros.

Wynstan tinha estado com ela, num jantar na casa de seu cunhado duque, perto de Oxford. Sentou-se ao lado da condessa durante o jantar e flertaram a noite inteira.

Wynstan Vanderfeld largou a lista de passageiros, com um sorriso cínico.

A viagem não seria tão aborrecida como pensava.

CAPÍTULO III

Larina sentia-se como se o coração já tivesse parado de bater. Não conseguia pensar em mais nada, além de que os dias, horas e minutos estavam passando e que devia fazer alguma coisa especial, algo importante antes de morrer, mas não sabia o quê.

Parecia que sua força de vontade tinha desaparecido e precisava, como nunca na vida, que alguém tomasse o controle da situação e lhe dissesse o que fazer.

Só lhe restava a esperança de Elvin responder o telegrama.

E se ele estivesse doente demais para atender ao seu grito de socorro?

A idéia a assustava tanto que a todo momento pegava as cartas dele e lia a última:

“Penso que o ar do mar me fez bem. Fez-me pensar em você, e os dias cinzentos me lembravam seus olhos”.

As cartas não eram longas. Larina sabia que, mesmo que ele quisesse escrever mais, seria um esforço desumano.

Mas dizia que estava melhor, e isso era bom. Tinha certeza de que Elvin estava vivo; senão, ela já teria sabido.

Sentia-se tão terrivelmente só desde a volta para Londres, que tentava se lembrar de tudo que o amigo lhe havia dito.

“Como é que você pode estar só, quando há vida à sua volta?” Lembrando-se dessas palavras, foi passear no Hyde Park.

Era um alívio sair da pequena casa, tão silenciosa e soturna. Soprava um vento frio, que a fazia recordar o ar límpido e refrescante da Suíça.

Andou pela grama até chegar à Serpentina. Embora não fizesse bom tempo, começou a sair um sol pálido; então, sentou-se perto da água.

Olhou em volta, notou que os *daflodils* estavam em flor e que as tulipas vermelhas pareciam guardas nos canteiros.

Tinha estado tão absorta em suas preocupações, que costumava andar pelo parque sem reparar em nada e sem pensar em coisa alguma, além do medo do futuro e a dificuldade em arranjar um emprego.

Fez de conta que Elvin estava a seu lado, dizendo-lhe que havia vida em toda parte.

— Oh, Elvin, Elvin, ajude-me! Ajude-me!

Falou alto sem querer, mas não houve resposta; só o barulho do vento, arrastando as folhas mortas, e dos galhos das árvores, onde as folhinhas da primavera começava a despontar.

O vento ondulava a água da Serpentina e as flores dançavam ao sabor da brisa.

Faço parte disto tudo e isto faz parte de mim, Larina repetia a si mesma, sabendo que realmente não sentia o que dizia.

De repente, apareceu um brilho ofuscante na água, os *daflodils* ficaram dourados como o próprio sol e ela quase pôde ver a grama crescer sob seus pés.

Foi uma sensação intensa, divina, uma glória que iluminava o céu e sua alma.

Então, no momento em que queria reter toda aquela beleza, para ter a certeza que estava realmente acontecendo, ela se foi!

Havia sido uma sensação momentânea, uma experiência transitória que mais parecia ilusão. Mas sabia que tinha acontecido!

Agora, entendia o que Elvin dizia.

Tentou reviver toda aquela emoção, mas, embora o sol ainda brilhasse na água, não havia mais a luz daquele momento incrível.

Talvez seja falta de prática, pensou Larina, esperançosa.

Aquele momento mágico brilhava como uma jóia em sua mente, ao voltar para casa.

Não conseguiu esquecer daquilo ao longo dos dias; continuava tentando que voltasse a acontecer, mas o êxtase e a magia fugiam dela.

Agora só conseguia pensar no momento em que o coração deixaria de bater, quando os pulmões parassem de respirar.

Chamava por Elvin, como ele tinha dito para fazer, e rezava para que respondesse o telegrama.

Só Elvin podia evitar que tivesse medo, quando o vigésimo primeiro dia chegasse.

Se Elvin não pudesse vir imediatamente, seria tarde demais. Mesmo assim, teriam tão pouco tempo juntos!

Parecia impossível que o que lhe havia dito na Suíça, se tornasse realidade.

— Posso perfeitamente morrer antes de você.

Tinha sido apenas uma maneira de falar, mas agora sabia que não sobreviveria a Elvin e que não estava preparada, como ele, para encarar a morte.

Ajude-me, ajude-me! - gritava seu coração.

A casa vazia tinha um não sei quê de ameaçador, precisava ser pintada, os carpetes trocados; enfim, tudo ali a sufocava.

Nem ela nem a mãe tinham ligado muito para aquele lugar. As duas odiaram deixar a casa grande e confortável em Sussex Gardens, do outro lado do parque.

Quando o Dr. Milton morreu inesperadamente de um vírus apanhado de um doente, a esposa descobriu que a casa pertencia aos colegas do marido. Larina e a mãe descobriram também que ele tinha deixado muito pouco dinheiro.

O Dr. Milton tinha uma ótima clientela entre as pessoas da sociedade que viviam naquela parte de Londres. Mas como era um homem muito bom e simpático, tratava de um grande número de pobres que viviam nos arredores de Paddington, sem cobrar nada. Mais do que isso, comprava com o próprio dinheiro remédios e pequenos luxos que eles não poderiam comprar.

Muitos dos seus doentes pobres foram ao funeral, levando pequenos ramos de flores e falando do bom doutor e de sua gentileza. Mas era triste pensar no pouco que restara à viúva e à filha. Como a mãe ficou muito abalada depois da morte do pai, foi Larina quem teve que providenciar um lugar para elas viverem.

Pensando que seria bom para a mãe sair do lugar onde tinha sido tão feliz, procurou uma casa barata para alugar, mais a sul do parque, em Belgravia. A que encontrou em Eaton Terrace realmente era barata, mas parecia pequena, abafada e sem graça, mesmo depois de a mobiliarem com as coisas que tinham.

— Sei que é tolice da minha parte, mas não consigo pensar nesta casa como um lar — disse a Sra. Milton, quando se mudaram.

Larina sabia que ela nunca se habituaria a ser uma viúva. Sempre havia sido mimada e amada pelo marido. Não queria saber de emancipação ou de independência da mulher.

— Não quero votar, querido — Larina ouviu-a uma vez dizer a seu pai. — Contento-me em você me explicar a situação política, mas prefiro falar de outras coisas.

— Acho que nunca será uma eficiente mulher moderna — comentou o marido, sorrindo.

— Só quero ser sua mulher — respondeu a Sra. Milton, com um olhar de adoração.

Eles tinham sido tão felizes, que às vezes Larina se sentia rejeitada,

mesmo sabendo que o pai a adorava. Quando ele morreu, a mãe se apegou demais a ela, demonstrando a cada momento como a filha era importante.

Agora estava só, e como era difícil encarar essa solidão, depois do relacionamento que tinha tido com os pais.

Talvez seja bom ter pouco tempo de vida, pensou amargurada. Fui educada de uma maneira errada para estar num mundo onde uma mulher sozinha é terrível.

Lembrava-se de como se sentia ao ir visitar *sir* John Coleridge, planejando arranjar um emprego como secretária.

Era uma hipótese, mas havia um grande desemprego no país naquele momento e era pouco provável que alguém desse trabalho a uma mulher, quando podia contratar um homem.

Desanimada, foi até a sala olhar para as coisas que pertenceram à mãe: a caixa de costura, a pequena escrivaninha junto da janela, onde estavam as fotografias do pai e dela.

Tocou nos objetos chineses em cima da lareira, que a mãe tinha recebido de presente num Natal. Reparando melhor, viu que faltava a mão de uma das estatuetas.

Ficou zangada porque os inquilinos não tiveram cuidado e não consertaram a peça depois. Mas, o que é que isso importava agora?

Sua mãe não saberia que as coisas de que gostava estavam quebradas e ela mesma daí a poucos dias também não estaria mais ali para ver nada.

— O que é que vou fazer com tudo isto? Não posso morrer sem dizer a alguém que não vou precisar mais delas.

Tentou pensar em alguma amiga em quem pudesse confiar. Mas enquanto que os pais tinham muitos amigos quando viviam em Sussex Gardens, ela, como era natural, não podia participar das festas que davam.

Além disso, como era muito tímida, nunca fez amizade com as poucas garotas que conhecia. Sua mãe costumava dizer que perderia a timidez quando fosse mais velha.

— Temos que dar um baile para Larina — propôs uma vez ao marido.
— Você precisa começar a economizar, John, porque, quando ela tiver dezoito anos, vou ser muito exigente com as roupas dela. Principalmente, com os vestidos de noite.

— Só falta você me dizer que vai apresentá-la à corte!

— E por que não? Eu fui apresentada, quando fiz dezoito anos.

— A família vivia em circunstâncias muito diferentes.

— Todas as Courtney foram apresentadas — disse a mãe, com

dignidade. — Não estarei cumprindo meu dever para com Larina, se não a levar ao Palácio de Buckingham para fazer a reverência.

Sorriu para a filha e continuou:

— Se eles acharem que não sou bastante importante para apresentar você, minha querida, vou pedir à sua madrinha, *lady* Sanderson. Ela sempre lhe mandou um presente no Natal. Embora more no campo e a gente se veja muito pouco, sei que continua sendo a mesma boa amiga de sempre.

Mas *lady* Sanderson morreu no ano seguinte e a Sra. Milton chorou a morte da amiga que tinha sido tão importante para ela durante a juventude.

Agora não havia mais *lady* Sanderson a quem pedir ajuda. E depois de ter passado um ano na Suíça e outro de luto pesado pelo pai, Larina não conseguia mais se lembrar dos nomes das pessoas que costumavam frequentar Sussex Gardens. Além disso, quem queria ver alguém que procura apenas consolo porque está com medo da morte que se aproxima?

Ainda por cima, sabia muito bem que não teria coragem de falar sobre seu sombrio destino.

Vou manter tudo em segredo, pensou, com súbito orgulho. Não vou chorar e me queixar como as mulheres costumavam fazer com papai. Lembrava-se de que o pai uma vez disse:

— Estou farto dessas carpideiras!

— O que é que você quer dizer com “carpideiras”? — perguntou a mãe, com um sorriso.

— Essas mulheres que choram porque têm mais maleitas e dores do que o resto da humanidade! Não preciso dizer que são sempre as mais ricas! As pobres estão preocupadas com o essencial, como nascer, sobreviver e ter a coragem de morrer com dignidade.

— Elas são corajosas.

— E por isso que as admiro.

Não devo me queixar... tenho que ser corajosa, decidiu Larina. Gostaria que papai se orgulhasse de mim.

Sentou-se no sofá, pensando no que devia fazer. Havia coisas para remendar e os móveis precisavam ser consertados.

Mas para que fazer isso?

Nesse momento, ouviu a campainha tocar, ressoando alto na casa vazia.

Pensou que podia ser um telegrama de Elvin. Levantou-se de um salto e, com um brilho novo no olhar, desceu a escada correndo.

Abriu a porta, mas em vez de ver o carteiro como esperava, deu com

um senhor de meia-idade, bem vestido, segurando um chapéu-coco. Parecia um funcionário público, como muitos dos pacientes do pai.

— A Srta. Larina Milton mora aqui?

— Eu sou a Srta. Milton.

Percebeu que ele ficou surpreso por ela abrir a porta. Para disfarçar que estava sozinha, acrescentou:

— Lamento, mas a empregada saiu!

— Posso falar com a senhorita?

Tinha os cabelos grisalhos e um ar respeitável, mas Larina não gostaria que ele entrasse em casa.

— Sobre o quê?

Pensava que tivesse vindo vender alguma coisa. Sabia que era costume aparecerem as pessoas mais estranhas vendendo seguros ou mercadorias caras de porta em porta.

— Tenho um recado do Sr. Elvin Farren. Suas dúvidas desapareceram.

— Oh, entre por favor!

O homem entrou depois de limpar os sapatos cuidadosamente no tapete.

— Quer ter a gentileza de vir para a sala? É no primeiro andar. Larina seguiu na frente.

Apesar das cortinas desbotadas e do carpete gasto, a sala estava muito agradável.

— Não quer se sentar?

— Meu nome é Donaldson, Srta. Milton — disse ele, sentando-se na beira do sofá, enquanto Larina puxava uma cadeira à sua frente.

— Teve notícias do Sr. Farren? — perguntou, ansiosa.

— O Sr. Farren me pediu para vir visitá-la. Pelo que ele diz no telegrama, a senhorita queria vê-lo.

— Sim, queria muito vê-lo... se for possível.

— O sr. Farren sugeriu que se encontrassem em Sorrento.

— Em Sorrento? Na Itália?!

— Sim, senhorita. A família dele tem uma *villa* lá e o sr. Farren pediu-me para levá-la até lá imediatamente.

Larina olhou para ele, atônita.

— Disse que eu devia fazer essa viagem... tão grande, para me encontrar com ele?

— Ele estará vindo dos Estados Unidos e creio que pensou que não seria pedir-lhe muito para ir até lá.

— Não, não, claro que não! Não é isso, é que para mim foi uma surpresa muito grande!

— Sabe onde fica Sorrento?

— Claro. É perto de Nápoles. Meu pai me falava freqüentemente sobre Nápoles. Ele se interessava muito por Pompéia e Herculano.

— Fizeram grandes descobertas lá, pelo que sei — disse o Sr. Donaldson.

— Pelo que li, sim.

Larina falava automaticamente, confusa com o que tinha acabado de ouvir.

Pensou que, se Elvin estivesse em condições de cumprir a Promessa, viria a Londres. Ele lhe havia dito uma vez que, quando ficava em Londres, ia para um hotel chamado Claridges, e Larina imaginou visitá-lo lá. Ou talvez ele estivesse bastante bem para vir até sua casa. Mas Sorrento!

— É claro que o Sr. Farren não quer que viaje sozinha — dizia o Sr. Donaldson. — Ele me pediu para levá-la ou então contratar uma pessoa.

Larina não disse nada. Passado um momento, ele continuou:

— Talvez eu deva explicar, Srta. Milton, que cuido dos negócios do Sr. Farren em Londres, onde ele tem um escritório.

— Um escritório? Para que ele precisa de um escritório? Houve uma pausa, antes que o Sr. Donaldson explicasse:

— O Sr. Farren tem negócios não só no seu país, mas também no resto da Europa, e aqui somos nós que tratamos de tudo.

— Ah, compreendo.

Suspeitava de que Elvin fosse muito rico; senão, não poderia pagar um chalé só para ele. Além do que, os honorários do Dr. Heinrich, exceto no caso de sua mãe, eram muito altos.

Mas um escritório para tratar dos negócios representava considerável poder e não lhe parecia que Elvin se preocupasse com coisas materiais.

Entretanto, o Sr. Donaldson continuava falando no seu jeito de homem de negócios:

— O que sugiro, srta. Milton, é que me deixe tratar de tudo. Farei com que a viagem seja o mais confortável possível. Só preciso saber quando pode partir.

— Quando? — perguntou, confusa.

— O Sr. Farren parece achar importante que vá para a Itália o mais depressa possível. Não tenho certeza de quando ele chegará lá.

Ficaram em silêncio e Larina perguntou, envergonhada:

— Tem... tem alguma idéia... de quanto custa a viagem?

— Receio que não tenha me explicado corretamente. Se a senhorita for para a Itália, será convidada do Sr. Farren. Ele deixou isso bem claro no telegrama. Providenciarei para que todas as despesas sejam pagas.

— Mas não posso permitir... — começou Larina, mas depois calou-se.

Para que protestar?

Se Elvin queria que ela fosse a Sorrento, a única maneira seria se ele pagasse tudo. Sabia muito bem que não tinha dinheiro para comprar a passagem.

Era ridículo criar dificuldades ou argumentar, quando Elvin estava sendo tão gentil, tão maravilhosamente gentil, respondendo ao seu pedido de socorro.

Depois de mandar o telegrama, ficara pensando se tinha feito bem. No fundo, sabia que ele entenderia o que ela estava tentando dizer, e agora era evidente que tinha entendido.

Ele vinha para ajudá-la, como prometera. Então, teria que concordar com o que estava pedindo.

O Sr. Donaldson olhava para ela.

— Tudo que tem que dizer Srta. Milton é quando poderá partir. Larina olhou desanimada para a sala.

— Eu poderia ir agora mesmo, se não fosse um problema.

— E qual é senhorita?

— Tenho que vender os móveis e tudo que puder. Preciso do dinheiro... Tenho que comprar alguns vestidos, se for para Sorrento. — Percebeu a surpresa do Sr. Donaldson, e explicou: — Sabe, eu estava morando na Suíça, onde conheci o sr. Farren. Lá usava roupa de inverno, porque, mesmo no verão, fazia frio. Mas em Sorrento vai estar quente.

— É mesmo. Na verdade, acho que vai fazer calor assim que abril começar.

— Também acho.

— Entendo que vai precisar mesmo de alguns vestidos de verão.— Sorriu, e isso lhe deu uma humanidade que até então não existia. — Tenho esposa e três filhos que raramente falam em outro assunto. Por isso, sei bem como é importante.

Larina também sorriu.

— Então, talvez possa me ajudar. Não vou precisar de nada desta casa, quero vender tudo.

— Vai deixar a casa, quando voltar de Sorrento?

— Sim. Eu vou... embora.

— Neste caso, podemos leiloar, ou tentar encontrar um comprador, mas isso leva tempo. — Deu uma olhada e perguntou: — Será que pode me mostrar o resto da casa, Srta. Milton?

— Claro.

Não havia muito a ver. A cama de mogno e o resto dos móveis do quarto de sua mãe eram bonitos, mas vão valiam grande coisa.

Em seu quarto também não havia nada de valor, mas a mesa da sala de jantar e as cadeiras eram boas; seu pai dizia que eram Hepplewhite.

O Sr. Donaldson interessou-se mais pelos quartos.

Finalmente, foram até o estúdio, onde ele deu uma vista de olhos, desinteressada, nos livros.

— E é tudo! — disse Larina, com jeito de quem pede desculpas. — Lá em baixo na cozinha não há praticamente nada. Desde que meu pai morreu, não pudemos mais ter empregada.

Corou ao se lembrar da mentira que tinha dito quando ele chegou.

— A senhorita vive aqui sozinha? Ela concordou com a cabeça.

— Nem gosto de pensar nisto, sita. Milton. Não permitiria, se fosse uma de minhas filhas. Parece-me que, quanto mais cedo chegai a Sorrento, melhor! — Acrescentou, sorrindo: — Naturalmente, não pode ir sem os vestidos, e creio que posso resolver o problema.

— Como?

— Vou lhe dar cem libras adiantadas. Enquanto estiver fora. Venderei o que puder. Se passar de cem libras, faremos contas quando voltar.

— E se der menos? — perguntou, receosa.

— Não creio. É só questão de encontrar os compradores certos. Algumas coisas, como a escrivaninha da sala, são muito valiosas, e só o aparador da sala de jantar deve valer quinze libras!

— Talvez seja melhor o senhor fazer uma avaliação, antes de se comprometer.

— Prefiro arriscar — disse o Sr. Donaldson, sorrindo.

Enquanto falava, sentou-se na cadeira que Larina ocupava antes. Era uma peça pesada e não tinha a elegância da que estava no quarto de sua mãe.

— Se eu lhe der um cheque, a senhorita poderá descontá-lo amanhã. Será que pode comprar as roupas de que precisa em três dias?

— Sim, tenho certeza de que posso.

— Assim, terei tempo para fazer a reserva no navio de Dover ate Calais e nos trens que terá que pegar para Roma e, depois, Nápoles.

— Mal posso acreditar que é verdade!

— Depois lhe digo a que horas virei buscá-la na quinta-feira. Creio que deve ser cedo.

— Não me importo.

O Sr. Donaldson destacou o cheque.

— Se precisar de alguma coisa, pode entrar em contato comigo neste endereço.

La tirando um cartão do bolso, mas depois mudou de idéia e escreveu o endereço numa folha de papel.

— Chame um mensageiro, e virei o mais rápido que me for possível.

— Estou certa de que não precisarei de nada. Estarei ocupada fazendo compras.

— Tem razão. — Sorriu. — Divirta-se, Srta. Milton. Não creio que precise de roupa sofisticada. Como o Sr. Farren tem estado doente, não penso que ele vá se divertir muito.

— Não, claro que não.

— Os jardins da *villa* são muito bonitos. Para ser franco, dizem que são os mais belos de todo o sul da Itália, e a própria *villa* é magnífica! Originalmente, foi a residência de um famoso senador romano, mas penso que o Sr. Farren quer lhe contar tudo.

— Parece que estou sonhando! Não pode ser verdade. Se o senhor soubesse o que significa para mim...

Parou de repente. Esteve a ponto de fazer confidências a um estranho.

— Posso entender. Muitas vezes, sinto o mesmo, quando estou conversando com o Sr... — Pareceu engasgar no nome, antes de terminar. — ... Farren e com os irmãos. Agora, se me permite, Srta. Milton, tenho muitas coisas para providenciar, antes de vir buscá-la na quinta-feira e o dia de hoje já está terminando.

Larina levou-o até a porta.

— Até breve, Sr. Donaldson. Muito obrigada, muito obrigada, mesmo!

— Até breve, senhorita.

Quando ele se afastou, Larina reparou que um automóvel com motorista o esperava. Ficou surpresa. Um automóvel!

Havia poucos em Londres, e as pessoas olhavam para eles com espanto e até com consternação.

Elvin nunca tinha mencionado nada sobre carros e ela não conseguia imaginá-lo dirigindo um desses horríveis veículos, que faziam tanta poeira e assustavam os cavalos.

— No dia que tiver que visitar meus pacientes de carro, desisto da Medicina! — Costumava dizer seu pai. — Chegar buzinando na casa de alguém que tenha coração fraco, vai certamente provocar-lhe um ataque cardíaco!

— São tão odiosos e fedorentos! — queixava-se a mãe de Larina.

— Estão todos loucos com a velocidade — continuava o Dr. Milton. — Trens mais rápidos, navios idem, carros correm pelas estradas, atropelando crianças e cães. Aonde é que isto vai parar?

— Aonde? — ecoou a esposa, com um suspiro. — Não conheço nada mais delicioso do que andar tranquilamente e com dignidade numa carruagem.

Mas Larina, secretamente, desejava andar de carro. Agora, espiando da porta, viu o Sr. Donaldson partir e desejou poder sentar-se a seu lado.

Até o barulho que o carro fazia ao descer Eaton Terrace tinha algo excitante.

Mas, ao fechar a porta, disse para si mesma que a partir dali tudo era excitação.

Como era possível embarcar para a Itália daí a três dias?

Itália, que ela sempre desejara conhecer, sobre a qual tinha estudado, lido e falado com o pai.

E Sorrento, acima de tudo!

Não comentou com o Sr. Donaldson, porque teve vergonha, mas o motivo pelo qual estava particularmente interessada era porque foi perto de Sorrento que, segundo a lenda, Ulisses impediu que seus homens ouvissem o canto das sereias, tapando-lhes os ouvidos com cera e fazendo com que eles o amarrassem ao mastro do navio para não ficar encantado também.

O Dr. Milton tinha um interesse muito especial pelas descobertas arqueológicas de Pompéia e Herculano e pelos túmulos descobertos recentemente no Egito, e encorajava a filha a estudar as religiões e a história de todas as antigas civilizações.

Pelo que havia lido, Larina sabia que Sorrento era na baía de Nápoles, onde os romanos ricos construíram suas casas de verão.

Mas, antes dos romanos, tinha sido colonizada pelos gregos, que, diziam, fundaram o Templo de Atenas no alto do promontório.

Dentre todos os livros de História que lia, era a dos gregos que mais a emocionava.

Tentou se entusiasmar com outras culturas e religiões de que o pai gostava, mas os deuses assírios e babilônios eram muito violentos e

mundanos; e os deuses egípcios, com suas feições de animais, grotescos.

Os gregos não tinham reis tão esplêndidos como os faraós, nem pirâmides, nem o Nilo para dar fertilidade à terra. Mas, para Larina, eles haviam descoberto algo muito diferente das outras civilizações: a luz personificada em seu deus Apolo.

Cada manhã, Apolo se movia no céu, viril, iluminado por um milhão de pontos luminosos, curando tudo que tocava, germinando as sementes e desafiando o poder da escuridão. Para Larina, ele se tornara real.

Tal como os gregos que viam em Apolo não só o sol, mas também o homem perfeito, ela o visualizava e, gradualmente, tinha formado uma imagem na mente.

Ele era não apenas o sol, mas a lua, os planetas, a Via Láctea e as estrelas. Os livros diziam que, de todos os deuses, era o que concedia mais graças, o mais generoso e o mais perspicaz.

Adorou quando o pai lhe contou que a companhia constante de Apolo era o delfim, o mais macio e brilhante dos animais.

Larina tinha ido ao jardim zoológico ver os delfins e pensou neles ao lado de Apoio, brilhando como ele, com uma luz que iluminava o mundo e também a mente dos homens. Tentou dizer ao pai o que sentia e achou que ele entendeu. — Quando estive na Grécia, descobri que, à noite, quando Apolo desaparece, os gregos se sentem miseráveis. Acredito que não haja outro povo no mundo que tenha tanta luz em casa. Mesmo durante os dias mais lindos, eles acendem as lamparinas, se podem pagar o azeite. — Fez uma pausa e acrescentou mais sério: — Luz é a Proteção deles contra o demônio da escuridão. Apolo é luz, disse Larina a si mesma, sabendo que, se não pudesse ir à Grécia antes de morrer, ao menos em Sorrento estaria pisando o solo onde os gregos o haviam adorado.

Na sua excitação, acreditava que não era Elvin que ia encontrar em Sorrento, mas Apolo, o personagem de seus sonhos de criança e que, de certa maneira, era parte dela mesma.

Foi isso que os gregos deram ao mundo: o desenvolvimento de um corpo e uma mente perfeitos. Uma mente como a dela, que acreditava não haver barreiras para o conhecimento e a razão.

Mas havia pouco tempo para a introspecção ou para pensar demais em Apoio. Precisava comprar roupa e, pela primeira vez, podia gastar o que quisesse. Não seria uma extravagância.

Na manhã seguinte, levantou-se bem cedo e foi ao banco retirar o dinheiro do Sr. Donaldson e o pouco que restava do dela, diminuído a cada

semana, desde que voltara para Londres.

Resolveu deixar dez libras para qualquer emergência e gastar o resto.

Não havia hipótese de voltar de Sorrento, uma vez que os vinte e um dias acabariam pouco depois de chegar lá. Então, não teria mais necessidade de dinheiro.

Desejava ter feito mais perguntas ao Sr. Donaldson sobre as roupas que devia levar, mas não era provável que ele soubesse.

Sabia que para o sol eram necessárias cores claras e branco, e quase não tinha nada assim no guarda-roupa.

Além disso, queria usar as cem libras para aparecer a Elvin o melhor possível e ser uma visitante digna da *villa* de que o Sr. Donaldson tinha falado tão bem.

A única dificuldade é que não havia tempo de mandar fazer nada.

As roupas das melhores costureiras de Londres eram feitas sob medida e provadas muitas vezes, levando duas ou três semanas para ficarem prontas.

Os melhores vestidos de sua mãe, os que usava em ocasiões especiais, eram todos feitos por uma costureira em Hanover Square. embora não fossem muito caros, porque a esposa de um médico não podia se dar a esse luxo.

Larina foi primeiro a Peter Robinson, em Regent Street, onde havia vestidos prontos.

Encontrou dois trajes leves que precisavam de consertos, mas que poderiam ser entregues no dia seguinte. Eram de musselina, bonitos e não muito caros. Foram os únicos que não ficaram largos demais no busto.

— A senhorita é muito esbelta — disse a costureira ao fazer as marcações para apertar o vestido.

— É, eu sei que o meu tipo não está na moda — respondeu Larina, com um sorriso.

— Quando for mais velha, vai ficar mais gordinha — disse a mulher, em tom de consolo.

A silhueta popularizada pelo americano Charles Dana Gibson tinha tomado conta da Inglaterra. Em suas revistas, apareciam desenhos de lindas mulheres com o corpo em forma de violão.

Larina sabia que nunca teria nenhuma daquelas curvas, nem usaria nenhum enchimento postiço. Resolveu também não usar nenhuma gola alta engomada, que estavam na moda, mas eram tremendamente desconfortáveis, por causa das barbatanas.

Faltava comprar os vestidos de noite, e se lembrou de ter lido uma reportagem no *The Ladie's Journal* sobre um costureiro francês chamado Paul Poiret, que estava tentando mudar a aparência da roupa feminina para o que chamava “um estilo mais solto e mais gracioso”. Suas idéias, tal como suas novas criações causavam sensação em Paris e em Londres.

Não perco nada em ir ver! - pensou.

A loja Poiret era em Berkeley Street. Sentindo-se uma perdulária, tomou uma carruagem, em vez de um ônibus.

Normalmente, ficaria acanhada ao entrar numa loja tão luxuosa, mas agora, sabendo que não tinha futuro, estava cheia de coragem.

Se as pessoas se surpreendessem com seu comportamento, que importava? Se a criticassem, ela não estaria mais lá para ouvir! Mesmo se fizesse alguma má ação, tudo seria esquecido daí a duas semanas, quando ia morrer.

Decidida e sem se preocupar com sua aparência, entrou na loja e Pediu para ver alguns modelos.

— No momento temos muito poucos, madame — informou uma vendedora superelegante. — A nova coleção de Paris do sr. Poiret vai ser mostrada na semana que vem. Agora, temos apenas as roupas que estão em saldo.

— Em saldo! — exclamou Larina, satisfeita, porque isso significava vestidos já prontos e que poderiam ser consertados para o seu corpo.

Tinha sido mesmo uma inspiração, uma sorte, ter tido coragem de entrar na Poiret.

Saiu de lá com dois vestidos de noite, dois para o dia e uma roupa de viagem.

Quando explicou para a vendedora que estava indo para a Itália na sexta-feira, talvez pela excitação de sua voz, ou porque parecia tão jovem e indefesa, a mulher deixou de lado o ar superior e tornou-se amável e simpática.

Quebrando as últimas barreiras, perguntou:

— Quanto tem para gastar?

— Quase cem libras para comprar tudo.

Fizeram o orçamento juntas. Só precisaria de um chapéu de abas largas e podia ir trocando as fitas, para combinar com os vários vestidos. Sapatos, bastariam alguns brancos para o dia e outros de cetim para usar com os vestidos de noite. Luvas, poderia usar as que já tinha, e o resto era para comprar os vestidos lindos e originais que o Sr. Poiret parecia ter

desenhado só para ela.

Soube que ele não gostava do estilo de Gibson. Preferia vestidos esvoaçantes, que eram os que ficavam bem em Larina.

Escolheu um branco de *chiffon* e outro rosa-claro que fazia lembrar flores de amendoeira.

Os vestidos de noite tinham estolas combinando e caíam tão bem que lhe lembrava o movimento do vento num gramado.

— Está encantadora senhorita, realmente encantadora! — disse a vendedora, quando acabaram de provar o último vestido, prometendo entregar tudo na quarta à tarde.

Olhando-se no espelho, Larina não teve dúvida de que eles a tornavam mais bonita do que nunca. Realçavam a cor dos cabelos e o cinza dos olhos, além de acentuarem a brancura da pele.

— Você foi tão amável — falou impulsivamente para a vendedora. — Ainda não acredito como tive coragem de entrar nesta loja sozinha.

— Tive muito prazer. Só gostaria de poder ir para a Itália e vê-la usar os vestidos.

— Também gostaria que viesse.

— Não importa. Sei que vai ser muito admirada, e isso já é uma satisfação.

Larina sorriu. Tinha a certeza que Elvin gostaria de vê-la e queria estar bonita para ele.

Lembrava-se dos elogios que lhe fazia, recordando depois o mais importante de todos, quando disse que queria que ela estivesse com ele “quando o seu espírito tomasse asas”.

Só que agora não seria o espírito dele que iria embora, mas o dela.

Em Sorrento estaria indo para a luz; não para as trevas. E, com Elvin a seu lado não teria medo.

CAPÍTULO IV

Wynstan tinha viajado de Paris para Roma e de Roma para Nápoles, totalmente irritado.

Como calculava, divertira-se a bordo com a fascinante condessa de Glencairn.

Na primeira noite, ao descer para a sala de jantar, sabia que ela o achara tão atraente como ele a achara.

Seus olhos negros brilharam, quando ele apareceu, e logo teve certeza de que iam ter um romance, tão agradável como só as francesas sabem proporcionar.

Com sua experiência, achava as francesas mais sofisticadas e mais civilizadas no amor do que qualquer outra. Sabiam tirar partido do amor, saboreando-o cuidadosamente como se faz com um prato requintado, sem pressa, desfrutando todo o sabor.

As inglesas eram sempre muito sérias. Faziam invariavelmente as mesmas perguntas: Você vai me amar para sempre? - É a primeira vez que sente o que está sentindo agora?

Tinham sempre na cabeça que o amor deve ser permanente, em vez de aproveitarem o encantamento do momento.

Ivette Glencairn era hábil na antiga ciência de fascinar um homem, e Wynstan, embora convencido de que sabia todas as regras do jogo, ficou encantado ao ver que ainda tinha aprendido mais algumas.

Francesa e esperta, Ivette mantinha vários homens a seus pés, mas era sempre charmosa com o marido, para que ele, como bom inglês, não se esquecesse de que os outros homens eram apenas para passar o tempo.

O conde cumprimentou Wynstan com prazer e falaram de cavalos e do tempo em que ele era um rei das corridas. Especularam e discutiram quem ganharia o Derby e as outras corridas clássicas da Inglaterra naquela temporada.

Wynstan sentava-se com os Glencairn às refeições e eles muitas vezes iam ao seu camarote depois do almoço ou do jantar.

Mas, quando o conde se recolhia e os outros passageiros já estavam deitados, Yvette aparecia na cabine de Wynstan com uma diáfana e transparente camisola.

Ela era envolvente e excitante, e, quando lhe pediu para ficar em Paris com eles, Wynstan sentiu-se tentado a adiar por alguns dias a viagem para Sorrento.

Sabia bem os amigos que ia encontrar em Paris naquela altura do ano, onde as cestas das vendedoras de flores estariam cheias de violetas, no ar haveria o cheiro da primavera e o Maxim's seria mais divertido do que nunca.

Em sua última viagem a Paris, passara a maior parte do tempo com uma das sucessoras das grandes *cocottes* parisienses do século XIX, a glamorosa Gaby Deslys, como a mãe acabou por descobrir, através de seus misteriosos canais de informação.

Ela era a atriz de quem toda Paris falava, um tipo de beleza de que Wynstan gostava. Rosto angelical, olhar quente e lábios sensuais, além de alegre e bem-disposta; diferente de qualquer outra.

Era audaciosa, bizarra, às vezes vulgar, mais parecendo uma ave do paraíso, não só no palco, onde se vestia quase exclusivamente com plumas e pérolas, mas também nos restaurantes e, por algum mistério que só ela conhecia, na cama também!

Tinha uma vitalidade que tornava sensual tudo que fazia. Por mais sofisticada e escandalosa que fosse, mais as pessoas a amavam. Quando surgia, parecia personificar a própria cidade de Paris, e, quando atuou em Londres um ano antes, os jornais disseram que ela era “a vida parisiense”. E tinham razão!

Seria divertido estar com Gaby novamente, pensou Wynstan, e havia outros amigos que o receberiam de braços abertos. Mas prometera a Harvey impedir Larina Milton de criar problemas, agora que a campanha eleitoral estava no auge.

O navio não fez o percurso Nova York — Southampton, no prazo previsto, que era de cinco dias, vinte e duas horas e quarenta e cinco minutos. Desta vez, por causa do tempo, atrasou quatro horas.

Wynstan levou um dia e uma noite até Cherbourg e só chegou a Paris no dia oito de abril, à noite. Era o trajeto mais rápido para Roma, e ele ficou feliz quando soube que teria que dormir em Paris, porque o expresso só partia na manhã seguinte. Infelizmente, perdeu o expresso.

Eram seis horas da manhã, quando chegou à suíte que ocupava no Ritz Hotel, depois de ter passado uma noite divertida e leve como uma taça de champanha!

Gaby, coberta de plumas e jóias, tinha dançado em uma das mesas do Maxim's. Depois de levá-la em casa, Wynstan já sabia que não ia pegar o trem

que partia às quinze para as sete.

O próximo expresso para Roma só sairia no dia seguinte, e a alternativa eram os trens que paravam em todas as estações e acabavam chegando à mesma hora.

Sentia-se culpado, mas, em compensação, não haveria nenhum jornalista indiscreto em Sorrento. E, se a amiga de Elvin tivesse que esperar, talvez concordasse em resolver o problema por uma quantia razoável.

Havia pensado em Larina durante a viagem e chegara à conclusão de que Harvey estava errado: era impossível que ela estivesse grávida de Elvin. Elvin nunca tinha sido desses. Ou teria?

Nunca soube de nenhuma mulher na vida do irmão, de quem era muito chegado. Mas tinha estado tanto tempo no estrangeiro, que Elvin podia ter criado novos interesses.

Como sempre havia sido fraco e doente desde criança, Elvin lera muito mais do que o resto da família. Quando Wynstan conversava com ele, normalmente era sobre filosofia e psicologia. Raramente falavam de atualidades ou de coisas frívolas.

Mas isso não queria dizer que Elvin não tivesse se interessado por mulheres sem que ele soubesse.

Pelo telegrama de Larina, era evidente que ela significava alguma coisa para seu irmão.

Por exemplo: o que Elvin lhe prometera e o que lhe escrevia nas cartas? Não havia resposta a essas perguntas.

Quando chegou a Nápoles, Wynstan começou a se sentir zangado.

Se essa mulher tivesse magoado seu irmão de alguma forma, ele a estrangularia!

Elvin era uma pessoa muito especial para ele; não poderia suportar que estragassem ou difamassem sua imagem.

Esta era a razão pela qual aceitara ir à Europa, e não o medo histérico de Harvey.

Wynstan tinha orgulho do irmão mais velho, mas reconhecia seu egoísmo, sua desumanidade e sua insaciável sede de poder.

Não o criticava, apenas o aceitava como era; mas, por Elvin, seus sentimentos eram muito diferentes.

Elvin tinha em comum com ele uma maneira de ser que Wynstan nunca revelara a ninguém. Todo o seu idealismo era disfarçado por uma atitude cínica e desinteressada, que as mulheres achavam irresistível.

Como não podiam prendê-lo, perseguiam-no sem descanso.

Seu olhar gozador as deixavam loucas, enquanto que para Harvey e Gary ele era um enigma, que censuravam porque não entendiam.

— Wynstan é um *playboy*! Não pensa em mais nada, a não ser em se divertir - costumava dizer Harvey, sabendo no íntimo que não era verdade.

Wynstan era um caso à parte na família. As regras que a mãe insistia em aplicar nas outras crianças, não se aplicavam a ele.

O trem devia chegar em Nápoles à tarde.

Desde Roma, o tempo começara a esquentar. O criado de Wynstan tirou da mala um terno leve e uma camisa fina de linho, que o deixavam mais elegante do que nunca.

Wynstan comprava os ternos em Londres, as camisas em Paris, os sapatos na Itália e as abotoaduras no Tiffany's de Nova York, mas tinha tanto à vontade e elegância no vestir que as pessoas não reparavam nas roupas, apenas nele.

A última vez que havia estado em Nápoles, fora sete anos atrás, com os avós, na *villa* em Sorrento.

Um enviado especial do Sr. Donaldson veio ter com ele na estação. Encaminhando-se para fora da estação, entre a multidão e o barulho, disse, desculpando-se:

— *Scusi, signor*, mas não consegui arranjar um carro em tão pouco tempo. — Notando a contrariedade de Wynstan, apressou-se a explicar: — Pensei que uma carruagem confortável, com cavalos rápidos, seria melhor do que um carro desconfortável, que sem dúvida quebraria durante a viagem até Sorrento.

A explicação do homem era tão ingênua, que Wynstan sorriu.

— Não tenho muita pressa.

E era verdade. Não tinha pressa de chegar a Sorrento e aos problemas que o esperavam. Agora, enquanto os excelentes cavalos os levavam através da cidade, começou a relaxar e a apreciar a bonita paisagem. As casas com os pórticos trabalhados, o Castel Dell'Oro, as igrejas barrocas, a Piazza Phebiscito.

Além de toda a beleza de Nápoles, com suas colinas, suas alamedas, as galerias subterrâneas e o porto cheio de iates e pequenos navios, já não se recordava daquela qualidade do ar.

Wynstan respirou fundo e pensou que, mesmo de olhos fechados, reconheceria aquele aroma. Era diferente, um ar que não podia ser encontrado em nenhum outro lugar. Até a luminosidade era diferente.

Assim que saíram da cidade, viu o Vesúvio destacando-se da planície,

com suas encostas majestosas acima da estrada. Recostou-se e se esqueceu de tudo, exceto da beleza das flores, dos arbustos, das árvores floridas e das pitorescas aldeias, onde metade da população parecia estar sentada ao sol, bebendo vinho, e de onde vinha o som de música.

Como pude ser idiota de vir aqui tão poucas vezes? - perguntou a si mesmo, desejando ficar sozinho na *villa*.

De repente, não queria ver ninguém que pudesse estragar a suavidade do azul do mar, o céu e a maravilhosa qualidade do ar. Mandou a carruagem parar em Castellammare di Stabia, sentou na esplanada de uma pequena estalagem e pediu uma garrafa do vinho da região.

O cocheiro italiano estava radiante. Deu de comer aos cavalos e desapareceu para ver uns amigos que moravam atrás da estalagem.

Wynstan tinha à sua frente o caminho mais bonito da terra e pensou que um copo de vinho ia aguçar sua percepção. Quando menino, acreditava que aquela estrada levava ao El Dorado.

Sempre se surpreendera que o avô, para a maioria das pessoas, um homem assustador e poderoso, pudesse ter a visão e a imaginação de criar algo tão lindo como a *villa*, onde tinha passado os últimos anos de vida.

Ele a reconstruíra exatamente como se acreditava que tinha sido no tempo dos romanos.

Os painéis de azulejos, os pilares, algumas ruínas dos muros e as fundações foram conservados.

Seguindo o esquema inicial e juntando tudo que na vizinhança poderia ter pertencido à *villa*, o velho Sr. Vanderfeld construiu um palácio cuja beleza não tinha igual em toda a Itália.

O que surpreendeu mais a família foi o jardim, um perfeito sonho de tão belo.

Wynstan pensava muitas vezes que se parecia muito mais com o avô do que com o pai.

Seu avô tinha uma poesia, que transmitira a Elvin e a ele, mas não a Harvey ou Gary.

Assim que o vinho terminou, Wynstan, relutante, continuou a viagem, seguido pelos olhares admiradores das *signorinas* que passeavam junto da fonte da aldeia.

A água de Castellammare di Stabia era famosa desde os tempos romanos, e nas colinas havia uma gruta mais antiga ainda que eles.

O mar agora estava coberto pela luz dourada do entardecer.

A Villa Arcadia era onde acabava o fértil Peano di Sorrento, um

terraço natural de noventa metros de altura, que acabava num penhasco íngreme sobre a baía de Nápoles.

Havia degraus especialmente construídos até o mar e um ancoradouro, onde esperava encontrar seu barco a motor, projetado especialmente para ele em Monte Carlo. Antes de viajar, mandara um telegrama para os construtores, para que o enviassem para Sorrento.

Estava ansioso para vê-lo. Aquele barco era especial por ter sido construído segundo seu próprio desenho e queria ter a oportunidade de sair sozinho com ele pela baía.

A planície de Sorrento era uma enorme extensão de verde luxuriante, cortada aqui e ali pelas paredes brancas de alguma *villa* e as torres das igrejas.

Por todo o lado, viam-se laranjeiras e limoeiros cheios de frutos, vinhas, nogueiras e figueiras, cerejeiras e flores tropicais.

Os cavalos entraram pelos portões de ferro forjado que o avô de Wynstan tinha copiado de um dos famosos palácios de Nápoles. Eram magníficos, decorados em ouro e ladeados por dois cachorros Griffon em pedra, que pertenceram ao jardim de um templo em ruínas.

Seguiram por um caminho que acabava numa fonte de pedra, cercada por azaléias.

Junto à porta da frente, havia um terraço com balaustrada coberta de gerânios e rosas.

É muito mais bonito do que eu me lembrava! - pensou Wynstan, parando para ser cumprimentado pelos empregados italianos.

O hall de entrada estava frio, e o desenho do chão era cópia de um painel de mosaicos descoberto em Herculano. Os pilares de mármore, as pinturas do teto, a vista das janelas, tudo fez renascer o encantamento na memória de Wynstan.

Lembrava-se de quando era criança, correndo pela casa, seu riso ecoando pelos corredores de mármore.

O sol dourado, lá fora no jardim, o havia aquecido e revigorado, e ele se sentia livre como nunca tinha voltado a se sentir na vida.

— Fez uma boa viagem, *signor*? — perguntou o empregado mais antigo.

— Fiz, muito obrigado. Foi uma ótima viagem.

— Quer vinho ou um refresco, *signor*?

— No momento, nada. Onde está a srta. Milton?

— No jardim, *signor*. A *signorina* chegou há três dias. Passa o tempo todo no jardim, que acha belíssimo! Estamos satisfeitos que ela goste!

— Vou ter com ela.

Sem chapéu, saiu para aquela profusão de cores. Os terraços que subiam pela encosta mais pareciam os jardins suspensos da Babilônia.

O aroma das tuberosas, lilases e lírios enchia o ar e, debaixo das oliveiras que desciam pela planície, o chão era acarpetado de jacintos. Havia uma profusão de flores por toda parte.

As amendoeiras, que começavam a florir, deixavam um tapete de pétalas brancas e rosas.

Olhou em volta, apreciando o contraste das azaléias com a cor de fogo do céu. Continuou andando, sabendo instintivamente onde Larina Milton devia estar àquela hora do dia.

Ao pôr-do-sol, todas as pessoas que ficavam na *villa* subiam até um promontório, que era um antigo templo, de onde se desfrutava uma bela vista do mar.

O avô de Wynstan tinha descoberto que havia sido construído pelos gregos, mas ninguém sabia a que divindade era dedicado.

No último ano de vida do velho Vanderfeld, quando estavam aumentando o jardim, descobriram uma estátua. Os anos e o tempo tinham clareado mais ainda a brancura do mármore, e a chuva e o sol deram-lhe um tom que mais parecia pele verdadeira. Além de estar sem braços e com as feições um pouco corroídas, não estava muito estragada, tendo uma beleza e uma graça enormes.

O corpo coberto por uma veste que descia dos quadris, a curva dos seios e as pernas continuavam intactos. Toda a estátua era de uma beleza tal, que deixava quem a visse sem fôlego.

— É Afrodite! — declarou o avô de Wynstan. — A deusa da beleza, do amor e da reprodução!

— Como pode ter certeza?

Tinha quinze anos na época e adorava estar com o avô, que o tratava como adulto.

— Não vê que não pode ser outra? Nasceu da espuma do mar e ficou aqui, no seu templo, olhando para o mar, trazendo felicidade e prosperidade para os que nele trabalham.

Wynstan tinha olhado muito tempo para a deusa, que foi colocada num pedestal de mármore. O avô mandou plantar lírios em volta. Segundo ele, eram as flores certas para Afrodite.

— Por que lírios? — perguntou Wynstan.

— Por que sempre foram o símbolo da pureza. Para os gregos, a deusa

do amor não era uma matrona de seios volumosos, mas uma jovem virgem surgindo das ondas.

Fez uma pausa, enquanto apreciava a estátua. A cabeça tombava para o lado direito e, embora já não tivesse feições, era fácil imaginá-las: um pequeno nariz, os olhos inocentes e lábios suaves!

— De certa forma, os gregos inventaram a virgindade para suas deusas — continuou o velho Vanderfeld. — Para eles, era fresca, limpa, cheia de promessas, como o raiar de um novo dia. Afrodite era uma deusa de olhos cinzentos, intocável, e que provocava os sonhos de todo homem. Trazia tudo que era bonito e perfeito para aqueles que acreditavam nela, de tal maneira que nunca mais se contentariam com outra. Sorriu para o jovem. — Quando ela ia à Assembléia dos Imortais, os deuses ficavam silenciosos, de tanta admiração. Homero escreveu que todos a queriam como esposa.

Tudo o que o avô lhe dissera voltava à sua mente, enquanto subia as escadas de pedra. Quando envelhecesse, gostaria de passar ali o resto da vida.

Embora dedicasse a maior parte de seu tempo ao amor, ainda não havia encontrado uma mulher que se parecesse com aquela que o avô tinha descrito como Afrodite. Nenhuma das que tinha amado e que o amaram conseguira tocar fundo em seu coração.

Estava continuamente interessado, excitado e deliciado com mulheres, mas chegava sempre o momento que não precisava mais delas, que se sentia farto. Eram como borboletas voando sobre as flores: desapareciam na manhã seguinte, substituídas por outras tão coloridas e dispensáveis como elas próprias.

O céu tornava-se mais brilhante a cada momento e o pôr-do-sol tão intenso, que ofuscava.

Quando chegou aos últimos degraus que davam no templo, viu que estava certo ao pensar que encontraria ali Larina Milton.

Havia uma mulher em pé na balaustrada, olhando para o mar. Por causa do sol, era difícil vê-la distintamente. Usava um vestido branco, e seus cabelos eram dourados. A luz que vinha do céu fazia com que parecessem labaredas.

Ela devia ter ouvido seus passos no chão de mosaico, pois virou-se, e, por um incrível momento, ele pensou que era Afrodite!

Larina tinha ficado desapontada ao chegar à Villa Arcadia e não encontrar Elvin esperando por ela, embora viesse encantada com a viagem desde Nápoles e a beleza da *villa*.

Seu acompanhante era um senhor de idade que lhe disse ter sido professor. Explicou-lhe a história de cada lugar por onde passavam. No entanto, estava muito mais interessado em Veneza do que em qualquer outra parte da Itália e era difícil para Larina mantê-lo nos assuntos que queria aprender, quando ele desejava descrever as glórias de São Marcos e a tragédia do declínio veneziano.

Apesar disso, contou-lhe muitos mitos e lendas do sul da Itália. Ao se despedirem, sentiu pena por se afastar dele.

— Vai voltar imediatamente?

— Estão esperando por mim em Londres, Srta. Milton.

— Então, muito obrigada por cuidar de mim.

— Foi um prazer muito grande, e falo sinceramente! Não é sempre que viajo com alguém que tem tanta sede de saber e o seu amor pelas antiguidades!

— Imagino que a *villa* seja incrivelmente linda!

Ele contou como havia sido restaurada, segundo o que se acreditava ser o desenho original.

— O Sr... Farren teve um trabalho enorme para ouvir as opiniões dos peritos em cada sala, cada assoalho e cada teto.

Larina já tinha reparado em outras ocasiões que ele gaguejava cada vez que pronunciava o nome do Sr. Farren e ficou imaginando por quê.

Talvez fosse por começar com F. Algumas pessoas tinham dificuldade em pronunciar essa letra. Mas era estranho que tanto o Sr. Donaldson quanto o outro tivessem a mesma dificuldade.

Sua curiosidade, no entanto, desapareceu rapidamente diante da beleza da *villa* e de seu jardim.

O jardim, particularmente, era diferente de tudo que tinha visto ou imaginado. Consequia imaginar Apolo ali e desejava impacientemente falar com Elvin sobre ele.

Certamente, Elvin sabia muito mais do que ela sobre aquele que brilha, o amigo de Zeus, o pai da música e do canto.

Nada do que os gregos tinham criado podia ser mais magnífico do que esta divindade que arrancava a escuridão da alma humana e a iluminava com a luz divina.

Na primeira tarde que passou na *villa*, seguiu o conselho dos empregados e foi até o templo admirar o pôr-do-sol.

Diante daquela glória, quase acreditou ver Apolo, na luz que dourava o oceano e dava a cada montanha e à praia uma cor indescritível.

Depois, à medida que o sol desaparecia e a escuridão se aproximava, ela sentiu algo no ar, um estremecimento misterioso, como o bater de asas de prata e o rolar de rodas também de prata.

Era assim que os gregos identificavam a aproximação de Apolo, e teve certeza de que, naquele momento, ele estava junto dela.

Não foi o mesmo êxtase que sentiu na Serpentina, quando teve consciência da própria vida; foi algo diferente, tão perfeito e tão divino que gostaria de poder guardar para sempre.

Quando a escuridão aumentou, Apolo se foi, mas Larina não conseguia pensar em mais nada.

Não se sentiu sozinha no dia seguinte. Foi mimada e cuidada pelos afáveis e sorridentes italianos, que olhavam para ela com aqueles olhos negros, tentando, à sua maneira, fazê-la feliz.

Ao passear pelo jardim, sentia que uma estranha música a acompanhava; não era só o zumbido das abelhas e o cantar dos pássaros, mas como se uma música celestial pairasse no ar.

Durante toda a noite, sonhou com Apolo.

Na *villa* encontrou livros sobre mitologia grega e romana, onde havia referência a ele. Mas eram apenas palavras, e teve que ir para o jardim para sentir sua presença.

Começou a tomar consciência de uma quietude especial, como se houvesse a presença de um mistério inexplicável, que seria dentro em breve esclarecido.

Num dos livros, leu uns versos traduzidos de Sófocles, que, ao andar sozinha, repetia:

“Ele que ganhou um novo esplendor

Cavalga no ar

Levado pelas asas do seu vigor humano.”

Só Apolo poderia cavalgar no ar, pensou Larina.

Quando a brisa da tarde, vinda do mar, agitava seus cabelos e acariciava seu rosto, parecia que podia falar com ele.

Como não queria perder um só minuto do entardecer, jantou mais cedo e trocou o vestido rosa que tinha usado na véspera pelo branco.

Colocando a estola sobre um dos ombros, inconscientemente como as gregas usavam, foi para o templo esperar, como se espera que as cortinas de um teatro se abram e o espetáculo comece.

O pôr-do-sol hoje estava mais bonito que antes: o dourado mais dourado, o vermelho mais vermelho, o azul mais azul, e todo aquele

esplendor parecia cobrir a terra, como, segundo a lenda, tinha coberto toda a ilha de Delos quando a deusa Leto deu à luz seu filho Apolo.

Larina estava inebriada com toda aquela beleza, sentindo nos seus ouvidos a música que tinha escutado durante todo o dia.

Ouviu passos e virou-se.

Ainda ofuscada a princípio só viu uma sombra. Um raio de sol iluminou o rosto, e ela, com o coração acelerado, pensou que era o próprio Apolo quem estava ali!

Durante um longo momento, ficaram em silêncio. Um estranho silêncio, como se a natureza tivesse se imobilizado e a terra, parado de girar.

Então, com uma voz que a ele mesmo soou estranha, Wynstan perguntou:

— É a Srta. Milton?

Sentiu que Larina também tinha dificuldade em responder. Gaguejando um pouco, ela disse:

— S... sim. Quem é você?

Wynstan se aproximou e então reparou por que a achara parecida com Afrodite. Ela era esbelta, da mesma altura da deusa que estava ao lado, num pedestal. A estola e o vestido branco pareciam gregos. Eram fora de moda, mas ao mesmo tempo tão apropriados, que não conseguia imaginá-la usando outro tipo de roupa.

Assim que chegou a seu lado, notou que os olhos eram cinzentos e os cabelos, dourados, mas sem o tom de fogo que o sol lhes havia dado.

Era diferente de todas as mulheres que conhecia. Emanava uma honestidade que ele não conseguia decifrar; só sabia que ela fazia parte do templo, do jardim, e do sol que banhava o mar.

— Sou Wynstan, o irmão de Elvin.

— Elvin está aqui? — perguntou, ansiosa.

— Lamento, mas não.

Ficaram em silêncio algum tempo, como se nenhum dos dois soubesse o que dizer.

— Espero que não tenha se sentido muito sozinha. Soube que chegou há três dias.

— Não me senti só. Tudo isto é tão incrivelmente maravilhoso!

— Foi o que sempre achei. Quando era criança, passava as férias aqui com meu avô.

— Não posso entender por que Elvin nunca me contou.

— Não sei se ele chegou a vir aqui.

— Por que não?

— Elvin esteve doente desde criança e minha mãe não queria que viajasse, com medo de que fosse um esforço muito grande para ele.

— Que pena! Ele teria adorado! E eu que pensei que seria capaz de me dizer tudo que quero saber.

— Talvez eu possa responder às suas perguntas — sugeriu Wynstan.

— Não são exatamente perguntas.

Então, sentindo que tinha falado demais, perguntou, rapidamente.

— Você veio dos Estados Unidos?

— Vim.

— E Elvin está em condições de viajar? Quase não acreditei, quando o Sr. Donaldson me disse que ele queria se encontrar comigo aqui.

— Você não tinha certeza de que ele viria?

Larina voltou o olhar para o mar, e Wynstan sentiu que não sabia bem como responder à pergunta.

Ali estava algo que ele não entendia. Ela havia escrito claramente no telegrama: “Venha ter comigo como prometeu”. Depois disso, como é que ficava surpresa por ele ter concordado?

— Conheceu Elvin quando ele esteve na Suíça?

— Sim. Estivemos no sanatório juntos.

— Você estava doente?

— Não. Fazia companhia à minha mãe.

— Espero que ela esteja melhor.

— Ela morreu.

— Lamento. Foi depois que Elvin partiu?

— Sim, duas semanas depois.

— Deve ter sido um choque para você, mas, no fundo, talvez já esperasse por isso.

— Não. Eu pensava que ela ia ficar curada. O Dr. Heinrich tinha uma ótima reputação.

— Sei disso.

— E se Elvin está melhor, como ele disse na carta que me escreveu assim que chegou a Nova York, deve ao Dr. Heinrich.

— Sim, é claro.

O sol já tinha desaparecido no horizonte, restando apenas o crepúsculo com as primeiras estrelas despontando.

Larina olhava para o mar e Wynstan observava seu perfil contra o céu.

Mais uma vez ficou pensando se ela era real. Tinha algo etéreo, algo

que o fazia se recordar de seus sonhos sobre Afrodite, quando ainda era criança.

Ela olhou para ele, dizendo:

— Acho que quer voltar para a *villa*. Daqui a pouco será hora de jantar, e deve estar com fome.

Percebeu que ela falava por cortesia mas que seus pensamentos estavam longe. Foram andando até a escada.

— Tenha cuidado, esse musgo é muito escorregadio — avisou Wynstan.

Ainda havia luz suficiente para verem o caminho. Larina parecia andar instintivamente, sem hesitar, e seus passos eram tão leves que davam a impressão de flutuar. As luzes da *villa* eram douradas e acolhedoras ao entrarem no hall.

— Se me permite... — disse Wynstan, formal. — Vou trocar de roupa, mas não me demoro.

— Vou esperar na sala — respondeu Larina.

Atravessou o corredor de mármore que ia dar no grande salão com janelas para o mar de um lado e para o jardim do outro. Estava mobiliado com peças raras, que a encontraram desde o dia em que chegara. Sentia que tinham sido escolhidas, não porque fossem valiosas, mas porque cada uma era adequada à *villa*.

Grandes vasos de lírios perfumavam o ar e havia também fragmentos de estátuas gregas e romanas, que deveriam ter sido encontradas na propriedade. Havia uma cabeça que Larina suspeitava ser de um gladiador e um vaso que, mesmo quebrado, era muito bonito.

Tudo era fascinante, mas, pela primeira vez, ela não reparava no que a rodeava, pensando no homem a quem tudo aquilo pertencia.

O Sr. Donaldson tinha dito que a *villa* era da família, e a família significava Elvin, seus três irmãos, sua irmã e sua mãe.

Achava estranho que raramente fossem lá, que Elvin nunca tivesse visto a magnífica propriedade, que, tinha certeza, o encantaria.

Como é que ele não partilhava a vida que pulsava naquele jardim? Ou no mar e no céu, mais azul e mais translúcido do que qualquer outro?

Então, como se seus pensamentos a obrigassem a isso, pensou no irmão de Elvin e em como, por um instante, pensara ver nele o próprio Apoio.

Ele tinha força e beleza. As feições, os olhos profundos, e os cabelos faziam dele um modelo perfeito para as estátuas de Apolo.

Parecia-se com Elvin, embora Elvin fosse magro e macilento por causa da doença e o irmão transpirasse saúde e vigor.

Nunca pensou que um homem pudesse ser tão bonito!

Quando ele se aproximou no templo, teve vontade de se ajoelhar a seus pés para adorá-lo, como os gregos adoravam o deus da luz.

Ia ser difícil falar com ele naturalmente, discutir assuntos sem importância, comentar sobre a viagem.

Depois, disse a si mesma que ele ia achar muito esquisito se ela falasse sobre a vida dele no Olimpo, ou como tinha governado o mundo pelo poder de sua beleza.

Ia pensar que sou louca, sorriu. Precisava ser muito cuidadosa em tudo que lhe dissesse.

CAPÍTULO V

Wynstan desceu para tomar o café da manhã e entrou na sala de jantar, decorada com as cabeças dos imperadores romanos que tinham sido encontradas entre as fundações da *villa*.

Os empregados se apressaram em trazer café e comida, e ele, observando o sol lá fora, ficou feliz por não estar em Nova York.

Pensou em como estaria Harvey, uma vez que as eleições tinham sido na véspera.

Podia imaginar as multidões, os distúrbios, o barulho, a violência, os ataques de coração e o amargo desapontamento dos candidatos derrotados.

Tinha o pressentimento de que, por mais otimista que Harvey fosse, Theodore Roosevelt seria reeleito.

O presidente tinha inimigos, mas ao mesmo tempo as pessoas viam nele estabilidade, e isso contaria muito nessa eleição.

No entanto, se Harvey perdesse, não podia acusar Larina.

Pensando nela, Wynstan não podia imaginá-la criando problemas para quem quer que fosse.

Enquanto jantavam na véspera, voltara a achar que era mesmo diferente de todas as mulheres que conhecia.

Não apenas pela aparência, que continuava a lembrar a estátua de Afrodite, mas também pela maneira como se comportava. Era uma dama e tinha sido um insulto pedir-lhe para ir ficar na *villa* desacompanhada.

Mas Harvey estava tão convencido de que se tratava de uma caçadora de dotes interessada no dinheiro de Elvin, que Wynstan nem havia parado para pensar que talvez a moça fosse bem diferente da imagem que o irmão tinha criado.

Mesmo assim, era extraordinário que aceitasse o convite de Elvin. Podia ter recusado viajar com uma pessoa que não conhecia ou podia ter insistido em trazer uma acompanhante.

Mal sabia ele que, enquanto trocava de roupa para o jantar, Larina pensava justamente o mesmo.

O problema da acompanhante nem lhe passara pela cabeça, uma vez que esperava encontrar Elvin na *villa* e estava ansiosa para se encontrar com ele. A afeição que nutria por Elvin era profunda, mas nunca tinha pensado no

amigo como homem, na companhia de quem deveria estar sempre acompanhada.

Já Wynstan, era diferente. Embora lhe lembrasse um deus, era homem, acintosamente masculino.

Vinte minutos depois, quando ele apareceu no salão usando o traje de noite, achou impossível um homem ser mais elegante e atraente.

Eu não devia estar aqui sozinha, pensou. Mamãe teria ficado chocada!

Depois lembrou-se de que Wynstan era americano e talvez não percebesse que ela estava desafiando as convenções da sociedade.

Mesmo que percebesse, o que importava?

Tiveram uma refeição deliciosa. O cozinheiro era excelente e os pratos que fazia, tão bonitos e diferentes, que por si só já eram uma maravilha.

Antes de Wynstan chegar, Larina conversara com os empregados, que lhe explicaram a cozinha italiana e ficaram encantados em saber que ela gostava.

Tinha aprendido que Nápoles era famosa por seus espaguetes e que *maccheroni alia napoletana* era espagete servido com molho de tomate e queijo ralado.

Mas o que Larina mais gostou foi do peixe fresco. O mordomo italiano disse que ela precisava visitar os mercados de peixe para conhecer todas as variedades, desde as anchovas azul-prateadas até o gigantesco polvo.

Naquela manhã, o cozinheiro preparou para ela *trigla* e *spigola* do Mediterrâneo, peixes que não existiam na Inglaterra. A Wynstan serviram atum grelhado com camarões.

Ele tinha acabado de se servir, quando Larina veio do jardim. Usava um dos finos vestidos de musselina comprados de Paul Poiret.

— Você se levanta cedo! — disse ele.

— Já me levantei há muito tempo. Não quero... perder nada. Sua maneira de falar fez com que Wynstan a olhasse, intrigado. Larina sentou-se na frente dele, que ficou lembrando como haviam conversado até tarde na noite anterior.

Era uma experiência nova ter uma mulher ouvindo-o com atenção, como se ele fosse a fonte de todo o saber e sem tentar chamar a atenção para si própria.

Depois de todo o flerte de Ivette Glencairn, que era incapaz de dizer boa-noite sem que essas palavras tivessem um duplo sentido, Larina limitava-se a beber suas palavras.

Como era inevitável, falaram da *villa*, dos gregos que a construíram e

dos romanos que vieram depois.

Ele contou como o avô descobriu aquele lugar por acaso, quando procurava um local para passar o resto de seus dias; como ficara obcecado com a idéia de reconstruir nas antigas fundações e como vieram peritos de toda a Itália para Sorrento.

Larina escutava, cheia de atenção.

Depois, quando Wynstan lhe falou da busca incessante do avô por todo o país, procurando móveis, quadros e esculturas para mobiliar a casa e o jardim, ela comentou:

— Deve ter custado uma fortuna!

Aquelas palavras fizeram com que Wynstan parasse de falar, como se a moça lhe tivesse batido com uma porta na cara.

Então, ela estava pensando em dinheiro!

Tinha se distraído tanto com a conversa que deixou bem claro que as despesas não importavam para eles.

Harvey ficaria furioso com sua falta de cuidado. Agora, só lhe restava tentar consertar o que tinha dito.

— A mão-de-obra é muito barata na Itália, principalmente naquela época. Agora, custaria muito mais caro.

— Sim, é claro. Estava pensando na sorte de seu avô em encontrar tantos tesouros, que, de outra forma, talvez se perdessem ou fossem destruídos por aqueles que não os entendem.

Havia um sorriso cínico nos lábios de Wynstan, ao dizer:

— Nós gostamos muito, mas a propriedade será dividida entre a família, que é numerosa.

Percebeu que Larina não prestava a menor atenção, absorta em pensamentos.

— Sempre desejei ter uma peça de uma antiga escultura grega. Uma vez, encontrei um pé de mármore, que tenho certeza de que era grego, mas custava muito caro e não pude comprar.

— Talvez encontremos alguma coisa, enquanto você estiver aqui. Nas aldeias e nas partes pobres de Nápoles às vezes se acham verdadeiros tesouros e os donos nem sabem o valor daquilo que têm.

Por um instante, acreditou que os olhos de Larina tivessem brilhado. Depois ela falou algo que não pôde entender:

— Agora é... tarde demais!

Continuaram conversando quase até a meia-noite. Só quando o relógio bateu, Larina se deu conta de que estava sendo egoísta.

— Deve estar cansado. Viajou vários dias, e eu devia ter sugerido que nos recolhêssemos cedo — disse apreensiva.

Wynstan não respondeu. Estava cansado, mas não tanto pela viagem, e sim pelas duas noites passadas em Paris.

Depois de conhecer Larina, sentiu-se culpado por ter chegado atrasado, só porque tinha querido se divertir. Ela parecia não se incomodar por ser deixada sozinha com os empregados na *villa*, mas ela sabia que todas as suas amigas teriam ficado aborrecidas com tal procedimento.

— Acha que Elvin vai chegar hoje?

— Talvez — respondeu Wynstan, cauteloso. — Está assim tão impaciente para se encontrar com ele?

— Estou. Tenho que vê-lo... o mais rápido possível.

Sua maneira de falar fez com que ele a fitasse, surpreso. Deixando o café da manhã pelo meio, a moça se levantou da mesa e foi até a janela.

Harvey deve ter razão, pensou Wynstan, observando sua aflição. Ela está grávida.

Ao mesmo tempo, olhando para o corpo magro contra a luz do sol, com a cintura muita fina... era difícil acreditar.

Não só o corpo dela o espantava, mas principalmente os olhos e a expressão do rosto que o faziam sentir que ela não podia ser outra coisa, além de pura e inocente.

Sou um louco por ficar impressionado! - disse a si mesmo, continuando seu café da manhã.

Impossível que, com sua experiência em mulheres, ele fosse enganado por alguém tão jovem e simples como Larina. No entanto, bem no íntimo, seria capaz de apostar uma fortuna que ela não era o que parecia ser.

Seu jeito inocente e intocável fez com que pensasse novamente em Afrodite.

Por outro lado, tinha que encarar os fatos: ela estava mesmo agitada porque Elvin não tinha chegado.

Não podia imaginar que, naquele exato momento, Larina olhava para o jardim, dizendo a si mesma que só lhe restavam dois dias.

O tempo tinha passado tão depressa, desde que o Sr. Donaldson a visitara em Londres! A excitação da viagem e a beleza da *villa* quase a fizeram se esquecer de que os dias continuavam correndo.

Hoje era 13, restava amanhã então...

Respirou fundo. Não sabia como *sir* John tinha sido tão preciso, mas a maneira de ele falar não deixava a menor dúvida.

Sentiu que o coração se apertava de medo.

E se ele parasse neste preciso momento, quando ela olhava para as flores e as borboletas esvoaçando?

Ainda tinha dois dias para desfrutar toda aquela beleza e não devia estragá-los com o medo. Fazendo um esforço, voltou para a mesa.

— Se Elvin disse que viria... eu sei que manterá a promessa — falou, mais para si do que para Wynstan.

— O que foi que Elvin prometeu? — perguntou ele, forçando um ar natural.

— Que viria ter comigo... se eu precisasse.

— E por que você precisa particularmente dele?

Wynstan não olhou para ela, fazendo de conta que estava distraído. Passando manteiga no pão. Fez-se silêncio. Passado um pouco, Larina respondeu:

— Há uma coisa... que eu tenho... que lhe dizer.

— Não gostaria de falar comigo? Se é algum problema, tenho certeza de que posso resolver.

— Não... não! — Ao ver que Wynstan olhava para ela, acrescentou: — Só Elvin... vai entender. Por isso é que estou tão... ansiosa.

Wynstan achou que não ia adiantar pressioná-la naquele momento.

Talvez fosse melhor, mas não seria gentil. Parecia tão jovem, tão infantil, que não podia amedrontá-la, como Harvey teria feito. Mais cedo ou mais tarde, conseguiria que contasse seu segredo.

— Estava pensando se você não quer vir comigo até ao ancoradouro para ver meu barco a motor — disse, num tom de voz diferente.

— Um barco a motor? Nunca vi nenhum!

— Mas eles existem! — respondeu Wynstan, sorrindo. — E este foi construído só para mim! — Notando o interesse dela, continuou: — Fiz amizade com o capitão William Newman, que há dois anos atravessou o Atlântico.

— Nunca ouvi falar nele.

— Talvez os americanos tivessem ficado mais entusiasmados com esse feito do que os ingleses. Mas certamente ficou na história, porque o barco tinha apenas um motor a querosene de doze cavalos!

— E você tem um barco igual?

— Não é tão grande. O meu é bem menor. Vamos até lá?

— Vamos. Vou adorar! Você espera eu ir buscar o chapéu?

— Claro.

Ela saiu correndo da sala, e ele ficou olhando, intrigado.

Tinha tido tão pouco contato com jovens que achava difícil entendê-la.

Todos os seus casos tinham sido com mulheres maduras, sofisticadas e da sociedade, com muita confiança em si mesmas e em seus atrativos.

Sabia que Larina era insegura e achava encantadora a maneira dela olhar para ele para ver se tinha dito ou feito alguma coisa errada. Era tão jovem!

Apesar disso, durante a conversa da noite anterior, percebera que ela havia lido muito e que era inteligente.

Estava esperando uma conversa fútil e banal com uma moça tão nova, ou então, um flerte.

Mas Larina não estava interessada nele, a não ser naquilo que pudesse lhe ensinar sobre mitologia e divindades sobre as quais tinham falado e que para ela pareciam mais reais do que os seres humanos.

Quando ela voltou apressada trazendo o chapéu de abas largas na mão, parecia uma criança a quem tinham prometido uma surpresa especial.

Wynstan desceu as estreitas escadas que o avô tinha mandado construir na colina, e Larina viu uma pequena baía de rochas, com um ancoradouro artificial onde estava atracado o barco a motor!

Era menor do que imaginava. Tinha uma popa comprida, onde achou que devia estar o motor. O lugar do piloto era no meio do barco. Atrás, havia uma pequena cabine com uma mesa e dois assentos de cada lado, que, Wynstan explicou, podiam se transformar em camas.

— Este é um Napier Minor, se está interessada em saber. Os construtores estão mantendo segredo porque acreditam que vai ganhar a travessia do Canal este ano.

— Parece pequeno demais para atravessar o Canal.

— Mas é fácil de navegar.

— É você que vai navegar, sozinho?

— Pretendo. Gosto de dirigir pessoalmente meus cavalos de corrida, meu carro e o meu trem!

Larina deu uma risada.

— Acredito que todos os meninos querem ser maquinistas!

Não sabia que os Vanderfeld tinham mesmo um trem particular e que Wynstan o dirigia muitas vezes.

Percebendo que havia falado demais novamente, ele desviou a atenção para o barco, mostrando como era feito.

— E tem um motor a querosene? — perguntou ela, esperando não

estar dizendo bobagens.

— Exatamente como aquele que atravessou o Atlântico.

— Podemos sair para o mar?

— Era exatamente o que eu ia sugerir. Aonde quer ir? A Pompéia?

Ficou corada de alegria.

— Podemos mesmo ir?

— Não sei por que não. E será mais rápido do que pela estrada. — Sorriu, ao acrescentar: — Tenho o pressentimento de que, como toda turista, você quer ver Pompéia antes de partir da Itália. Assim, podemos combinar trabalho com prazer.

— Pensei que viajar de barco e ver Pompéia era só prazer!

— É que tenho que testar o barco antes de pagar a conta.

— Papai dizia sempre que era idiota pagar alguma coisa, antes de ter certeza de que era aquilo mesmo que se queria.

— Seu pai devia ser uma pessoa muito sensata.

Wynstan ligou o motor e soltou as amarras. Larina ficou ao lado dele, enquanto o barco saía lentamente da baía para o mar.

— Que maravilha! Nunca pensei que andaria de barco a motor! A que velocidade podemos ir?

Lembrou-se de que ali estava outra coisa que o pai desaprovava, por causa da velocidade. Ele se contentaria em dar uma voltinha perto dos rochedos e voltar. Agora estavam em alto-mar e via o golfo de Nápoles de um novo ângulo.

As casas brancas, as aldeias nas colinas, as torres das igrejas, as vinhas, tudo era tão lindo, que não se conseguia traduzir em palavras.

Dominando o horizonte, o Vesúvio, um tanto sinistro, embora estivesse banhado pelo sol.

Pela cratera saía um pouco de fumaça, e Wynstan, reparando no ar apreensivo de Larina, perguntou:

— Está com medo de que aconteça a mesma catástrofe que aconteceu no ano de 79 d.C?

— Li a respeito, mas é muito diferente de ver o lugar onde aconteceu.

Pensava novamente no assunto, quando, uma hora depois, atracaram no porto de Torre Annunziata, onde tomaram uma carruagem aberta até Pompéia.

— Eu vinha aqui muitas vezes, quando garoto, e quero ver se ainda me lembro de tudo. Ao menos para manter você interessada!

— Não quero perder nada! — respondeu Larina, e Wynstan riu. Foram

até o fórum, onde, entre as ruínas, ele contou que Pompéia era um próspero centro industrial e comercial. Tinha ficado ao lado das cidades itálicas contra os romanos e conseguira resistir durante nove anos. Depois, Pompéia abriu as portas, porque não conseguia continuar lutando, e uma colônia romana se instalou na cidade, que se desenvolveu a partir daí.

— Você disse que era um centro industrial. O que produzia?

— Hoje parece grotesco, mas uma das principais exportações era uma popular marca de pasta de peixe. O vinho também era muito importante, e, mais tarde, tal como Herculano, tornou-se reduto dos romanos ricos.

Continuaram a passear, vendo os templos perto do fórum, o edifício da sacerdotisa Eumachia e as casernas dos gladiadores.

— Nestas casernas, descobriu-se a prova de que sessenta e três pessoas morreram aqui. Um dos esqueletos era de uma mulher cujas jóias provaram que devia ter vindo visitar um gladiador, seu amante.

— Devia ser assustador! — disse Larina, baixinho.

— Os tremores de terra duraram algum tempo, até pararem em 22 de agosto. O céu estava azul e sem nuvens, mas no ar pairava um estranho silêncio de dor.

Larina estremeceu.

Era sinistro pensar que as pessoas saíam de casa para o dia-a-dia normal, sem saber o que lhes aconteceria a seguir.

— A manhã do dia 24 estava muito quente, com céu claro, e o medo das pessoas tinha diminuído — continuou Wynstan. Olhou para o anfiteatro, que podia abrigar vinte mil espectadores, e continuou: — Todo mundo se preparava para almoçar, quando houve um forte abalo de terra, seguido pelo que parecia um terrível trovão. Todos pararam o que faziam e olharam para o Vesúvio. O topo da montanha estava literalmente aberto e vomitava fogo.

Larina olhou apreensiva para a pouca fumaça subindo no céu. A história de Wynstan era tão dramática, que tinha medo de que aquela fumaça se transformasse em fogo a qualquer momento.

— Formou-se uma imensa nuvem em forma de cogumelo — continuou ele. — E houve uma série de explosões, atirando para o céu bolas de fogo. De repente, começou a chover. Misturadas com a chuva, caíam cinzas, pedras-pomes, pedaços de rocha e uma poeira que logo se transformou em lama. Os pássaros caíam mortos. Numa questão de segundos, o sol desapareceu e aquele dia claro se transformou na mais negra das noites. — Olhou para o golfo. — O mar estava revolto, ondas enormes açoitando a costa.

— E o que as pessoas fizeram? — perguntou Larina.

— Imagino que devem ter se apavorado e corrido aos gritos pela cidade. Eram vinte mil. Pelo que se sabe, mais de duas mil morreram debaixo da lava, da lama e das cinzas que queimaram a cidade com uma incrível rapidez.

— É horrível pensar que as pessoas não tiveram tempo de fugir.

— Acredito que morreram muito mais do que o número de ossadas que os arqueólogos descobriram em Pompéia.

— Talvez fosse uma maneira rápida de... morrer, — disse ela baixinho. — Passados os primeiros momentos de terror, não devem... ter percebido mais nada.

— Para mim, é uma maneira horrível de morrer! Quando a minha hora chegar, quero morrer ao sol, tal como os gregos.

— É o que quero também.

Ela falou de forma tão brusca, que ele a fitou, espantado.

— Você é uma coisinha engraçada! Ficou mesmo triste — disse, com carinho. — Pensei que gostava de escarafunchar o passado.

— Em relação às edificações, estátuas e templos, é diferente: eles são... imortais. Mas essas eram pessoas comuns, que queriam viver. De certa forma, é horrível ficar olhando com curiosidade para o lugar onde morreram.

— Quando uma pessoa morre, importa a forma ou o local?

— Não sei. Mas é assustador pensar neles... gritando e lutando... para sobreviver!

Havia tanto horror na voz e nos olhos dela, que Wynstan a abraçou, dizendo:

— Vamos nos animar um pouco. Tudo isso aconteceu há muito tempo, e nem eu nem você vamos morrer tão cedo. Vamos ver o templo de Júpiter, e me dirá se consegue imaginá-lo cheio de espectadores, durante os espetáculos que se realizavam ali, antes do anfiteatro ser construído.

Percebeu que ela fez um esforço para responder:

— Pelo que li sobre os espetáculos romanos, não me parece que fossem muito adequados para um templo!

Wynstan deu uma gargalhada.

— Tem razão! Mas os romanos eram um povo prático, com pouca imaginação, e tinham uma religião que correspondia às suas necessidades.

— Enquanto estava passeando por aqui, tentei pensar nos romanos. Mas só consegui me concentrar nos gregos.

E em um em particular, que se chama Apolo, disse para si mesma.

— Comigo acontece a mesma coisa — concordou Wynstan. — Os romanos não sentiam a mística necessidade do amor e adoravam os poderes sobre-humanos de seus deuses. Júpiter tinha uma certa majestade.

— Acho que era cruel! Sua função era punir os homens e para isso possuía três raios!

— Os romanos eram guerreiros cruéis — responde Wynstan — e Júpiter, o deus guerreiro que exigia obediência.

Larina não respondeu. Foram andando pelas ruas estreitas, onde uma vez, naquelas ruínas, tinham vivido pessoas.

Viram a casa do tocador de lira e encaminharam-se para a saída.

— Estou pensando no que você disse sobre a crueldade dos romanos. Creio que a razão disso era que eles não idolatravam a beleza, e suas divindades eram diferentes das dos gregos.

— É verdade, Larina. E eles eram cruéis até com suas vestais. Elas faziam votos de absoluta castidade e aquelas que os quebrassem eram espancadas até a morte.

— Oh, não!

— Mais tarde, esse castigo foi modificado. Passaram a ser açoitadas e depois enterradas vivas num túmulo selado com algumas provisões lá dentro.

— Não admira que todo mundo tivesse medo dos romanos.

— Não precisa ficar muito preocupada com as virgens vestais, porque ao longo de onze séculos só doze quebraram seus votos e sofreram semelhantes atrocidades. Mas se uma vestal deixasse morrer o fogo sagrado, era açoitada!

— Vamos mudar de assunto e falar dos belos deuses dos gregos — pediu Larina. — Homero disse que eles desfrutavam da felicidade durante o tempo que durava sua vida eterna.

— Um dia, você tem de visitar a Grécia.

Wynstan reparou na expressão estranha que apareceu no rosto dela e não entendeu.

Imaginou que estava pensando que não podia pagar a viagem, mas qualquer coisa lhe dizia que era mais do que isso.

Ela não respondeu nada e ele também não quis fazer perguntas.

Voltaram para Torre Annunziata, mas, em vez de irem para o barco, Wynstan levou-a a um pequeno restaurante ao lado do cais.

Sentaram-se ao ar livre e os garçons vieram logo atendê-los.

— O que quer comer?

— Peça por mim, por favor — pediu Larina.

Para começar, ele escolheu presunto defumado com figos, depois sopa de peixe, a mais famosa do sul da Itália, que variava os tipos de peixe, conforme as estações. E ainda *abbacchio ai torno*, um prato típico romano feito de carneiro temperado com alecrim e alho, e assado no forno.

— Não aguento comer mais! — protestou Larina, quando lhe pediram para experimentar outros pratos napolitanos.

Diante da insistência do garçom, aceitaram pêssegos em vinho branco e café.

Beberam vinho da região, e Larina ficou desapontada ao saber que não era o Vesuvino que crescia nas encostas do Vesúvio.

— Acho que se deteriorou com o tempo — explicou Wynstan. — Tal como o Falerno, que ainda é produzido em Phlegragan Fields. Era muito apreciado na Antiguidade, mas creio que os gostos mudaram! — Encheu o copo dela, dizendo: — Este é Epomea e vem da ilha de Ischia.

Larina achou delicioso. Tinha uma cor amarela-brilhante como a luz do sol à sua volta.

Ficaram sentados conversando, muito depois do almoço terminar, até que finalmente voltaram para casa.

— Amanhã vou levá-la a Ischia. É uma de minhas ilhas favoritas. Depois, temos de visitar Capri.

— Será maravilhoso! — respondeu Larina, pensando se ainda teria tempo de conhecer Capri.

Tinha a sensação de estar dentro de um trem que corria em alta velocidade e que não havia nada que pudesse pará-lo.

Não devo pensar no que vai acontecer. Tenho de viver cada momento, cada segundo. Absorver tudo intensamente no tempo que ainda me resta para viver.

A cada hora que passava, o medo ia aumentando. Quando chegaram à *villa* e descobriu que Elvin ainda não tinha chegado, teve um momento de pânico difícil de controlar.

Wynstan era tão gentil com ela que ficou tentada a lhe dizer a verdade: depois, reconsiderou, achando que só poderia falar de morte com Elvin.

Ninguém mais entenderia. Wynstan teria pena dela. Diria que não era verdade e tentaria lhe dar esperanças, o que ainda seria pior.

Devia encarar a realidade e estar preparada.

Na véspera, ao se deitar, rezara muito pedindo para ter coragem.

Nenhum cristão devia temer a morte, censurou-se.

Mas, na prática, era muito difícil.

Tudo da morte, que a tinha assustado como esqueletos, enterros, os véus negros, tudo pairava diante de seus olhos, feito aves agourentas.

Sabia que não teria ninguém para chorar por ela, nem para vestir luto.

Talvez morresse ao sol, como Wynstan desejava morrer, e essa seria a melhor forma de seu “espírito tomar asas”.

Se Elvin estivesse junto, segurando sua mão, não sentiria medo. Pensaria que estava voando pelo céu azul, para os braços de Apolo, que a abraçaria. Quando a vida termina, termina o medo.

— Em que está pensando? — perguntou Wynstan, subitamente. Estavam sentados no terraço, bebendo refrescos e sentindo o aroma delicioso das flores.

— Na morte! — respondeu Larina, sem rodeios.

— Pompéia fez-lhe mal. Esqueça. Amanhã, você vai ver o encanto de Ischia. Lá também existe um vulcão, mas, que se saiba, nunca entrou em erupção. Tem vinhas maravilhosas, oliveiras, florestas de pinheiros e de castanheiros. Vamos nos sentar bebendo o delicioso vinho da ilha e conversar sobre a vida.

— Vai ser... formidável!

Mas ele percebeu que seus olhos ainda estavam sombrios. Então, voltou-se para ela, dizendo, numa voz que todas as mulheres achavam irresistível:

— Não quer me contar o que a preocupa? Larina sacudiu a cabeça.

— Estou esperando por... Elvin.

— E supondo que, apesar de tudo, Elvin não venha? — Notou que ela ficou petrificada e continuou, escolhendo as palavras:

— Ele pode ter piorado. Talvez tenha achado que era um esforço demasiado. E uma longa viagem para ele.

— Sim, é claro. Pensei nisso, mas o Sr. Donaldson disse que tinha recebido um telegrama dele garantindo que vinha ter comigo aqui.

— E isso agradou você?

— Era o que eu mais queria no mundo: estar com Elvin, neste momento.

— Por que particularmente neste momento? Larina não respondeu. Dessa vez, Wynstan insistiu.

— Fiz uma pergunta, Larina. Por que particularmente neste momento? Passado um instante ela falou:

— Eu disse isso? Estava pensando se ele estivesse aqui... se

pudéssemos estar juntos. Era o que eu queria dizer.

Wynstan tinha o pressentimento de que ela mentia. De repente, Larina exclamou, num tom tenso e agitado:

— Ele tem de vir! Se houvesse algum impedimento, teria mandado um telegrama! Já devíamos saber! Será que ele chega amanhã?

Havia tanto desespero em sua voz, que Wynstan olhou para ela, intrigado.

Mesmo que estivesse grávida de Elvin, para que tanta urgência em vê-lo? Se queria casar, ainda tinha muito tempo pela frente, antes que a criança nascesse.

E se não era uma criança que a preocupava, o que podia ser?

Vendo que ela estava quase chorando, disse, para consolá-la:

— Talvez amanhã a gente tenha notícias de Elvin, mas agora não podemos fazer nada.

— Não, claro que não. Estou sendo tola! É que eu... queria tanto estar com ele! Acho que você entende.

Wynstan não entendia nada, mas achou que naquele momento não adiantava dizer isso.

Estava sendo muito paciente, não pressionando Larina nem tentando descobrir o que Elvin dizia nas cartas e, principalmente, o que ela queria com o irmão.

Mas não conseguia esquecer nem suportar a expressão de seu rosto, que não sabia bem definir, mas que parecia de terror.

Tranqüilamente, começou a falar de outros assuntos. Aos poucos, Larina foi se recompondo. Quando foram trocar de roupas para jantar, ela já ria de novo.

O jantar estava uma delícia. Assim que acabaram, foram para a sala, onde Wynstan procurou algumas fotografias para mostrar como era a *villa* antes de seu avô ter começado a reconstrução.

Ainda procurava, quando se ouviu o barulho de uma carruagem e de cavalos.

Wynstan foi até a janela que dava para a frente da casa e viu uma carruagem fechada parada na porta. Várias pessoas desciam; entre elas, uma mulher de vestido de noite.

— Quem é? — perguntou Larina. — Será que é Elvin?

— Não, são visitas. Acho que não devem ver você aqui. Seria difícil explicar por que está desacompanhada.

— Tem razão! Vou para cima.

Entretanto, as visitas já estavam dentro de casa. Não tinha dado instruções aos empregados de que não queria receber ninguém, por isso era natural que mandassem entrar as pessoas para a sala.

— Vão ver você, vá para o jardim. Eu me livro deles rapidamente! Sem dizer uma palavra, Larina saiu para o jardim.

O céu estava estrelado e com luar. Larina só tinha que atravessar o terraço e passar por uma porta que dava para o jardim, mas parou, hesitante.

Depois, começou a subir para o templo. Assim que se afastou um pouco, foi andando por entre as azaléias e sentou-se no gramado, escondida pelos arbustos.

De onde estava, podia ver as luzes das janelas da sala e dar uma olhada nas visitas de Wynstan.

Estava curiosa, muito curiosa!

Na sala, Wynstan ouviu vozes se aproximando pelo corredor. A primeira pessoa a entrar foi a condessa Spinello que ele tinha conhecido em Roma e encontrado no ano anterior em Monte Carlo.

Era morena, cheia de vivacidade e encantadora. O colar e os brincos de brilhantes brilhavam, quando se aproximou para lhe dar um beijo.

— Wynstan! Então, é verdade! Ouvi dizer que você tinha chegado, mas não acreditei!

— Estou encantado em ver você Nicole; mas quem lhe disse que eu estava aqui?

— Toda Sorrento está comentando que os Vanderfeld abriram novamente a *villa*! E que chegou um Vanderfeld *molto bello*. Quem podia ser, senão você?

— Quem, não é mesmo? — respondeu Wynstan, com um sorriso divertido. Estendeu a mão ao irmão dela, que tinha entrado com mais dois senhores. — Como vai, Antônio? Que bom ver você.

— Não acreditei, mas sempre tive uma esperança de que você estivesse aqui. Quando compramos a *villa* do outro lado de Sorrento, há três anos, disseram-nos que os Vanderfeld nunca visitavam este lugar tão fora de moda!

— Estaria na moda, se vocês morassem aqui, Antônio.

— Não falei que ele diz sempre o que deve dizer? — perguntou a condessa aos outros dois italianos que esperavam para ser apresentados. — Você tem de nos visitar imediatamente, Wynstan. Que tal jantar amanhã? Chuck chega de Roma. Lembra-se de Chuck? Você estava no colégio com ele.

— Chuck Kennedy? Claro que me lembro. Mas depois mando dizer se

posso ir jantar.

— Se não for amanhã, depois de amanhã — insistiu a condessa. — Não aceito recusa! Quero que conheça nossa encantadora *villa*, embora, evidentemente, não se compare com a sua!

— Que tal o seu barco a motor, Antônio? Acabaram de me entregar o meu Napier Minor.

— O que achou?

— Experimentei-o hoje e pareceu excelente!

— Vocês querem parar de falar de barcos e falar comigo? Wynstan é o amor da minha vida e não posso suportar sua predileção por objetos mecânicos! — queixou-se a condessa.

— Sabe que está mais bonita do que nunca? — disse Wynstan. — Acho que é o que você quer mesmo ouvir.

— Mas é claro! Ninguém sabe dizer essas palavras como você. Mesmo que seja mentira, a gente sempre acredita.

— Por que duvida da minha sinceridade?

— Porque em seus lábios e em seus olhos há alguma coisa que nega tudo que diz — respondeu a condessa. — Apesar disso, acredito naquilo em que quero acreditar: me deixa feliz!

— E uma ótima filosofia — comentou um dos italianos. — Quem me dera ser assim!

— Tente — respondeu a condessa, com um olhar provocante, e se dirigiu para o terraço. — Oh! O seu jardim! Temos uma dúzia de jardineiros na *villa*, mas nunca ficará como este!

Saiu com Wynstan, e Larina viu os dois lá de cima. Notou a elegância da mulher, as jóias brilhando no pescoço e nas orelhas e a maneira dengosa como olhava para Wynstan.

A condessa deu o braço a ele e afastou-se de frente da porta, chegando mais para perto de onde Larina estava escondida.

— Tenho sentido sua falta, Wistan. Pensei que você viria a Roma neste inverno. Como não apareceu, rezei para que nos encontrássemos em Monte Carlo mas, novamente, você me desapontou!

— Tem de me perdoar, mas estive na Índia e depois voltei para a América, de onde cheguei há uma semana.

— E veio para cá? Por quê?

— Tinha minhas razões e agora só lamento não ter vindo aqui mais vezes.

— Mas vai voltar de novo. De qualquer forma, está aqui agora! Temos

de nos ver bastante.

— Seu marido está com você?

— Está em Florença. Assim, fica tudo perfeito!

Aproximou o rosto de Wynstan, e Larina percebeu que esperava que ele a beijasse.

Estava sentada entre as azaléias, espantada com o que via. Wynstan olhou para a janela da sala, dizendo:

— Temos de voltar.

— Por quê? Antônio sabe que quero estar com você. Eu o amo, Wynstan. Nunca me esqueci dos momentos felizes que passamos juntos! E você?

— Também não, claro que não.

— Você está cansado de mim. Existe outra pessoa? — Fez um gesto de irritação. — Mas que pergunta tão idiota! É claro que tem sempre outras. Sempre, sempre! E eu que acreditei que voltaria para mim, porque esperava que nosso amor significasse para você o que significou para mim!

— Você é muito bonita e muito atraente, Nicole, mas não espere que eu acredite que não há uma dúzia de homens para ocuparem o meu lugar.

— Dúzias! Mas nenhum como você. Nenhum deles tem o poder de me excitar como você.

— Isso me lisonjeia — disse Wynstan, com jeito divertido.

Então, como se estivesse farta de falar, a condessa passou os braços em volta do pescoço dele e os dois se beijaram durante um longo tempo.

Depois, levou-a de volta para a sala.

Larina mal podia respirar. Nunca tinha visto duas pessoas se beijarem apaixonadamente. Nunca tinha visto um homem estreitando tanto uma mulher.

Sentia uma coisa estranha dentro de si, um sentimento que não compreendia.

Mas a condessa era casada!

Já tinha lido e ouvido falar dos flertes do rei e do comportamento dos frequentadores de Marlborough House. Era assim que as pessoas da alta sociedade agiam.

Mas ler e ouvir era muito diferente de ver especialmente, ver, Wynstan, com quem tinha passado o dia, beijar alguém tão atraente como a mulher que estava com ele no terraço.

Mas não tinha nada com isso!

— Nunca ninguém vai me beijar daquele jeito! — murmurou, e seu

murmúrio era um grito de desespero.

CAPÍTULO VI

Larina esperou um pouco, saiu do meio das azaléias e entrou em casa por uma porta que não dava para o hall e onde havia outra escada para o andar de cima.

Entrou no quarto e fechou a porta.

Pela primeira vez desde que tinha chegado à *villa*, não foi para a janela ver a paisagem. Despiu-se e foi para a cama.

Todas as noites se deliciava com o conforto e luxo do seu quarto. Tinha um banheiro com a banheira no chão, como se usava no tempo dos romanos.

Era um hábito americano ter os banheiros dentro dos quartos principais. Sempre que tomava banho, sentia-se transportada no tempo, cercada por aqueles mosaicos que deviam pertencer à *villa* original.

Ficava imaginando que era a mulher ou a filha de um senador romano e que, esperando por ela, estava toda a pompa e a glória características dos antigos romanos.

Mas agora, tudo que queria era adormecer depressa!

Queria ver Wynstan, falar com ele, estar sozinha com ele como estavam antes daquela beldade italiana cheia de diamantes chegar.

Ao mesmo tempo, não queria olhar para ele, sabendo que tinha beijado a linda Nicole e ainda devia estar pensando nela.

Não compreendia seus próprios sentimentos. Só sabia que aquela emoção estranha que lhe apertara o peito ao ver os dois se beijarem tinha se transformado em dor; uma dor tão intensa, que chegava a pensar que estava morrendo.

Tinha vontade de correr lá para baixo e se atirar nos braços de Wynstan, pedindo para apertá-la com força.

Como ia fazer com que ele entendesse que precisava de sua força e queria que lhe desse coragem?

Ele a desprezaria por ser uma covarde.

Tinha rido dela em Pompéia. Não podia entender que pensar naquele povo apavorado perante a idéia de morrer pela lava fez com que tivesse medo do que iria sentir no momento de morrer.

E se tivesse que morrer asfixiada? Ou aterrorizada, sem ninguém para lhe dar consolo?

Como diria tudo isso a Wynstan? Sentia que a proximidade de alguém prestes a morrer o desgostaria.

Elvin era diferente. Elvin tinha vivido tanto tempo pensando na morte, que entenderia.

Ele saberia lhe mostrar a insignificância da morte; era apenas o espírito que se separava do corpo, e a partir desse momento é que se era verdadeiramente feliz.

— Eu quero acreditar, eu quero acreditar! — murmurava Larina na escuridão.

Não conseguia manter o pensamento na morte, porque tudo que via à sua frente era Wynstan beijando Nicole, seus braços a envolvendo, a cabeça inclinada para ela.

Talvez eu devesse pedir a Wynstan para me beijar uma vez, antes de eu morrer, disse para si mesma, imaginando se ele ficaria chocado.

Sempre tinha acreditado que a mulher não pedia a um homem para ser beijada, mas Nicole passara os braços em volta do pescoço dele, forçando aquele beijo.

O que será que sentira? Algo maravilhoso que ela desconhecia?

Já estava deitada há muito tempo, quando ouviu vozes do lado de fora e, depois, o barulho da carruagem se afastando.

Tinham partido! Ainda não era muito tarde. Talvez Wynstan estivesse esperando que ela voltasse para a sala.

Não queria vê-lo. Pelo menos, não nesta noite, sabendo que ele ainda sentia os lábios de Nicole.

Ficou escutando, imaginando onde Wynstan estava. A *villa* estava muito tranqüila. Talvez ele tivesse saído com os amigos.

Passado um pouco, sentindo-se tensa e às voltas com sentimentos que não entendia, mas que eram intensos, ouviu alguém se aproximando pelo corredor.

O quarto dele ficava do outro lado da casa; portanto devia estar vindo falar com ela.

Ficou quieta, mal conseguindo respirar. Bateram na porta.

— Quem... é? — perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Você está bem, Larina?

— Sim... estou!

— Então, durma bem! Boa noite!

— Boa... noite!

Teve que fazer esforço para responder de maneira que ele ouvisse, e,

assim que ouviu seus passos se afastando, começou a chorar.

Ainda não tinha chorado desde a morte da mãe. Nem mesmo quando soube que ia morrer.

Agora, chorava convulsivamente, por ela própria, porque sua vida estava chegando ao fim e porque nunca conheceria o amor.

Chorou até molhar o travesseiro, sentindo que todos a tinham esquecido: Elvin, Wynstan e... Apolo.

Wynstan estava certo de que Larina havia ido para o quarto, mas por outro lado não queria ficar mais tempo no jardim com Nicole.

Tinham tido um caso tempestuoso e ardente em Roma no ano anterior, mas mesmo antes de ir embora, ele já sabia que as chamas estavam se apagando e, como de costume, sentia-se enfasiado e um pouco impaciente.

Não conseguia explicar, a si mesmo, como podia desejar intensamente uma mulher e logo a seguir se fartava.

Os pequenos trejeitos dela, que no começo achava fascinantes, tornaram-se irritantes; já sabia o que ela ia dizer, mesmo antes de abrir a boca. Como sempre acontecia em seus casos de amor, ele deixava de ser o caçador para ser a caça.

Nicole não tinha sido exceção. A partir do momento em que sentiu que ele estava esfriando, começou a persegui-lo, e Wynstan tinha cada vez mais dificuldade em evitá-la.

Se aceitava algum convite de outros amigos Nicole sempre dava um jeito de estar presente. Então, inevitavelmente, acabava por levá-la em casa, não resistindo a seus beijos.

O conde raramente estava em casa. Tinha propriedades no norte da Itália, onde preferia passar a maior parte do tempo. Nicole deixava bem claro que o único laço que os mantinha unidos era o fato de serem católicos e, como tal, não poderem se divorciar.

A última pessoa que Wynstan esperava ou queria ver em Sorrento era a condessa, e não tinha a menor intenção de aceitar seus insistentes convites ou de convidá-la para a *villa*.

O que não queria dizer que ela não se fizesse de convidada! Pensou, irritado, que não havia nada mais cansativo do que uma mulher que não admitia que um caso sem importância tinha terminado e que não havia hipótese de recomeçar.

Suspirou. Precisava ser firme e deixar bem claro que não estava disposto a atender aos seus chamados.

No passado, fora várias vezes obrigado a ser rude, mas normalmente

as mulheres que tinha amado tornavam-se depois suas amigas e ele gostava desse tipo de amizade que com o passar dos anos se transformava num sentimento muito bonito.

Mas sabia que Nicole nunca pertenceria a essa categoria. Decidiu que no dia seguinte escreveria um bilhete, dizendo que não aceitava o convite para jantar. Assim, talvez, ela entendesse de uma vez por todas que era o fim daquela relação.

Pensou em Larina.

Não tinha sido muito educado pedir-lhe para sair para não encontrar os amigos, mas sabia que Nicole o trataria pelo nome, e assim teria que dar explicações que não queria no momento.

No fundo ainda resistia a opinião de Harvey de que Larina estava à procura de dinheiro. Não havia dúvida quanto a seu desespero para ver Elvin. Se fosse para ele casar com ela ou para lhe dar dinheiro, seria um erro deixá-la saber que pertencia a uma família rica.

Era quase um absurdo pensar que Larina estava interessada em dinheiro. Por outro lado, percebera ao longo de suas conversas, que ela e a mãe viviam humildemente.

Wynstan conhecia Londres o bastante para saber que Eaton Terrace era um bairro de casas baratas.

Apesar de tudo, não queria magoar Larina, e pensou que ela talvez se sentisse insultada ao ser praticamente empurrada para o jardim e depois para o quarto, enquanto ele recebia os amigos.

Quando eles saíram, imaginou encontrá-la no templo. O lugar estava lindo e o jardim parecia ter levado um banho de prata.

A luz não só iluminava o mundo com a sua beleza mística, mas parecia que também transmitia um sentimento de paz e tranquilidade que Wynstan interpretou como uma mensagem para ele.

Era a mesma tranquilidade que sentiu quando Elvin morreu.

Foi de manhã, e ele tinha estado a sós com o irmão. Quando se levantou para sair, Elvin o segurou.

— Fique comigo, Wynstan.

— Está bem.

Sentou-se a seu lado na cama.

— Quero que esteja comigo. Você sempre entendeu.

— Eu sempre tentei — respondeu Wynstan.

As palavras que ele dizia não tinham nexo, mas Wynstan pegando a mão gelada do irmão, percebeu que ele estava morrendo e não havia nada a

fazer.

Não tentou chamar ninguém. As enfermeiras estavam lá fora e o médico podia chegar em poucos minutos. Mas, conhecendo Elvin como conhecia, era pura perda de tempo.

Estavam juntos partilhando a mesma afinidade dos tempos de criança e, quando deixou de sentir a pressão dos dedos de Elvin na mão, soube que era o fim.

Os olhos do irmão estavam fechados. Subitamente, abriu-se, e havia uma luz naquele olhar.

— É... maravilhoso... estar... livre! Diga a...

Sua voz desapareceu, os olhos se fecharam novamente e a mão se abandonou.

Wynstan sentou-se, muito ereto.

Por um momento, parecia haver alguma coisa se movendo no quarto, como um bater de asas. Depois, restaram um silêncio e uma tranquilidade tão absolutos, que ele pensou poder ouvir o próprio coração batendo.

Nunca tinha sido capaz de falar desses últimos momentos de Elvin com ninguém, nem mesmo com a mãe.

Ficou sentado muito tempo na cama, pensando no irmão, sabendo que ele não estava mais ali e que aquele corpo na cama não tinha importância.

Fazendo um esforço sobre-humano, levantou-se para dizer às enfermeiras que não eram mais necessárias.

Depois saiu de casa para ir andar sozinho pelo Central Park.

Quando voltou, esforçou-se para não chorar por Elvin. Ninguém que o amasse podia querer que continuasse vivendo sendo destruído pela doença.

E Wynstan sabia, embora não pudesse dizer, que Elvin não estava morto.

Por isso, ao chegar ao templo, lembrou-se de como o irmão teria amado aquele luar maravilhoso e a estátua de Afrodite, que parecia ter vida naquele pedestal rodeado de flores.

Wynstan ficou recordando o dia de sua chegada, como Larina estava ali, na mesma posição, com os cabelos brilhando feito labaredas à luz do sol.

Lembrou-se do estranho sentimento que teve por segundos, quando pensou que ela era a própria Afrodite.

Larina e Afrodite tinham a mesma aparência, davam a mesma sensação de virgindade.

Quando era menino, olhando para a estátua, pensava que a deusa tinha olhos cinzentos, um nariz pequeno e uns lábios bem desenhados e

delicados.

— A deusa do amor! — falou alto, voltando rapidamente para a *villa*.

Foi até a sala, na esperança de que Larina tivesse descido, assim que as visitas saíram, mas a sala estava vazia.

Então, resolveu ir até o quarto dela para ter certeza de que estava bem.

Notou que a voz da moça tremia quando lhe respondeu, mas pensou que era porque estava dormindo e ele a acordara.

Ao voltar para seu quarto, Wynstan foi pensando, como tinha pensado o dia inteiro, qual seria o segredo que Larina escondia e que só queria revelar a Elvin.

Larina levantou-se muito cedo, sentindo que perdera um tempo precioso indo para a cama cedo e em prantos.

Começava a amanhecer, quando abriu as cortinas do quarto e decidiu que ia ver o templo, talvez pela última vez.

Amanhã era o dia em que devia morrer e não podia saber a que horas aconteceria. Por isso, tinha que aproveitar muito bem o dia de hoje.

Olhou-se no espelho. Precisava lavar bastante o rosto para desaparecerem os vestígios das lágrimas e evitar que Wynstan fizesse perguntas.

Agora de manhã, compreendia perfeitamente que parte da sua tristeza era porque o tinha visto beijando a italiana, e ele não podia ficar sabendo disso.

Wynstan era muito perspicaz. Muitas vezes, durante as conversas, ele sabia o que ela ia dizer, mesmo antes dela falar. E quando não conseguia traduzir em palavras o que estava sentindo, ele o fazia, acertando sempre.

Assim que acabou de se vestir, sentiu uma necessidade enorme de voltar a vê-lo.

Tinha tão pouco tempo para estar com ele! Só hoje e, talvez, um pouco de amanhã. Depois, ela partiria e ele voltaria para os Estados Unidos e nunca mais pensaria nela.

Como estava pálida e com um pouco de olheiras, escolheu seu vestido mais alegre, de musselina listrada de rosa e branco, debruado com bordado inglês. Dava-lhe uma aparência muito jovem, como uma rosa desabrochando. Mas não tinha tempo para divagações. Penteou-se muito bem e desceu a escada na ponta dos pés para não acordar Wynstan, que ainda devia estar dormindo.

Saiu da *villa* e foi até o templo.

Era quase dia quando chegou. Aquela hora, a beleza de Afrodite não

era prateada, como Wynstan tinha visto na noite anterior, mas tinha uma cor quente, quase parecendo pele verdadeira com o primeiro raio de sol.

Larina foi até a balaustrada olhar para o mar, que aos poucos deixava de ser cinza para ficar cor de esmeralda, enquanto o céu passava de azul para vermelho.

Diante de toda aquela beleza, que a deixava quase sem fôlego, sentiu por uns momentos que tinha asas e podia voar para saudar o sol que despontava no horizonte.

Deu por si recitando as últimas palavras de um poema de Pindar:

"Somos todos sombras. Mas quando o sol aparece
pelas mãos de Deus
A luz sagrada cai sobre o homem e a vida
é toda doçura."

— A luz sagrada! — repetiu, querendo estender os braços para ser abraçada por ela, como se a luz tivesse vida e fosse Apolo.

Apoio ou Wynstan?

A pergunta surgiu em sua cabeça e ela soube que, naquele momento, os dois eram um só.

Larina estava acabando de tomar o café, quando Wynstan veio ter com ela.

— Bom dia! Os empregados me disseram que você se levantou muito cedo. Você me envergonha!

— Dormiu bem?

— Li até muito tarde. Encontrei um livro que acho que vai gostar, mas só lhe conto quando estivermos em Ischia.

— Vamos lá almoçar?

— Era o que estava combinado, não? Como ainda é muito cedo, vamos pegar o barco e atravessar a baía, em vez de ir pela costa. Você queria saber a velocidade que o barco pode desenvolver e eu também quero testá-lo.

— Que idéia ótima!

Wynstan virou-se para o empregado.

— O mecânico já viu o barco?

— *Si, signore*. Ele está lá agora.

— Ótimo! Quero falar com ele. Levantou-se dizendo a Larina: — Quando estiver pronta, vá se encontrar comigo. Não há pressa; ainda tenho algumas coisas para ver com o mecânico.

Larina pegou o chapéu e foi para o quarto, sem saber bem se devia levar um agasalho ou não, uma vez que iam para alto-mar. Depois, achou

que ia fazer calor e não era preciso.

Trocou a fita do chapéu de abas largas, para combinar com o vestido que estava usando.

Se corressem muito, o vento arrancaria o chapéu. Decidiu que era melhor usá-lo quando desembarcassem.

Sabia que lhe ficava muito bem, porque tinha percebido o olhar de admiração de Wynstan, na véspera, enquanto passeavam em Pompéia.

Sentiu um aperto no coração, pensando que não era provável que Wynstan gostasse do seu tipo: era loura e a mulher que ele tinha beijado, morena.

Com certeza, homens louros preferem mulheres morenas, disse a si mesma, desapontada. Pelo menos vou passar o dia inteiro sozinha com ele. Depois, o que interessa com quem estará?

Como não queria perder tempo, desceu rapidamente para o jardim. E as abelhas voavam em volta das flores e as borboletas pareciam mais lindas do que nunca.

Quando começou a descer para o ancoradouro, viu Wynstan conversando com o mecânico, junto do barco.

Assim que chegou, ele se virou, sorrindo. — Está tudo pronto. Agora, podemos ver se conseguimos bater o recorde de velocidade!

— Será que conseguimos?

— Vamos tentar. Mas, mesmo que voltemos dizendo que andamos cento e cinquenta quilômetros por hora, ninguém vai acreditar!

— Tenho certeza de que não é possível! — Larina exclamou, sorrindo.

Saíram do ancoradouro lentamente, em direção ao mar. Ele ia pilotando e Larina estava em pé a seu lado. Assim que se afastaram um pouco, ela tirou o chapéu.

— Você não pode ficar muito queimada — disse Wynstan.

— Por que não?

— Por que as mulheres devem ter a pele branca, tal como as deusas esculpidas em mármore.

— Acho que não me queimo assim tão facilmente. Além disso, não há sol agora.

O sol que tinha aparecido ao romper da madrugada, desaparecera. O céu estava cinzento e começavam a aparecer nuvens do norte.

Elas vão desaparecer, pensou Larina, cheia de esperança.

Hoje mais do que nunca, queria que fizesse sol.

Wynstan aumentou a velocidade, e, para ela, parecia que voavam

sobre a água.

Longe da costa, o mar estava agitado, mais agitado do que na véspera. As ondas batendo na proa do barco a toda a velocidade pareciam levantá-lo no ar. Larina olhou para trás.

Estavam bem longe da costa. Podia ver o Vesúvio claramente, com a pequena coluna de fumaça saindo como um fantasma pelo ar.

Via Nápoles e, imediatamente atrás, a pequena ilha de Capri.

A medida que avançavam, tornava-se difícil distinguir fosse o que fosse, a não ser o recorte das montanhas.

Era de certa maneira excitante estar rodeada só pelo mar, longe de tudo. Subitamente, o motor deu um estalo e parou.

— Raios!

— O que aconteceu? — perguntou Larina.

Reinava um silêncio profundo, o barco parado, ao sabor das ondas.

— Tenho que descobrir.

Wynstan tirou o casaco, atirou-o dentro da cabine, arregaçou as mangas e abriu um alçapão para ver o motor.

— Sabe o que aconteceu? — insistiu Larina.

— Creio que sim, mas pode ser uma porção de coisas. Creio que devia ter trazido o mecânico.

Isso teria estragado tudo! - pensou ela.

Não podia dizer a Wynstan, mas era maravilhoso estar sozinha com um homem! Uma experiência totalmente nova e que ela sabia que não era correta.

Nenhuma jovem bem-educada devia sair desacompanhada num barco a motor, cheio de invenções modernas, e sem ao menos saber para onde ia.

Sua atitude não só chocaria sua mãe, como todas as pessoas que conheceria, enquanto moravam em Sussex Gardens.

Lembrava-se das senhoras que iam visitar a mãe e daquelas que iam consultar seu pai.

A sala de jantar era sempre usada como sala de espera. Às vezes, ela espreitava as senhoras elegantemente vestidas, lendo as revistas, que as empregadas colocavam todos os dias na mesa. Algumas deixavam um rastro de perfume raro, e, quando entravam no consultório, ela ouvia o fru-fru das anáguas de seda.

Sim, essas ficariam muito chocadas, se soubessem de seu comportamento. Mas, como nunca iam saber, por que se preocupar?

Wynstan, que estava meio metido dentro do cubículo do motor, saiu

um pouco para pedir:

— Dentro de uma das gavetas da cabine você vai achar alguns papéis. Traga aqui, por favor. Entre eles deve haver uma planta do barco.

Larina encontrou os papéis. Quando voltou para dá-los a Wynstan, notou que o mar estava mais agitado do que antes.

O barco agora balançava de um lado para o outro com bastante violência, e ela teve que se segurar para manter o equilíbrio.

Wynstan sentou-se no chão, estudando a planta.

— Posso ajudar?

— Não. A não ser que entenda de motores.

Larina olhou em volta. Agora, quase nem se viam mais as montanhas.

Passado um pouco, começaram a cair os primeiros pingos de chuva.

— Isso é ridículo! — disse ele, irritado. — Eu pensei que sabia tudo sobre motores.

Pegou numa ferramenta e enfiou-se de novo no compartimento, deixando só as pernas de fora.

Larina pensava se devia ir para a cabine, quando caiu uma pancada de chuva tão forte que a deixou completamente encharcada.

O pior era que o barco agora balançava tanto, que ela tinha medo de se mexer, cair e se machucar.

Sentou-se no chão. A chuva batia com toda força em seu rosto e nos ombros, cobertos apenas com a fina musselina do vestido,

Muito tempo depois, Wynstan saiu lá de baixo.

— Não sei o que é — disse, exasperado. — Pensei que eram os pistons, mas testei um por um e não é. — Olhou para Larina. — Por que não se sentou dentro da cabine?

— Balançava tanto, que tive medo de sair daqui.

— Eu ajudo você.

— Para quê? Já estou molhada, posso ficar mais um pouco. Ele sorriu.

— Está com medo? Ela sacudiu a cabeça.

— Só estou dando graças a Deus por não ter enjoado.

— Isso é mesmo uma sorte, e agora temos que contar muito com ela. Parece que vamos ficar por aqui muito tempo.

Pegou mais umas ferramentas e voltou para o motor.

Larina esperou, pacientemente.

A chuva tinha diminuído, mas um vento forte tornava o mar cada vez mais agitado.

O barco era atirado pelas ondas que batiam no casco, espalhando mais

água ainda lá dentro.

Passadas quase duas horas, Wynstan tentou fazer pegar o motor. Na primeira vez não se ouviu nada; depois, fez um barulho e morreu novamente.

De certa forma, já era alguma coisa. Larina levantou-se e foi para junto dele.

— Acha que já descobriu o que estava errado?

— Espero que sim. Havia um fio solto, que eu consertei, mas pode não estar muito firme.

Tentou novamente e o motor pegou durante cinco ou seis segundos depois, parou de novo.

Wynstan tornou a mexer no motor e voltou a tentar dar o arranque.

Desta vez, pegou.

Os dois ficaram aguardando, tensos, mas o motor continuou funcionando direito.

— Você conseguiu! Você conseguiu! — gritou Larina. Wynstan virou-se para ela, sorrindo.

Estavam muito próximos um do outro, e, ao reparar melhor nela Wynstan viu que tinha o vestido completamente colado ao corpo revelando os seios pequenos e as pernas. O vento soltara seus cabelos, que agora caíam quase até a cintura, emoldurando o rosto e os grandes olhos cinzentos.

— Você está igualzinha a uma das sereias que tentaram Ulisses - disse Wynstan.

De repente, ele a puxou para si e a beijou!

Por um momento, Larina sentiu os lábios frios de encontro aos dele depois, algo selvagem e delicioso percorreu seu corpo.

Era aquilo que tinha desejado, aquilo que queria! Os lábios dele para ela pareceu que o mundo lhe pertencia e que as estrelas desceram do céu. Era um êxtase que não julgava possível.

Então Wynstan se afastou, dizendo de uma maneira um pouco estranha:

— Eu falei que você era uma sereia, Larina!

Ele virou o barco lentamente e ela ficou a seu lado, sem se mexer. Impossível fazer alguma coisa, além de se segurar para não cair, sentindo todo o corpo vibrar.

Era mais ou menos a mesma sensação que teve quando se tornou parte das flores e da água; só que mais maravilhosa.

— Tenho que ir bem devagar, senão, o motor pode quebrar de novo. Receio que demore muito tempo, até chegarmos em casa.

Não importa! Nada importa! - Larina tinha vontade de dizer, mas não conseguia falar.

Ficou olhando para o perfil de Wynstan, tremendo ainda com a lembrança do beijo.

Ele conduziu o barco em silêncio durante algum tempo. Depois, perguntou:

— Em que está pensando?

— Numa poesia.

— Então, deve ser o que Sócrates escreveu: “Existem muitas maravilhas, mas nenhuma tão maravilhosa como o homem!” — Deu uma risada. — Isso é comigo! Porque posso garantir que foi uma maravilha ter conseguido consertar esse motor! Se chegarmos em casa sãos e salvos, então, será um milagre!

— E se você não tivesse conseguido?

— Talvez ficássemos à deriva durante horas, dias até, antes que aparecesse alguém. A não ser que nadássemos até a costa. Larina deu uma risada e olhou para a costa longínqua, ainda envolta em nevoeiro. — Só se fosse montados num golfinho!

— Se os deuses se portassem bem, mandariam um golfinho para cada um! — respondeu ele.

Larina não respondeu. Passado um pouco, ele disse:

— Estou interessado em ouvir a poesia que você estava recordando.

— A sua é melhor!

— Estou esperando. Timidamente, ela recitou o verso que parecia não querer sair de sua cabeça, desde que chegara à *villa*.

— “Ele, que acaba de ganhar um novo esplendor, cavalga no ar levado pelas asas de seu vigor humano.”

Embora fosse uma parte de uma ode a Apolo, pedindo sua bênção para aqueles que saíam vitoriosos dos jogos píticos, também aplicava a Wynstan.

Nesse momento, ninguém poderia parecer mais forte e vigoroso do que ele, com a camisa molhada mostrando bem a largura dos ombros os seus braços fortes e o corpo atlético.

— Se está se referindo a mim, esqueceu-se de mencionar uma parte muito importante do poema — disse Wynstan, com um sorriso.

— Qual?

— “Por um breve momento, a alegria suprema, até que caia na terra, despedaçado pela própria perdição.”

Deu uma risada.

— Em outras palavras: o orgulho é prenúncio da queda, e temos que nos lembrar sempre dessas palavras sensatas.

— E por que você cairia? — perguntou Larina. — Tenho certeza de que nunca vai acontecer.

— Espero que tenha razão. Mas é um erro alguém se achar superior ou pensar que é invencível.

— Eu nunca seria capaz de pensar isso. Mas você é diferente. Você sempre consegue o que quer, vai ser sempre capaz de desafiar o impossível e vencer.

— Agora, está novamente parecendo as sereias que encantaram Ulisses. Talvez seja a coisa mais perigosa que uma mulher pode fazer a um homem: fazer com que ele se convença de que é invencível. — Fitou Larina e acrescentou: — É também a melhor coisa que ela pode fazer. Os homens precisam ter alguém que acredite neles, porque no fundo têm medo de acreditar em si mesmos.

— Eu acredito em você — disse Larina num impulso.

— De que maneira?

— Acho que vai conseguir sempre o que quer na vida. Que o que você fizer será para ajudar os outros, e isso é muito importante.

Não tinha muita certeza do que estava dizendo, mas as palavras saíam sem ela querer.

— Obrigado, Larina. Você me fez um grande elogio.

Wynstan parecia estar concentrado no barco e continuaram em silêncio.

Quando finalmente chegaram à *villa*, a tarde já estava no fim. O mecânico esperava e Wynstan contou o que havia acontecido. Enquanto isso, Larina começou a subir a escada para a casa. Mas as saias molhadas dificultavam seus passos, e Wynstan logo a alcançou.

— Você precisa de um banho quente — disse ele, com firmeza. — Mas, primeiro, vai tomar uma bebida.

Embora sob protestos, levou-a para uma sala onde havia várias garrafas e copos em cima de um aparador.

— Estou molhando o tapete!

— É melhor do que apanhar uma pneumonia! Beba isto. Até a última gota!

Era conhaque, e Larina sentiu que queimava da boca até o estômago, mas, como Wynstan tinha mandado beber, bebeu.

Depois foi para o quarto, onde uma empregada já havia preparado o banho. Ficou dentro da água durante muito tempo. Horas depois, desceu de vestido de noite para ir ter com Wynstan que esperava por ela na sala que usava durante o inverno. Tinha a lareira acesa e uma mesa já posta, diante do fogo.

Wynstan levantou-se, assim que ela entrou.

— Se você não está com fome, eu estou!

Larina sorriu, timidamente.

Agora de novo na *villa*, não conseguia se esquecer de que ele a beijara.

Pensou nisso enquanto estava dentro do banho, dizendo a si mesma que ele não tinha dado muita importância. Só acontecera porque ele estava satisfeito por ter consertado o motor e tinha que mostrar essa alegria a alguém.

Para ela, havia sido uma revelação, mas para ele não passava do mesmo beijo de alegria que se dá em uma criança.

Os empregados apareceram com um jantar delicioso e Larina descobriu de repente que estava esfomeada.

— Já pensou que passam mais de sete horas desde que tomamos o café da manhã? — perguntou Wynstan. — Temos que encarar esta refeição como um jantar, porque o almoço já está perdido!

— Não vai me fazer falta — disse Larina, sorrindo. — Nunca comi tanto na vida, como desde que cheguei aqui.

— Eu queria levá-la para almoçar em Ischia, mas fica para outro dia. Amanhã seremos mais cautelosos e iremos só até Capri. Se o motor quebrar, haverá muita gente para nos salvar.

— Eu não tenho medo.

— Você se comportou muito bem. Qualquer outra mulher teria chorado e se lamentado. Muitas teriam tido medo mesmo!

— Só me assustei no princípio, temendo ficar enjoada. Seria indigno.

— E muito pouco romântico, também!

Percebeu que ele olhava para seus lábios e corou.

Wynstan insistiu para que ela bebesse vinho durante o jantar e tomasse um licor depois.

Após a refeição, obrigou-a a deitar no sofá em frente da lareira, com um cobertor de peles sobre as pernas.

— Agora, não estou com frio.

— Mas ainda tenho medo de que apanhe um resfriado. O Mediterrâneo pode ser muito traiçoeiro às vezes. Muda de humor tão

depressa como uma mulher!

— Nós somos assim tão temperamentais?

— Muitas mulheres são, e isso é o que as torna interessantes. Se fossem sempre iguais, tenho o pressentimento de que o mundo seria uma chatice.

Larina sorriu, recostando-se nas almofadas.

— Estou muito cansada e muito satisfeita para ser temperamental só para divertir você. Mas lembre-me amanhã para embirrar com alguma coisa.

Falava brincando, mas, ao dizer a palavra amanhã, a dúvida voltou. Será que amanhã estaria com ele para fazer birra ou lá o que fosse?

— O que está preocupando você? — perguntou Wynstan.

— Como sabe que estou preocupada?

— Seus olhos são muito expressivos. Nunca conheci uma mulher cuja expressão mudasse tão depressa ou que tivesse um olhar tão revelador. — Inclinou-se para ela. — Conte-me o que é que a assusta. Sei que há alguma coisa, vejo medo em seus olhos. Ela hesitou um momento, antes de responder:

— Amanhã à noite, eu conto.

— Promete?

— Eu... prometo.

Amanhã à noite, ele entenderia e não seria preciso ela contar o que estava acontecendo: ele saberia!

O sofá confortável, o fogo quente e o licor faziam com que Larina se sentisse flutuando nas nuvens. Cochilou e Wynstan a acordou, dizendo:

— Está cansada. Levantou-se muito cedo e tivemos um dia cansativo. É hora de ir para a cama.

— Não. Quero ficar... aqui — protestou, sonolenta.

— Vai fazer o que estou dizendo. Se estiver muito cansada para andar, eu levo você.

Antes que Larina pudesse protestar, ele tirou a manta e pegou-a no colo.

— Por que não ser levada para cima, nas asas do meu vigor humano? — perguntou, sorrindo.

Ela deu uma risadinha e encostou a cabeça no ombro dele.

Era uma felicidade que nunca tinha experimentado. Estar em seus braços! Sabia que era muito leve e que ele não teria dificuldade em levá-la para cima.

Wynstan subiu a escada, empurrou a porta com o pé e, ao entrar no quarto, reparou que ela havia adormecido em seu colo.

Com todo carinho, colocou-a na cama. Larina murmurou qualquer coisa, como se lamentasse perder a segurança de seus braços.

— Quer que chame uma das empregadas? — perguntou ele.

— Não. Não é preciso.

— Tenho o pressentimento de que, assim que eu virar as costas, você adormece de novo. Como quero que durma bem, vou esperar que mude de roupa.

Ajudou-a a levantar e desabotoou o vestido nas costas, com mãos experientes.

— Depressa — disse, rindo. — Senão, acabo adormecendo no chão!

Foi até a janela e ficou olhando para o mar.

A chuva tinha parado, mas o céu estava cheio de nuvens, encobrindo as estrelas e a lua.

As luzes de Nápoles brilhavam à distância, e Wynstan continuou olhando para lá, até ouvir uma voz doce dizendo:

— Já estou... deitada.

Ele foi até a cama. Os cabelos de Larina pareciam ouro, contrastando com a brancura dos travesseiros.

Usava uma camisola de musselina, de mangas compridas, presa com laços no pescoço e nos punhos.

Ele puxou o lençol até o queixo dela e deu-lhe um beijo doce nos lábios.

— Boa noite, Larina.

— Boa noite, Apolo... — murmurou, adormecendo antes de acabar de falar.

Wynstan ficou olhando para ela durante algum tempo. Depois, apagou a luz e saiu do quarto.

CAPÍTULO VII

Larina acordou com a empregada abrindo as cortinas.

— Que horas são? — perguntou, cheia de sono.

— Nove e meia, *signorina*. Pensei que queria tomar café.

— Café! — exclamou, sentando-se na cama.

Não queria acreditar que tinha dormido tanto tempo.

Pretendia acordar cedo para ver pela última vez o amanhecer. Por causa do sono, perdera horas preciosas do seu último dia na terra. Estava zangada consigo mesma e sentia um desejo incontrollável de ver Wynstan novamente.

Lembrava-se de que ele a havia levado para o quarto no colo e, embora estivesse meio adormecida, tinha certeza de que a beijara antes de sair.

Só em pensar no beijo que ele lhe dera no barco, sentia uma excitação estranha percorrer o corpo. Uma sensação até então desconhecida e que nem sabia que existia.

Estava molhada e com frio, mas naquele momento, sentiu que ficava em brasa com o ardor dos lábios dele. Deixara de ser um dia cinzento e chuvoso: o mundo parecia brilhar, como se Apolo o tivesse tocado.

Era assim que eu queria morrer, pensou, lembrando-se do que Homero tinha escrito:

“Ilumina o céu e faz com que o vejamos.

Que seja na luz, embora

Tu me mates”.

A luz! Era o que tinha que encontrar, embora estivesse condenada.

A empregada trouxe o café da manhã, numa bandeja onde havia uma rosa branca. Tinha um perfume delicioso, e, quando Larina pegou, disse a si mesma que o que restava de sua vida precisava ter mudado de idéia.

Não ia deixar Wynstan perceber sua apreensão e seu medo. Tentar entrar de novo no meu malcomportado barco a motor! O mecânico rir e ficar alegre. Quando o momento chegasse, ele estaria lá, e talvez que podemos andar quilômetros, sem que volte a acontecer que ela não sentisse medo de morrer, porque não estava sozinha.

Comeu rapidamente e foi tomar banho.

Ficou imaginando se algum dos antigos ocupantes da *villa* teria sabido, como ela, que sua vida estava acabando.

— Não devo ficar pensando nisso — murmurou. — Senão Wynstan vai perceber que estou preocupada.

Sentiu-se reconfortada ao pensar que ele se preocupava com ela querendo saber seu segredo. Tinha prometido contar, sabendo que não ia ser necessário fazer isso com palavras; sua morte explicaria tudo.

Será que ele ia se importar?

Disse a si mesma que estava sendo ridícula.

Por que se importaria com ela, se só a conhecia há tão pouco tempo?

Ele tinha sido amável e gentil, mas esse era seu modo normal. E se a beijara, também tinha beijado a atraente condessa italiana.

— Que vestido vai usar, *signorina*? — perguntou a empregada. Ainda não tinha usado um dos vestidos comprados na Poiret. Era branco, entremeado com fitas azul-turquesa e com uma faixa da mesma cor na cintura.

Nunca teve vestido mais bonito e, instintivamente, guardara-o para o último dia.

Escovou muito bem os cabelos, prendendo-os na nuca.

— A *signorina* está muito bonita! *Bellissima!*

— Muito obrigada! — Aquelas palavras sinceras eram tudo que precisava ouvir.

Desceu, sentindo-se um pouco tímida, embora desejasse ardentemente ver Wynstan.

Ele estava na sala, escrevendo uma carta. Levantou-se quando ela entrou, e Larina percebeu que a olhava com aprovação.

— Estou envergonhada por ter dormido até tão tarde.

— Você tinha toda razão para estar cansada.

— O que é que... nós vamos... fazer hoje?

Gaguejou simplesmente porque para ela era muito importante.

— Prometi levá-la a Capri, a não ser que não queira se arriscar ao que aconteceu ontem.

— Não estou com medo e queria muito ver Capri.

— Então, seu desejo será realizado! Se está pronta, podemos partir agora.

Larina olhou para ele, toda contente.

Tinha trazido o chapéu, e, quando chegaram ao hall, Wynstan pegou um guarda-sol azul que estava em cima de uma mesa.

— Isto era da minha cunhada e acho melhor levarmos. Pode estar muito calor em Capri e vamos tentar encontrar uma sombra debaixo das oliveiras.

Larina olhou para ele, sem entender.

— Pensei que podíamos fazer um piquenique hoje. Quero ir para o sul da ilha, onde, tanto quanto sei, não há restaurantes. Meu cozinheiro já preparou os cestos com tudo que pensa que devemos comer e beber numa ilha tão bonita!

— Então, deve ser ambrosia e néctar!

— Naturalmente! O que mais poderia satisfazer o paladar dos deuses?

Desceram, seguidos por um empregado que levava os cestos. O mecânico estava esperando e garantiu a Wynstan que tudo estava em ordem.

— Espero que tenha razão. E obrigado!

Wynstan pôs o motor em funcionamento e partiram numa velocidade muito diferente da que tinham voltado na véspera.

Hoje o mar estava calmo, sem ondas, e o sol brilhava.

Capri ficava a apenas três quilômetros do promontório de Sorrento.

Quando se afastaram, Larina olhou para trás, pensando que Ulisses estava certo em construir um templo para Atenas num lugar tão lindo.

— Sei o que está pensando — disse Wynstan, sorrindo. — Mas havia muito mais templos em Capri, na época dos gregos.

— Claro — murmurou Larina.

— Quando César Augusto viu Capri, ficou tão encantado com sua beleza, que a comprou da cidade de Nápoles em troca de Ischia. Tibério, que o sucedeu, construiu doze *villas*, dedicadas às doze divindades do Olimpo.

— Ainda existe alguma?

— Pelo menos uma, onde estão fazendo escavações. Mas hoje vai ser um dia muito quente para fazermos muito turismo. Acho que você terá que se contentar com a beleza da ilha.

Não havia dúvida de que era bonita.

Assim que se aproximaram, Larina viu as altas montanhas, sendo a mais alta o Monte Salerno, que parecia azul. Passaram pela Marina Grande, o cais principal, e contornaram os rochedos.

Wynstan apontou para várias grutas, que prometeu mostrar a ela num outro dia.

Então, com o mar de um azul intenso, os rochedos saindo de dentro da água perpendicularmente, com formas estranhas feitas pelo tempo, chegaram ao sul da ilha.

Havia um pequeno ancoradouro.

— Aqui é a Marina Piccola. Temos que deixar o barco e subir. Lamento, mas não há estrada nem carruagem. Espero que esteja com bastante energia!

— E estou!

— Por cima desta marina, ficam os jardins de Augusto. Mas aviso: é uma subida violenta.

— Não tenho medo.

Amarraram o barco, Wynstan pegou os cestos e começaram a subir por um atalho estreito e tortuoso.

Finalmente, chegaram ao topo, onde havia árvores, grama e uma profusão de flores campestres de todas as cores.

— Acho que já subimos que chegue — disse Wynstan.

Larina deu um gritinho olhando para as ruínas, viu dois arcos comidos pelo tempo, que obviamente tinham sido parte de uma construção.

— É esta a *villa* de Augusto?

— É. Era aqui que vinha descansar, planejar até onde os romanos iam estender o seu império e, talvez, decidir como poderia extorquir mais dinheiro e mais escravos dos povos conquistados!

— Não estrague. Quero imaginar que as pessoas eram felizes nesta ilha linda.

Era muito mais bonita do que ela tinha pensado. A cor do Mediterrâneo, que refletia o azul do céu, parecia intensificar o verde da grama e o caleidoscópio de flores.

Wynstan encontrou um lugar confortável, perto de uma árvore, onde colocou os cestos.

Depois deitou-se no chão, apoiado num cotovelo.

— Venha para junto de mim, Larina. Podemos fazer de conta que somos romanos ou gregos, se você prefere, e o mundo, ou o que já foi descoberto dele, será bem perdido, em troca deste pequeno paraíso só nosso.

Fez o que Wynstan disse, e sentou-se ao lado dele, fechando o guarda-sol e tirando o chapéu.

— Você é uma grega! Uma grega pura, com esse nariz reto e cabelos que parecem refletir a luz do sol.

— Não sei se consigo retribuir o elogio!

— Ontem à noite, você me chamou de Apolo! Sentiu que ficava corada e baixou os olhos.

— Eu estava tonta de sono.

— Não estou me queixando! — disse ele, sorrindo. — Se nós fôssemos gregos, mesmo gregos comuns, devíamos pensar em nós próprios como criaturas brilhando numa luz divina.

— Eles pensavam mesmo?

— A vitória naval deles contra os persas na ilha de Salamis foi tão milagrosa que os gregos realmente acreditaram que os deuses estavam presentes, lutando a seu lado.

— Quando foi isso?

— Num quente dia de sol, como hoje, em setembro do ano 280 a.C.

— E depois disso, eles ficaram livres do jugo dos persas?

— Totalmente! E durante cinquenta anos, viveram, pensaram, construíram templos, esculpiram e pintaram como se fossem os próprios filhos dos deuses.

— Por que?

— Acredito que a força prodigiosa que tinham vinha de um fato que, de certa maneira, nós esquecemos e perdemos: eles acreditavam numa força divina que os homens chamam Deus e vida — respondeu Wynstan, pausadamente.

— Acredita que essa força está sempre presente, quando precisamos?

— Tenho certeza. Foi por isso que, no espaço de duas gerações, os gregos conquistaram as regiões mais profundas do espírito humano e, ao fazerem isso, estabeleceram um império para além da mente, que alterou o curso do pensamento humano, até hoje.

— É mesmo verdade?

— Porque houve uma presença divina na Grécia, a mente dos homens pensava mais, seus olhos viam melhor e seus corpos possuíam poderes desconhecidos.

— E hoje?

— Se fizermos um esforço, também podemos encontrar o que os gregos encontraram.

Larina suspirou.

— O que você está querendo dizer é que nós próprios podemos atingir esse poder ou essa divina luz, que não só podemos usar neste mundo, ficando embuídos nela, como fazemos parte dela quando morremos?

A medida que falava, parecia a Larina que Wynstan tinha afastado tudo que a preocupava, tudo que ela não entendia.

— Blake escreveu: “Onde os outros vêem apenas a alvorada vindo do cimo das colinas, eu vejo os filhos de Deus gritando de alegria!” — Sorriu

para Larina e continuou: — Os gregos viam-se a si próprios como os filhos de Deus, e o eco do seu grito de alegria pode ser ouvido através dos tempos. Nós podemos fazer o mesmo!

— É o que quero fazer. Acho que foi o que sempre quis, mas você agora tornou isso claro para mim.

— É Capri que consegue, mais do que qualquer outro lugar fora da Grécia.

Wynstan deitou-se para trás, olhando para os galhos das árvores.

— Aqui é tão fácil acreditar! Longe do barulho do trânsito e das máquinas, longe dos imponentes arranha-céus! As construções dos homens diminuem os próprios homens.

— Sei o que quer dizer.

Não havia necessidade de traduzir em palavras que a luz transparente, o azul, o resplendor da ilha eram tão intensos e tão tranquilos que ela podia saltar para o céu ou para o mar e passar a fazer parte deles.

Aqui em Capri, a mente se soltava, o medo e os problemas desapareciam, ficando apenas a beleza.

Eles estavam em silêncio, mas havia uma tal afinidade entre os dois, que Larina sentia como se Wynstan a estivesse tocando.

Passado um longo tempo, ele disse:

— Não sei quanto a você, mas estou morto de fome! Tomei o café muito cedo.

— Era o que eu queria fazer, e fiquei furiosa comigo mesma por ter dormido tanto.

— Vamos abrir os cestos para ver o que temos para comer? Larina abriu os cestos e desatou a rir.

— Tem comida aqui para um exército inteiro!

— Não há nada que os italianos gostem mais do que um piquenique. — Abriu uma garrafa de vinho branco. — Devia estar mais gelado. A única coisa que falta em Capri, às vezes, é água. Mesmo assim, ou talvez por influência divina, as vinhas, os laranjais e os jardins são muito férteis. Sempre me disseram que aqui há mais variedades de flores e de arbustos do que em qualquer outro lugar da Itália. — Deu um copo de vinho a Larina. — Beba devagar, pensando que é néctar. Se os deuses têm um paladar apurado, eu também tenho.

Larina obedeceu e exclamou:

— É delicioso!

— Foi o que pensei — disse Wynstan, sorrindo.

Larina começou a tirar os pratos das cestas. Havia um patê de peixe tão fino e macio que parecia derreter na boca; fatias de presunto, também fininhas, e pequenos doces napolitanos, conhecidos como *sfogliatelle*, feitos de massa e com um recheio tão delicioso que era difícil adivinhar os ingredientes.

Tinha também azeitonas, indispensáveis em qualquer refeição italiana; croquetes de batata e queijo, um dos petiscos mais populares em Nápoles; e vários queijos.

Estava tudo uma delícia. No fim, Wynstan insistiu em descascar um pêssego para ela colocar no vinho branco.

Para terminar, café, que Wynstan saboreou mais que Larina.

— Agora estou melhor! — disse ele.

— Eu também. Mas o pior é que agora estou cheia de preguiça e sem coragem de ir ver a ilha. — Guardou tudo dentro dos cestos e olhou para Wynstan, que se deitara. — Acho que devíamos ir ver o resto de Capri — arriscou.

— Está muito calor. Nenhum italiano razoável faz alguma coisa a esta hora do dia. Deite-se um pouco, Larina. Uma sesta é tão boa para a alma como para o corpo.

Como ela não queria ir sozinha, fez o que ele sugeriu. Deitada na grama macia, estava inebriada com a fragrância das flores, o frescor do ar, como se tudo ali fosse jovem e inexplorado.

— Assim está melhor! Não gosto de mulheres elétricas!

— É isso que eu sou?

— Não. Você tem uma serenidade de que gosto e que invejo.

— Tal como eu invejo você.

— Por quê? — Apoiou-se num cotovelo, olhando para ela.

— Invejo você porque parece sempre tão seguro e tem tanto que fazer neste mundo.

Wynstan não respondeu. Ficou olhando para ela, que se sentiu tímida com a expressão do olhar dele. Subitamente, disse:

— Você é encantadora! Mais encantadora do que qualquer outra pessoa que conheço!

Seus lábios se encontraram, e Larina sentiu que ele desceu do céu para possuí-la.

Seu beijo de início foi doce e suave, depois, ficou mais insistente, e ela estremeceu de prazer.

Era como se uma luz invadissem todo o seu ser, fazendo-a sentir um

encantamento indescritível. Como se toda a beleza que os rodeava estivesse no beijo de Wynstan: o azul do mar e do céu, o mistério da ilha, as flores e as folhas das árvores.

Não havia mais nada no mundo inteiro, além de Wynstan. Ele preenchia o universo e ela própria tinha perdido a identidade.

Finalmente, ele levantou a cabeça um pouco, para dizer:

— Minha querida, não consigo resistir a você! Você me escravizou desde o primeiro momento em que a vi no templo e pensei que era Afrodite!

— Eu pensei... que você era... Apolo! — murmurou. Quase não podia falar. Era difícil fazer alguma coisa, além de estremecer com a maravilha daquele beijo.

— O que mais nós dois podemos querer? — perguntou Wynstan. Voltou a beijá-la: a boca, os olhos, a testa, o pequeno nariz, o rosto, as orelhas e a boca de novo.

Para Larina, o tempo tinha parado; só restava uma glória que a envolvia, impedindo-a de pensar.

Depois, Wynstan desabotoou a gola de musselina, beijando-lhe o pescoço.

Ela estremecia, dominada por aquela sensação nova e desconhecida. A respiração ficou ofegante e as pálpebras, pesadas, embora não estivesse com sono...

— Como é que alguém pode ser tão bonita? — perguntou ele, muito tempo depois, acariciando o rosto de Larina. — Seu rosto é perfeito! Soube desde o primeiro momento em que a vi, que você estava gravada na minha mente desde pequeno, quando olhei a estátua de Afrodite, no templo!

— Pois no dia em que o conheci tinha pensado em Apolo todo o tempo. Quando o sol começou a desaparecer, achei que Apolo levava a luz para o outro lado do mundo, deixando-me nas trevas. Então, quando me virei, você estava lá!

— Se eu tivesse feito o que sabia instintivamente que devia fazer, teria tomado você em meus braços. Não haveria necessidade de explicações, querida. Beijaram-se de novo e Larina se chegou mais a ele, sentindo no corpo uma sensação que não podia entender. — Amo você! Amo você! — repetiu ele sem parar. — Procurei você toda a minha vida. Toda mulher bonita que encontrei me decepcionou porque não era você! — Beijou-lhe o rosto e os cantos da boca e continuou: — Havia sempre alguma coisa faltando, algo que eu não podia definir, mas que meu coração sentia.

— Foi por isso que você nunca casou? — perguntou Larina.

Sentiu que aquelas palavras tiveram o efeito de uma pedra atirada na água, provocando uma ondulação que se multiplica. Wynstan demorou a responder.

— Nunca pedi uma mulher em casamento até agora. Você tem segredos para mim, Larina. Segredos que prometeu me revelar esta noite. Não me importa o que é. Seja lá o que for que tenha feito ou que esteja escondendo, não tem importância. — Estreitou-a mais nos braços. — Nós dois sentimos uma comunhão de espírito. Você é tudo que o meu coração procurava, e isso é o que importa. Voltou a beijá-la, agora apaixonadamente.

— Amo você! Amo você!

— E eu amo... você! Oh, Apolo!

Ele a beijava sem parar, seus lábios roçando o pescoço dela. Larina pensou que era assim que devia morrer, fazendo parte dele e ele dela. Não haveria medo nem sofrimento.

— Você vai me amar completamente — sussurrou. — Como um homem ama uma mulher e a torna...sua. Quero pertencer a você!

Parou de falar, ao sentir que Wynstan ficava tenso. Naquele momento, percebeu que tinha cometido um erro! Sem dizer uma palavra, ele se levantou devagar e foi olhar o mar. Larina sentou-se.

Tinha perdido Wynstan, e agora sentia uma dor tão forte, como se uma faca estivesse enterrada em seu coração.

Ele ficou parado, olhando para o mar, e ela também não se mexeu, olhando-o, apreensiva.

Finalmente, Wynstan deu um suspiro que parecia vir do fundo do coração.

— Acho que devemos voltar. Temos muitas coisas para conversar e não quero que você fique fora até a noite.

Larina teve vontade de protestar, de correr para ele, dizendo que não queria dizer aquilo, pedir que a beijassem novamente. Mas as palavras não saíam.

Não havia mais nada a fazer, senão pegar o chapéu e o guarda-sol e segui-lo.

Wynstan apanhou os cestos, e ela começou a descer sem olhar para ele.

Wynstan conduziu o barco em alta velocidade, mas, enquanto rodeavam a ilha, Larina teve muito tempo para ficar tentando descobrir uma maneira de fazê-lo entender por que tinha dito aquilo.

Talvez morresse antes de chegar à *villa*.

Mas todo o seu ser reclamava que devia morrer nos braços dele, com

as bocas unidas.

COM O BARULHO do motor, era impossível conversar, e a cada segundo que passava Larina tinha medo de que fosse tarde demais.

Deram a volta à ilha, mas, em vez de ir direto para Sorrento, Wynstan virou-se para ela, sorrindo, e disse:

— Perdemos nosso chá inglês. Estou pensando que talvez, antes de acabar o nosso passeio, possamos parar na Marina Grande e comer ostras. O que acha?

Pela maneira gentil como falava, Larina concordaria com qualquer coisa.

— Seria... ótimo!

— Eles têm mariscos e camarões grandes que estou certo de que vai gostar.

Voltava a ser gentil e encantador com ela, como antes, afastando o que havia aborrecido ou intrigado.

Embora desejasse ouvir sua voz profunda dizendo que a amava e ver a expressão de amor em seu olhar, Larina estava mais contente. Ele falava com ela e não parecia zangado.

Como é que eu fui sugerir uma coisa tão... errada? - recriminou-se.

Tinha sido um momento de desespero, porque sabia que só lhe restava pouco tempo e amava Wynstan profundamente.

Nada mais importava, a não ser ele! Não existia mais nada no mundo, além dos lábios dele!

Quando eu morrer, Wynstan vai entender, pensou, com tristeza.

Chegaram à Marina Grande. Quando atracaram o barco, o sol estava se pondo, fazendo com que as casas à beira-mar tomassem uma cor avermelhada e dourada.

— Vou pegar as ostras e o que houver mais para comermos. Enquanto isso, você põe a mesa na cabine — disse Wynstan.

— Está bem. — Quando ele se preparava para desembarcar, perguntou: — Você vai... demorar?

— Não. O restaurante é muito perto. Só demoro uns minutos. Havia um monte de garotos no cais, querendo ajudar a amarrar o barco. Olhavam entusiasmados, apontando para o motor e conversando entre si.

Larina foi para a cabine. Encontrou uma toalha vermelha e branca que colocou na mesa. Na mesma gaveta estavam os garfos, facas e tudo mais que era preciso.

Depois de arrumar a mesa, foi até o espelho, para se pentear.

Reparando que estava pálida.

— Oh, Deus, faça com que ele entenda! — pediu. Eu o amo! Eu o amo desesperadamente! Faça com que ele entenda e me ame, antes... que eu morra!

Satisfeito, Wynstan descobriu que o restaurante que ele conhecia desde as primeiras vezes que tinha vindo a Sorrento ainda existia.

Era famoso pelo peixe, mas principalmente pelas ostras e mariscos.

Do lado de fora, havia tanques com peixes. Quando era pequeno, achava divertido escolher o peixe que queria comer e ver o garçom apanhá-lo com uma rede.

Entrou e encomendou uma lagosta, servida com salada e guarnecida com camarões.

— O *signor* tem que experimentar a nossa *zuppa di cozze* — sugeriu o proprietário.

Wynstan sabia que era uma sopa de mexilhões, especialidade da casa.

— Demora muito?

— Cinco minutos, *signor*, e vou mandar dentro de um prato coberto para ir para o barco, desde que me prometa devolver o prato!

— Claro. Então, quero a *zuppa di cozze* e duas dúzias de ostras abertas. Mas vou levar a lagosta e o vinho agora.

La saindo do restaurante, quando ouviu uma voz chamando por ele:

— Wynstan! O que está fazendo aqui?

Era Nicole. Como de costume, rodeada de homens e muito atraente.

— Fazendo compras, como pode ver.

— Parece muito doméstico, mas não vou fazer perguntas. É evidente que não pode comer isso tudo sozinho.

— Alô, Wynstan — cumprimentou alguém que se aproximava. Wynstan apertou-lhe a mão.

— Alô, Chuck. Não o vejo há anos.

— Cheguei esta manhã. Nicole disse que você estava em Sorrento e espero que possamos nos encontrar para conversar sobre os velhos tempos.

— Espero que sim — respondeu Wynstan, automaticamente.

— A propósito, lamento sobre seu irmão, mas ele não tinha mesmo muita chance de derrotar Roosevelt.

— Roosevelt foi reeleito? Eu já esperava!

— Sim, ele está de volta na Casa Branca — disse Chuck. — Se quiser, tenho o jornal de ontem, que comprei em Roma.

— Obrigado.

— Vamos, Chuck — interrompeu Nicole. — Temos convidados para jantar e vamos chegar atrasados, se não formos embora já. Venha se encontrar conosco se tiver vontade. Sabe que quero estar com você - disse para Wynstan.

— Acho que vou sair daqui muito tarde.

Ela já devia ter recebido seu bilhete e estava se comportando de maneira sensata.

— Tome o jornal. — Chuck entregou-o a Wynstan e correu atrás de Nicole que se afastava.

Wynstan foi pegar o resto das compras, dando tempo para que eles fossem embora.

Voltou para o barco, onde Larina o esperava, sorrindo.

— Aqui está a primeira rodada. — Passou o cesto para ela. Tenho que voltar para pegar uma coisa de que você vai gostar, com certeza.

— O quê?

— *Zuppa di cozze*. Você vai adorar. Não me demoro.

Larina colocou o cesto na cabine e começou a tirar as coisas. Pegou o jornal e colocou em cima do banco; depois, tirou a lagosta, reparando como a travessa estava bem decorada. Havia ainda duas garrafas de vinho, pão e manteiga. Não estava com fome. Desde que tinha dito aquela frase infeliz, parecia sentir um aperto na garganta e no peito.

Como não queria estragar o momento pensando em coisas desagradáveis, resolveu ler o jornal.

Era um jornal americano, publicado em Roma, em inglês.

ROOSEVELT VOLTA A SER PRESIDENTE

Leu a manchete, imaginando se Wynstan se interessaria por política. Ele nunca tinha falado no assunto e ela achou que, se aquelas eleições fossem na Inglaterra, ninguém falaria de outra coisa.

Continuou a ler e, de repente, deu um grito como um animal ferido. Sua voz ecoou por toda a cabine. Com um gesto violento, atirou o jornal no chão, saltou do barco e começou a correr sem parar!

Wynstan teve que esperar mais tempo do que pensava.

— Está quase pronta, *signor*. Só mais um segundo! — prometia o proprietário.

Finalmente, quando a sopa ficou pronta, o homem mandou um garçom levar tudo para o barco.

O sol já desaparecia no horizonte e a noite chegava trazendo as primeiras estrelas.

Wynstan olhou para o céu, lembrando-se de que haveria lua cheia e assim não teria dificuldade em voltar para Sorrento.

Conversaria com Larina e não haveria mais segredo entre eles. Já não se sentia apreensivo pelo que ela lhe dissesse. Sabia que a havia magoado, trazendo-a de volta à realidade. Mas não tinha conseguido impedir de se sentir culpado em relação a Elvin.

Precisava saber! Tinha que ouvir as explicações dela sobre o que a mantinha preocupada e a razão daquele telegrama para os Estados Unidos.

Chegaram ao barco.

Não havia sinal de Larina, e Wynstan pensou que ela estivesse deitada na cabine.

Pegou as coisas que o garçom levava, colocou em cima da mesa e deu uma gorjeta ao homem.

— Voltei, Larina! Com o nosso banquete! Para sua surpresa, a moça não estava. Deve ter ido dar uma volta, pensou.

Foi buscar as coisas, colocou tudo na mesa e saiu novamete.

Não havia sinal de Larina no cais, e o que o intrigava era que ela não podia estar passeando por ali sem que a visse.

Onde poderia estar?

Não existia nenhuma loja por ali e já escurecia.

Wynstan voltou para o cais e olhou em volta. Os restaurantes e os cafés já tinham as luzes acesas e havia pouca gente: apenas alguns pescadores, aprontando os barcos para o dia seguinte. Talvez Larina estivesse no fundo do barco e ele não tivesse reparado bem.

Voltou para procurá-la. Sem resultado.

Apesar do que tinha dito na véspera, ela não era uma pessoa imprevisível, sendo sempre razoável, ao contrário de todas as outras mulheres que conhecia.

Não devia estar longe.

Saiu da cabine e ficou na frente do barco. Não se conseguia ver muito longe na escuridão, mas não havia sinal de Larina. O vestido dela era branco e chamaria a atenção.

Intrigado, voltou para dentro outra vez.

Foi então que reparou no jornal atirado no chão. Pela maneira como estava, Larina devia ter lido.

Pegou-o e leu o título:

ROOSEVELT VOLTA A SER PRESIDENTE

Não era essa notícia que poderia ter causado algum aborrecimento, pensou; a não ser que houvesse mais alguma informação sobre a família do candidato derrotado.

Leu com atenção. Dizia que Harvey tinha tido uma boa votação, mas não o suficiente. Não havia nada que pudesse ter aborrecido Larina ou que a fizesse associar a eleição com ele.

Então, mais abaixo, reparou numa nota de Londres. Leu automaticamente, sem perceber por quê:

MÉDICO LOUCO

FAZ-SE PASSAR PELO MÉDICO REAL

“Angústia para aqueles a quem foi dada uma falsa sentença de morte.”

“George Robson, médico, que no ano passado foi banido do Conselho de Medicina por falta de ética profissional, foi preso hoje em Londres por se ter feito passar por sir John Coleridge, médico da família real.

Sir John, que estava de férias no exterior, deixou sua casa entregue a um zelador. George Robson, que odiava sir John, por ele ser um dos que o condenaram, conseguiu entrar na rua Wimpole, 55. Prendeu o zelador num quarto, onde depois o estrangulou, e passou a atender os pacientes.

Robson foi suficientemente esperto para atender só os novos pacientes, que não conheciam pessoalmente sir John. A farsa só foi descoberta quando sir John voltou, quatro dias antes da data prevista.

George Robson tinha deixado a casa na véspera, mas sir John foi procurado por um paciente furioso, que queria a confirmação do diagnóstico. Descobriu-se então que todas as pessoas que se consultaram com George Robson no último mês tinham sido informadas de que teriam apenas e exatamente vinte e um dias de vida.

Ele dizia que sofriam de um estranho e raro defeito congênito no coração e que era uma autoridade no assunto. Garantia que os pacientes não tinham a menor esperança de sobreviver. Sir John está tentando fazer contato com todas as pessoas que possam ter sido atendidas por George Robson, mas isso levará algum tempo e não existe uma certeza do número exato.”

Wynstan leu a reportagem rapidamente, e depois com toda a atenção. Agora, tinha a explicação para tudo que o intrigara, para o segredo de Larina. Precisava encontrá-la depressa.

Saltou do barco e começou a correr pelo cais. Ela não devia ter virado à direita, na direção das casas e das lojas; devia ter ido para o lado das colinas.

Havia um atalho, estreito e tortuoso. Instintivamente, ele soube que foi por lá que ela seguiu.

Começou a subir, dando graças a Deus por haver luar.

Continuou, passando pelas oliveiras, no meio das rochas, procurando uma mancha branca.

Quase uma hora depois, viu Larina, sentada numa rocha. Aproximou-se devagar para não assustá-la. Estava com a cabeça escondida nos braços, tremendo convulsivamente.

— Está tudo bem, minha querida! Agora, eu entendi.

Pensou que ela fosse protestar, mas, em vez disso, agarrou-se a ele, escondendo o rosto em seu ombro.

— Está tudo bem! Você não precisa ter medo de mais nada. Tudo terminou!

Sentiu que estava gelada.

Levantou-a e pegou-a no colo.

Ela murmurou qualquer coisa, depois passou o braço em volta do pescoço dele e escondeu o rosto novamente.

Wynstan não saberia dizer como conseguiu descer com Larina por aquele autêntico caminho de cabras!

Felizmente, não escorregou nem tropeçou.

Assim que chegaram ao barco, levou-a para dentro da cabine e deitou-a num dos bancos. Mas, quando ia se levantar, ela deu um gritinho de medo e abraçou-o com força.

— Quero que você beba alguma coisa, meu amor — disse ele.

Foi então que ela começou a chorar, convulsivamente, com soluços que sacudiam todo seu corpo.

Abraçou-a e protegeu-a, como se fosse uma criança, dizendo-lhe palavras de consolo.

— Está tudo bem agora, meu amor, minha querida, minha preciosa Afrodite! Você não vai morrer! Você vai viver! Já não há mais nada para se preocupar.

Os soluços de Larina começaram a abrandar, e Wynstan tirou o lenço para secar as últimas lágrimas.

— Por que não me contou? — perguntou, depois que ela bebeu um copo de vinho.

— E... Elvin disse... que viria ter comigo... se eu alguma vez

precisasse e se eu estivesse morrendo. Eu não... me atrevia... a dizer a mais... ninguém.

— Posso compreender. Mas Elvin, minha adorada, morreu!

— Morreu?

Ela ficou muito quieta.

— Eu estava com ele, quando morreu, — continuou Wynstan. — E ele disse uma coisa que só agora entendo. Elvin disse: “E maravilhoso estar livre! Diga a... “ Agora, tenho certeza de que ia dizer o seu nome. Mas, se disse, não pude ouvir.

Larina suspirou profundamente.

— Em que dia... ele... morreu?

— 23 de março.

— Ele disse que... ia chamar por mim, quando estivesse... morrendo.

— Talvez tenha tentado — respondeu Wynstan, suavemente. Larina deu um grito.

— O que foi?

— No dia 23! Eu sabia! Eu sabia! Ele veio ter comigo, como prometeu!

— Como?

— A que horas ele morreu?

— Pelas dez da manhã.

— Não há cinco horas de diferença entre Nova York e Londres?

— Sim, há.

— Então... foi à tarde! Eu tinha ido ao Hyde Park e estava sentada junto da Serpentina. Como me sentia muito sozinha, chamei... Elvin e ele veio ter comigo... do seu jeito. Ele veio!

Larina falava de uma maneira comovida, e, ao olhar para Wynstan, ele voltou a ver lágrimas em seus olhos. Só que, desta vez, eram lágrimas de alegria.

— Ele manteve a promessa! Só que eu não entendi que ele estava me trazendo a vida e a luz.

— Foi o que ele encontrou, querida.

— Agora entendo. E acho que ele deve ter mandado você... para mim.

— Tenho certeza. Mas por que você fugiu? Ela voltou a esconder o rosto e sussurrou:

— Eu estava tão envergonhada... do que disse. — Wynstan abraçou-a com mais força, e ela continuou: — Não sei ao certo o que os homens e as mulheres fazem, quando se amam, mas deve ser maravilhoso porque os deuses costumavam tomar a forma humana...

Calou-se.

— É maravilhoso, minha querida, quando duas pessoas se amam.

— Eu pensei que devia morrer enquanto você fazia amor comigo.

— Vou amar você, minha pequena e adorada Afrodite, mas não vai morrer.

Larina nunca poderia saber o que Harvey tinha suspeitado e o que ele mesmo pensara durante a viagem de Nova York.

Harvey nunca entenderia o que tinha acontecido realmente. Nem Gary. Mas talvez, um dia, pudesse contar para a mãe.

Tinha encontrado Larina, e isso era o que interessava. Estavam juntos, como Elvin gostaria que estivessem.

Deu um beijo na testa dela, dizendo:

— De repente, tudo parece tão simples, meu amor. Todas as dificuldades, todas as complicações e segredos desapareceram!

— É como se a luz voltasse a brilhar. Eu tenho tido medo, tanto medo de morrer, e de morrer sozinha! — Deu um profundo suspiro. — Nunca mais vou ter medo. Nem mesmo quando minha hora chegar. Foi o que Elvin me ensinou. — Fez uma pausa e acrescentou, timidamente: — E você... também!

— Temos tanta coisa para fazer juntos, antes de morrer! Você disse ontem que eu devia trabalhar em benefício dos outros. Creio que achei uma coisa que me interessa e a você também, espero.

— O que é?

— Quando estive na Índia, o vice-rei, lorde Curzon, pediu minha ajuda para restaurar os magníficos templos e monumentos indianos que estão sendo destruídos. Eles fazem parte da herança do mundo e se ninguém se der ao trabalho de salvá-los vão se perder para a posteridade. — Voltou a beijar a testa dela. — Acho que é uma coisa que podemos fazer juntos, minha querida. E, o que é mais importante, nós dois vamos adorar.

— Você... realmente... me quer?

— Quero você muito mais do que consigo traduzir em palavras. Quero você, não só porque é tão linda, mas também porque sinto uma necessidade espiritual de tê-la comigo para o resto da vida.

— Eu... também.

— Vamos casar imediatamente e passar a lua-de-mel na Grécia! Larina deu um gritinho de alegria e ele acrescentou:

— Isso a faz feliz?

— Não consigo imaginar nada que me desse maior felicidade do que ver a Grécia e estar com... Apolo!

Quase não conseguiu dizer as últimas palavras, sufocada pelos beijos de Wynstan.

Havia paixão em seus beijos e uma magia, um encantamento sagrado, diferente das outras vezes.

Como se ele a tivesse carregado até o Olimpo e os dois se transformassem em deuses.

— Amo você! Meu Deus, como amo você, Larina!

A voz parecia muito distante, e só restava a luz. Uma brilhante luz de vida, afastando a sombra da morte.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do-sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

RAPSÓDIA DE AMOR

“Fogo! Fogo!” Por um momento, a platéia ficou imóvel. Depois, houve um verdadeiro pandemônio. Tudo aconteceu tão depressa, que Orlena continuou sentada ao piano, atônita. O incêndio começara durante seu número, e em poucos minutos as chamas devoraram as cortinas do palco, as vigas do cenário, o poço da orquestra. E já alcançavam os camarotes. “Fuja!”, seu coração ordenava. Mas as pernas se recusavam a obedecer. Agora, estava cercada pelo fogo, não havia mais por onde escapar. Sufocada pela fumaça, pensou pela última vez no conde. Blair nunca saberia o quanto o amava. Nem por que tinha sido obrigada a fugir dele... para a morte!